

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E PSICOPATOLOGIA
1998-2000

*A SEXUALIDADE FEMININA
EM TORNO DA MENOPAUSA*

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E PSICOPATOLOGIA REALIZADA SOB A ORIENTAÇÃO DO
PROFESSOR DOUTOR CARLOS AMARAL DIAS

Ref. 15731

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

BIBLIOTECA

Selma Calasans Rodrigues
Lisboa, 2002

A todas as mulheres de minha vida

À minha mãe

À minha irmã

Às minhas amigas

Às minhas três netinhas

Marina, Mariana, Heloisa

dedico esta reflexão.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Carlos Amaral Dias, o Maestro orquestrador de nossos pensamentos,
o agradecimento infinito pelas suas lições,
pelas indicações bibliográficas,
especialmente pelas supervisões,
pela amizade e pelo incentivo constantes.

À psicanalista e amiga Christinne Laznik, a quem agradeço a escolha do tema, a quase toda
bibliografia específica sobre a menopausa,
a corrente de amizades e de diálogos que ela
proporcionou por todo o Brasil, em Portugal
e na França, a propósito sempre do assunto;
a sua generosidade.

À Doutora Isabel Leal, por ter-me permitido colher os dados do meu trabalho na
Maternidade Alfredo da Costa.

À amiga psicanalista Cecília Scodeller,
pela leitura atenta e delicada da Dissertação.

Às médicas ginecologistas Ana Fatella e Amália Martins
da Maternidade Alfredo da Costa,
pelo apoio irrestrito e
o acolhimento amigo.

À minha amiga Beatriz Weigert
por tudo

A Carlos, meu marido, pelo apoio amoroso e pela alegria compartilhada
dia a dia.

La dernière touche sera pour la note bleu, pour fixer cette sortie du miroir de la mélancolie de cet âge avant de se lancer dans la création tangible. Beaucoup de femmes révèrent le bleu passionnément, les couturiers qui aiment les femmes les savent bien; ce bleu c'est le bleu que Givenchy a créé, on l'a vu, le "bleu Sonia". Marguerite Yourcenar, avec la somme que lui rapportera son premier travail d'écrivain, s'achète un vase bleu Lalique qu'elle gardera toute sa vie. Ce bleu n'est pas le bleu de Chine, ni le bleu de la Marine (qui sont bleus masculins), ce n'est même pas celui du roi, déjà plus lumineux, c'est celui d'outre-mer(e). Ce bleu a passionné les peintres. Au Moyen-Âge, ils craignaient toujours d'en manquer, sa fabrication étant très limitée. Les mécènes faisaient venir d'au-delà de la Méditerranée des lapis-lazulis (du latin *lapis azurum*) qu'on pilait et qu'on mélangeait à un liant. Cette couleur était plus précieuse encore que l'or, on ne l'utilisait que pour peintures sacrées et c'était souvent une mère, celle de l'Enfant Dieu, qui se profilait sur ce fond intense. Colette, qui avait toujours gardé, tel un objet fétiche, une robe de Sido en soie bleu, lorsqu'elle écrivit à 56 ans le livre de sa mère, qu'elle intitula sobrement *Sido*, prit des ciseaux, recouvrit le manuscrit d'un morceau de cette robe et jeta le reste: "Ainsi la robe bleu habille encore Sido."

Ce geste, dans un raccourci saisissant, nous montre que "faire la peau de sa mère en soi(e)" relève bien de la sublimation. C'est en ce sens que je dis que l'imgo maternelle est diffractée, devenue "quantique". C'est une situation limite où le monde lui-même se dissout, seul le rythme de la pulsion est perceptible, créant un espace vertigineux, une liberté nouvelle. Cézanne parlait ainsi de cet instant où tout est changé: "Une sorte de délivrance... Une logique aérienne, colorée, remplace brusquement la sombre, la têtue géométrie... Je vois. Par taches... Une nouvelle période vit. La vraie!" Nous nous y harmonisons avec une vibration, entre imaginaire et symbolique, dans l'instant créateur. (Madelaine Gueydan)

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO

2– QUESTÕES TEÓRICAS

2.1– O “continente negro” revisitado

- 2.1.1 – Sexo e organização familiar.....15
- 2.1.2 - A sexualidade humana.....18
- 2.1.3 – Tornar-se mulher em Sigmund Freud.....22
- 2.1.4 – Mulher ou homem: o tornar-se em Jacques Lacan.....33

2.2 – A *pausa* no meio da vida: reflexões a partir da psicanálise

- 2.2.1 – As possíveis saídas da mulher em menopausa.....41
- 2.2.2 - A menopausa em Freud.....46
- 2.2.3 – Helen Deutsch: Psicanálise das funções sexuais da mulher...52
 - a) Sobre Helen Deutsch
 - b) O último capítulo
- 2.2.4- Paul Roazen comenta Helen Deutsch.....60
- 2.2.5– Françoise Dolto: Menopausa e velhice62
 - a) Tipos femininos
 - b) Idade: mulher *versus* homem
- 2.2.6– Madeleine Gueydan: *Mulheres em menopausa*65
- 2.2.7– Christine Laznik: *Sexualidade feminina na menopausa*.....72

2.3– Aportes bibliográficos anglo-saxões sobre a menopausa

- 2.3.1 - Therese Benedeck.....79
- 2.3.2 - Posições contemporâneas: painel da APA.....85

3 – A MENOPAUSA VISTA PELA ANTROPOLOGIA

3.1 - Françoise Heritier: as sociedades tradicionais:

destinos da mulher em menopausa.....	93
3.2 – Outros aportes antropológicos.....	100
4 - A MENOPAUSA VISTA PELA LITERATURA	
4.1 –A derrelicção em <i>Senhora D</i>	104
4.2 - Uma metáfora do reviver: <i>Aura</i> de Carlos Fuentes.....	105
4.3 - A paixão incestuosa: Thomas Mann e Stephan Zveig....	108
4.4 - Um amor de outono: Simone de Bouvoir e Sylvie.....	120
5- CASOS CLÍNICOS	
5. 1 - Dentro da clínica: variações em torno de um tema.....	128
5. 2 – Experiências.....	130
5. 3 – Casos clínicos examinados	
5.3.1 – CREUZA: a paixão incestuosa que “mata”.....	133
5.3.2 – MARIA da PENHA: fixação pré-edipiana à mãe.....	169
5.3.3 – MARIA: uma culpa paralisante.....	180
5.3.4 – ELISA: as duas mães.....	192
6- CONCLUSÕES.....	205
7- BIBLIOGRAFIA.....	209

I - INTRODUÇÃO

O fenómeno da menopausa

Muito pouco tem-se pesquisado em psicanálise sobre a questão da menopausa. Chega-se frequentemente a colocar a pergunta: será que a menopausa deve ser estudada, do ponto de vista psíquico, em particular, ou será que as reacções da mulher em face desse fenómeno do meio da vida não serão apenas consequências das dificuldades de sempre do sujeito em questão? Talvez seja mais importante considerar que a vivência de luto de uma parte do corpo da mulher nesse período que, de resto coincide com outros lutos (a saída dos filhos de casa, a perda de parentes próximos, muitas vezes perda do próprio vínculo matrimonial e ainda da beleza física ligada à juventude), possa ser o motor de ressignificação de vivências psíquicas recalçadas ocorridas especialmente na primeira infância e na adolescência. A verdade é que existe algo em comum na queixa das pacientes nos consultórios de ginecologia: uma quase totalidade vem com depressão associada a esse período de vida.

Afirmo que há poucas reflexões psicanalíticas em torno da menopausa. Entretanto devo salientar que este ano já dispomos de uma tese de Doutorado de Christine Laznik defendida na França, que se intitula *Sexualité féminine à la ménopause: La féminité revisitée* (2002). Dispomos apenas de um livro inteiro editado que aborda, do ponto de vista da psicanálise, a menopausa, o de Madeleine Gueydan, *Femmes en Ménopause* de 1993. Também devemos lembrar que foi editado este ano o livro da psicóloga brasileira, residente em São Paulo, Eliane Marracini que descreve uma experiência bastante interessante de grupo de mulheres

em menopausa: *Encontro de Mulheres. Uma experiência criativa no meio da vida* (2002).

Abordar a questão tabu não tem sido, pelo que se vê, fácil. Christine Laznik levanta a questão de que a menopausa provoca pavor (*effroi* em francês). Os demais estudos sobre a menopausa são sempre atrelados aos da feminilidade em geral, são capítulos pequenos de obras maiores. O mais importante trabalho até hoje feito e o pioneiro é o de Helen Deutsch (1939), discípula e analisanda de Freud que dedica ao tema o último capítulo de sua obra, *A sexualidade feminina*.

Nos Estados Unidos, foram as jornalistas as primeiras a terem a coragem de abordar a questão. Um dos exemplos é a famosa Germaine Greer (1992) que, por ser feminista, tal como suas correligionárias se debate contra o facto de a mulher ter a preocupação permanente de se conservar como objecto sexual desejável por parte do homem e de não aceitar naturalmente o envelhecimento e a perda da beleza. Debate-se também contra a indústria farmacêutica que, na sua opinião, explora as pílulas de reposição hormonal.

Também os antropólogos estão a nos dever uma reflexão mais apurada sobre a questão. Salvo, por exemplo, Françoise Heritier (1990) que apresenta uma abordagem sobre os destinos da mulher pós-menopausa, nas sociedades tradicionais, como se verá.

Do ponto de vista biológico, os dados concretos de que dispomos sobre a menopausa, além da conferência da ginecologista Madalena Botelho, no Hospital Santa Maria (2000) que mostrou uma perspectiva psicossomática da menopausa, vem-nos de um *briefing* fornecido pela Sociedade Portuguesa de Menopausa: *A*

menopausa numa sociedade que envelhece (2001). O briefing inicia com as seguintes indagações em destaque que remetem a questões de saúde pública:

Em que é que a perda de estrogênios afecta o corpo no envelhecer da mulher?

Como é que uma crescente população de mulheres menopáusicas irá afectar as percentagens nacionais de doenças coronárias, de Alzheimer e de osteoporose?

Quais são as perguntas por responder acerca da menopausa?

Estará o nosso país preparado para cuidar das mulheres em menopausa?

O termo menopausa deriva da formação das palavras: meno- da grega *mén*, *menós*, mês e *pausa* do latim *pausa*, *ae*, pausa interrupção. Refere-se, portanto, à interrupção do fluxo menstrual da mulher. A menopausa é um acontecimento, do ponto de vista biológico, natural na vida da mulher. Resulta do decréscimo da produção de hormonas sexuais pelos ovários : estrogênio, progesterona e testosterona.. Essas hormonas causam a menstruação e permitem à mulher engravidar a partir da puberdade quando o seu organismo se completa na sua fabricação, ou seja quando está pronto para a concepção. Essas hormonas também afectam muitas outras funções do corpo, tais como, o sistema circulatório, sistema urinário e o sistema ósseo. Algumas mulheres não sentem, ou não se dão conta dos sintomas da menopausa; em outras os sintomas podem durar vários anos, normalmente entre os 45 e os 55 anos. A menopausa é confirmada quando a mulher tem a menstruação suspensa por um período de doze meses consecutivos. No entanto, a idade da menopausa varia de mulher para mulher. A perimenopausa é o fenómeno anterior que prepara a menopausa que se caracteriza pela alteração da menstruação.

Os dados do *briefing* da SPM indicam que milhares de mulheres entram na menopausa todos os dias. Indicam, outrossim, os sintomas recorrentes desse período:

- Que 75% das mulheres em menopausa sentem afrontamentos , repentinas subidas da temperatura, acompanhados de rubores. Estes podem ser seguidos, ou não, de calafrios. Os afrontamentos nocturnos podem conduzir à falta de sono e insónia. Em cerca de 30% de mulheres esses sintomas podem ser agudos. São associados à perda do estrogénio.
- Secura vaginal. O tecido vaginal necessita do estrogénio para se manter lubrificado e elástico. A queda dessa hormona pode causar atrofia vaginal, com a perda da elasticidade. Isto pode conduzir à secura vaginal, que torna dolorosa e desconfortável a relação sexual, interferindo na vida íntima dos casais.
- Problemas urinários também podem surgir, pois, tal como acontece com o tecido vaginal, a uretra e a bexiga dependem do estrogénio para seu bom funcionamento. A consequência é o aumento da frequência urinária, dor ou incontinência urinária (incontinência de esforço) em alguns momentos, infecções da bexiga.
- Finalmente o *briefing* refere brevemente aos “efeitos psíquicos”, à ansiedade que podem sofrer as mulheres, mudanças de humor, irritabilidade, perda da concentração, dores de cabeça e cansaço, perda da libido e depressão.
- O *briefing* também indica a maneira correcta de manter a saúde e bem estar nessa fase da vida, aconselhando inclusive a terapia de substituição hormonal (TSH).

- A menopausa pode afectar a saúde física e mental, também, de maneira positiva. Por exemplo, as enxaquecas ou endometriose podem desaparecer depois da menopausa. Os miomas podem diminuir de volume.

A SPM faz-nos saber que, em Portugal, no próximo decénio, três milhões de mulheres entrarão em menopausa e muitas viverão até um terço de suas vidas em pós-menopausa. É preciso lembrar que Portugal tem, no ano 2001, dez milhões de habitantes.

Outras informações: A menopausa aumenta o risco de doenças coronárias. As doenças cardiovasculares - ataques cardíacos e congestão cerebral - são hoje a principal causa de morte no mundo.

O Instituto Nacional de Estatística (INE) refere que as duas maiores causas de morte em Portugal em 1998, foram por doenças do aparelho circulatório 39% , sendo que desse universo, 45% são mulheres e 35% homens. E 19% são causadas por tumores malignos (17% nas mulheres e 35% nos homens). O restante por outras causas. O INE refere também um total de 5. 174. 000 de mulheres em Portugal.

A menopausa é confirmada quando a mulher não é menstruada por um período de doze meses consecutivos.. No entanto a idade da menopausa varia de mulher para mulher. A perimenopausa é o fenómeno anterior que prepara a menopausa que se caracteriza pela alteração da menstruação.

Reforçando o que já disse, repito que, do ponto de vista psicanalítico, as informações mais abrangentes a que tive acesso, até o momento, especificamente sobre a menopausa, vêm da obra da psicanalista discípula e analisanda de Freud, Helen Deutsch (1939), da psicanalista francesa Madeleine Gueydan (1991) e da psicanalista Christine Laznik, através de conferências e cursos oferecidos a convite da

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (2000/2001) e artigos de sua autoria, bem como de sua Tese de Doutoramento. Também Sigmund Freud nos deixou em muitos dos seus trabalhos referências directas a esse momento por que passa a mulher com as consequentes formações de sintoma.

Hipótese do trabalho

Este trabalho pretende, por um lado considerar a questão da sexualidade humana e das relações familiares a partir do momento vivido, das relações contextuais, em especial do feminino hoje. Por outro, buscar invariantes e nesse caso, corroborar a proposta de Helen Deutsch, ainda actual, segundo a qual a menopausa representa uma “ferida narcísica” (já não diria incurável, como a autora), uma vez que, sem o desaparecimento das necessidades libidinais da mulher, aponta para perdas irreparáveis. Mais ainda: sinalizar e dar ênfase à importância, dentro do núcleo edipiano, da relação com o objecto materno da mulher em menopausa – como estrutura que se repete e faz sintoma.

A mulher, nesse momento, volta-se para uma re-vivência fantasmática de sua ligação com o objecto mãe, inclusive com a fase da relação pré-edipiana e com o desejo inconsciente que terá ficado como dívida - o de não poder ter sido a completude, o “falo”, para sua mãe. Só o luto dessa relação maternal primeira permite viver o luto presente da mulher em relação à sua própria impossibilidade de voltar a conceber, na menopausa. Nesse momento também podem actuar as fantasias de um Édipo não superado, - o medo do incesto- que trazem à tona a culpa inconsciente em

relação à rivalidade existente em relação ao objecto (mãe). A culpa se intensifica, uma vez que a mãe (concreta), em geral, se encontra numa fase delicada de velhice e incapacidade, ou terá já falecido.

A não superação edipiana ressignificada, nesse momento, leva muitas vezes, a libido da mulher a interessar-se pelos avatares de um pai. Esses avatares poderão ser um filho jovem, o amigo dos filhos ou um jovem qualquer. Essa tendência pode ser recalçada, na maior parte das vezes, mas, muitas vezes, vem à tona, ou causa sintoma. Outras saídas serão apontadas para esse momento em que balança a segurança emocional da mulher, a menopausa.

Este trabalho pretende sublinhar, portanto, a ressignificação da relação mãe/filha (tendo o pai sempre presente). A psicanalista Madeleine Gueydan sugere uma possibilidade : “Ao mesmo tempo em que ela /a mulher/ renunciará ao liame indefectível à mãe, ela renunciará à sua dívida, ela se resolverá sem pesar, a não ter sido senão a “má filha”, que nunca foi o equivalente fálico desejado pela mãe. Isso levará a uma saída favorável, não sem uma última lembrança, repetição, perlaboração. (Gueydan, 1991: 239)

Foi nos casos clínicos estudados para a Dissertação de Mestrado (e não só) que constatamos essa incidência de “A Mãe”. No caso da Sra. Penha, em que a problemática da relação com o objecto mãe, desde o início (o nascimento), “deserotisa” a sujeito em questão, desnarcisa-a e uma menopausa precoce parece ser o sintoma decorrente. No caso Elisa teremos “as duas mães” e o amor pelo homem jovem; no caso Creuza, o amor a um filho que “mata”, e a inveja e a culpa irremediável em relação à mãe , impedem o investimento no marido (que é *malaio*, ou

seja de *outra laia, má*). No caso Maria, uma culpa paralisante em relação ao objecto materno a impede de se realizar satisfatoriamente como mulher.

Na menopausa as perdas próprias e a imagem presente da mãe sinalizam não só a realidade do fim de um ciclo de vida, mas principalmente, a perda de controle do corpo, mesmo considerando as técnicas modernas de rejuvenescimento. Principalmente, tornam irremediavelmente presente a realidade da aproximação da morte.

Apontam-se, outrossim, possibilidades de movimentos criadores nessa fase da mulher, especialmente ao se estabelecer uma integração entre ginecologistas e psicanalistas, nos casos em que se verificam os sintomas que levam à depressão e à melancolia.

2 - QUESTÕES TEÓRICAS

2.1 – O “continente negro” revisitado no meio da vida

2.1.1 –Sexo e organização familiar

Pensar a psicosexualidade humana e, em especial, o feminino hoje neste alvorecer do século XXI demanda, por certo, uma reflexão sobre os destinos tomados pela mesma actualizados, do ponto de vista social. Por sorte verifica-se que Freud, com a amplitude oferecida pela sua teoria das pulsões, com a metapsicologia, acaba por nos permitir raciocinar com a sua teoria, de forma estrutural. A ordem simbólica é mutável e permeável aos significantes que nela deslizam dos sujeitos individuais. Mas terá mudado em algo a estrutura da realidade psíquica da mulher?

A psicanálise, ela mesma, tem colaborado para mudar o *status* da mulher desde Freud até hoje. Ouço a psicanalista Maria Rita Kehl¹ na qual encontro uma voz que corrobora as minhas reflexões:

As mulheres que procuram a clínica psicanalítica no final do século XX não são as mesmas que procuraram Freud no final do XIX. Isto não significa que a metapsicologia freudiana esteja ultrapassada, mas sim que a teoria psicanalítica deve ser plástica o suficiente para acompanhar e compreender as mudanças sofridas pelos sujeitos à medida em que muda a sociedade em que vivemos. O

¹ Kehl, Rita. *Deslocamentos do feminino*. A mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro. Imago, 1998. Kehl examina o conceito de feminilidade a partir da virada do século XIX para a modernidade. Analisa *Madame Bovary* o romance de Gustave Flaubert publicado na França no ano do nascimento de Freud, 1856. Emma Bovary, a personagem, tornou-se paradigma dos impasses da feminilidade e seu destino trágico. Nota: as citações de textos de autores brasileiros bem como as traduções manterão a grafia e sintaxe brasileiras.

Édipo, a sexualidade, o significado do falo e da castração, a formação do supereu, o inconsciente e o recalque, continuam sendo conceitos fundamentais para o pensamento clínico; mas os significantes migram (o que é a sua principal característica: “o significante, como tal, não significa nada” Lacan, *Seminário 3 – As psicoses*) os sujeitos se ressignificam, o falo circula, os homens e as mulheres se deslocam dos lugares que ocupavam num certo discurso. Se a produção psicanalítica contemporânea não puder acompanhar esses deslocamentos, a psicanálise deixará de fazer sentido. A psicanálise nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição. (Kehl,1998: 317).

Uma visão contextual da situação dos sexos, da organização familiar faz-se necessária.

Raciocinando com Freud, podemos dizer que temos a considerar elementos externos ao aparelho psíquico: são as novas formas de família que se vêm constituindo ao longo do tempo:

a) as famílias monoparentais, reduzidas a uma mãe e um ou mais filhos, pela ausência ou abandono do pai; raramente pelo abandono da mãe.

b) uma mãe com filhos de vários casamentos, muitas vezes convivendo com os filhos que o marido traz de outro casamento, não havendo produtos directos do novo casal;

c) a “produção independente” alcunha dada no Brasil ao acto da mulher decidir ter filhos sem a nomeação de um pai. Consegue um companheiro apenas para ser o inseminador, não restando ao mesmo nenhuma outra função paterna . Observe-se que, muitas vezes, o “inseminador” nem sequer fica sabendo que teve um filho;

d) inseminação artificial: recurso utilizado por casais em que um dos cônjuges não é fértil. No caso de ser o elemento masculino a ter que ser substituído, muitas vezes, desfeita a relação, o companheiro não mais reconhece a criança, por não ser seu filho biológico, e a mãe acaba por ficar só com a criança. Deve-se lembrar, nesse ponto, que a identidade do doador, numa inseminação artificial é absolutamente confidencial e o companheiro que aceita o recurso à inseminação não é pai biológico (o que para o homem costuma afectar o seu narcisismo).

e) adopção: recurso utilizado desde sempre por casais inférteis. Estes dão aos adoptados o nome da família e os criam como filhos de facto (esta modalidade embora não seja nova, é uma variação no modelo biológico familiar);

f) famílias de casais homossexuais, com filhos de uma relação heterossexual anterior.

g) casais homossexuais: ainda há a considerar o recente debate sobre o direito de adopção de crianças por parte dos casais homossexuais.

h) Um debate mais recente ainda é o da clonagem, para o qual não dispomos de elementos concretos.

Embora Freud não se tenha arriscado a fazer previsões sobre o futuro das formas de família, entretanto deixou possibilidades de se desenvolver este tema. Jacques Lacan retomou os elementos deixados por Freud e esclareceu que pai e mãe são, antes de tudo, *funções simbólicas*. Isto equivale a dizer que nem se restringem à relação biológica, nem à presença física dos mesmos, nem sequer a presença física garante a paternidade, nem a maternidade (embora esta seja biologicamente irrefutável). A paternidade e a Lei (da proibição do incesto), o *Nom du père*

transmitem-se de geração em geração inconscientemente, sendo que é preciso que alguém passe, através da palavra, esta noção à criança (um Outro). É o batismo social que mantém a cultura tal como está.

Lacan mostrou que a referência mítica exemplar ao “pai morto” em Freud (*Totem e tabu*, 1912), não seria senão a sinalização da função metafórica do tal “Nome/não do pai” (a homofonia em francês de *nom/non*, permite-nos fazer essa inferência de dois significados para um significante) de que falamos.

Assim explicou o desencadeamento da psicose, a partir do insucesso total do “nome do pai”, ou seja, dessa instância simbólica que deve ser transmitida pelo pai, ou pela palavra da mãe na ausência do mesmo e que estabelece a saída do Édipo e a aceitação da Lei e da Cultura, do chamado Outro. Penso que devemos, talvez, lembrar de dizer da cultura em que vivemos.

2.1.2 - A sexualidade humana

Freud começou o estudo da sexualidade humana pelas “perversões” ou “aberrações” (1905), com isso ele mostrou a diferença entre instinto e pulsão o que seria desenvolvido posteriormente em “As pulsões e suas vicissitudes” (1915). Desde logo mostrou que as pulsões têm a liberdade de poder escolher seus alvos e seus objectos, enquanto os instintos são programados biologicamente.

Mostra que “O alvo sexual normal é visto como sendo a união dos órgãos genitais no acto designado por cópula, que conduz a um alívio da tensão sexual e a uma extinção temporária da pulsão sexual – uma satisfação análoga à saciedade da fome” (“As aberrações sexuais” 1905-d: 31). No entanto vários são os caminhos da

sexualidade humana antes de chegar à cópula em si, ou até mesmo sem chegar à mesma. Assim Freud vai falar no prazer do olhar, do explorar a membrana mucosa do lábio, o beijo etc que são os chamados “preliminares”.

Quanto ao objecto, também aí o ser humano pode variar a sua escolha. É assim que Freud vai introduzir aquilo que se chamou “inversão” vulgarmente e que acaba por ser uma das possíveis opções da sexualidade humana, enquanto psicosexualidade.

É a partir desse item dos “Três ensaios” (1905) que o mestre vai fazer uma importante aproximação à questão da bissexualidade fundamental do homem. Transcrevo aqui uma nota de rodapé acrescentada em 1915 pelo autor aos “Três ensaios”:

A pesquisa psicanalítica opõe-se firmemente a qualquer tentativa para a separação dos homossexuais do resto da humanidade, considerando-os como um grupo de características especiais. Ao estudar outras excitações sexuais, além das que são manifestamente apresentadas, a psicanálise descobriu que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha-de-objecto homossexual e até a fizeram de facto no seu inconsciente. Na verdade vinculações libidinais por pessoas do mesmo sexo desempenham um papel, como factores da vida sexual normal, não inferior ao desempenhado por vinculações similares pelo sexo oposto (...). Pelo contrário a psicanálise considera que a escolha de um objecto independentemente do seu sexo – susceptível de se distribuir igualmente entre objectos masculinos ou femininos - como se encontra na infância, é a base original de onde, em resultado de

restrições numa ou noutra direcção, se desenvolveram tanto o tipo normal como o invertido.(Freud, 1989: 27-28).

O mais interessante é que em seguida a essa lição de *sapientia*, Freud acrescenta algo surpreendente como “Assim do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de um homem por uma mulher é também um problema que precisa ser esclarecido e não um facto auto-evidente (...)” (p.28). Surpreendente porque inverte as expectativas normais de que o interesse sexual entre um homem e uma mulher sejam absolutamente a regra geral.

Na sequência da problemática do objecto, o autor sublinhará que no início da vida do ser humano, a pulsão independe do objecto, isto depois de observar que consideramos a relação entre pulsão sexual e objecto sexual mais íntima do que é na realidade . Ou seja : eles não são “soldados”, como diz o mestre.

Carlos Amaral Dias, em sua obra *Freud para além de Freud*, (2000) sublinhará, a esse propósito, a questão do auto-erotismo infantil como sendo de grande importância na questão da separação necessária à entrada do sujeito numa ordem simbólica.²

As conclusões a que Freud chega nesse capítulo, sempre a partir das investigações psicanalíticas, é que no neurótico - uma classe numerosa de pessoas que não está longe da gente sã (*sic*) - existem tendências para todo o tipo de perversões,

² Amaral Dias discute o conceito lacaniano de “Nom du père”, observando que a separação é de facto o que organiza a ordem simbólica que precede ao nascimento do sujeito, mas para o autor a ordem simbólica não é redutível à lei do pai; indaga assim porque não o “não da mãe”? Creio que aqui há uma questão de nomenclatura baseada no real da cultura em que vivemos, em que a figura do pai é mais sublimação e por isso encarna a Lei simbolicamente, é o baptismo. Sabemos, entretanto que o “Não do pai” existe independente das pessoas concretas e muitas vezes é sustentado pela palavra da mãe.

como forças inconscientes e que são factores que levam à formação de sintomas, uma vez inibidos por questões sociais. É nesse momento que Freud diz a aqui-famosa frase de que “a neurose é como que o negativo da perversão”. (Freud, opus cit.:107).

O que acontece, portanto, é que a tendência para a perversão é disseminada, é uma disposição original e que o comportamento digamos “sexualmente correcto”, ou ainda, “são”, em cada época, desenvolve-se a partir de inibições psíquicas que ocorrem no decurso da maturação (princípio da realidade), naturalmente de acordo com a sociedade (ou a *Kultur*) em que o sujeito está inserido. Pois dessa sociedade decorrerão as inibições maiores ou menores, decorrerão as noções do bem, da moralidade e da autoridade e ainda o relevo dado às restrições, tais como a vergonha, o nojo, a piedade.

Assim é que se insere a questão do feminino dentro da problemática da bissexualidade original, ou seja, dir-se-ia que o ser humano se torna homem ou mulher. Há um processo de sexuação, como dirá Jacques Lacan, com propriedade, interpretando os impasses enunciados por Freud³.

Uma das premissas de Freud é que a libido é uma só para o homem e para a mulher e que o sexo se determina, não segundo a anatomia, mas de acordo com o modelo de satisfação, activo ou passivo e, mais ainda, pela maneira como ambos lidam com a castração, o que vai determinar a diferença entre sexos na saída do Édipo.

³ Sabe-se que Freud partiu de Fliess, principalmente para discutir a questão da bissexualidade, embora outros autores tenham falado em bissexualidade, antes mesmo de Fliess, como E. Gley (citado na bibliografia de Freud), que escreveu em 1884, “ Les aberrations de l’instinct sexuel”, na *Revue Philosophique* (Freud, s/d, p.25). Entretanto ele vai dar uma direcção diferente à de Fliess – que “rejeitava a idêia de que existiria entre os dois sexos uma relação de simetria em espelho” André, Serge, p26.

2.1.3 - Tornar-se mulher: a sexualidade no feminino em Sigmund Freud

Cabe-nos interrogar o enigma da mulher, o tal “continente negro” de que fala Freud, cuja decifração por falta de meios científicos, caberia aos poetas...

Para situar a questão da menopausa dentro da vida da mulher convém que se leve em consideração as fases fundamentais em seu ciclo vital.

Duas vias de abordagem da questão da feminilidade na obra de Freud são-nos propostas pelo psicanalista Serge André, a partir de um olhar laciano⁴: a primeira é a de um inominável, a segunda, ao contrário apoia-se num nomeado: o primado do falo que nomeia a falta da castração. Ao examinar o sonho de Irma, Freud teria partido do inominável, teria tentado demarcar esse inominável inclusive através de todo um aparato simbólico que vai criar com o Projecto; para finalmente escrever no *Esboço de Psicanálise* (1940) que “o real será sempre irreconhecível” – na minha edição tenho a tradução: “a realidade sempre permanecerá sendo ‘incognoscível’ ” (Freud, 1998: 77). Em Freud o caminho parte do real para chegar à castração e fazer desta uma “rocha”, uma impossibilidade para o real. Serge André aponta-nos uma trajetória inversa em Lacan, ao partir da cognoscibilidade ou do saber da castração e atingir “um ponto de real, de tal sorte que o sistema simbólico se revela não mais como recobrimento, mas como aquilo que atravessa os furos por onde se manifesta a hiância do real.” (André, 1998: 66)

⁴ André, Serge. *O que quer uma mulher ?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Selecionamos os principais momentos da obra de Freud que interessam em especial para trabalhar a questão do feminino na menopausa. Desse modo, ao final, sublinharemos aquilo que nos parece mais sintomático:

1919 – Uma criança é batida

1920 – Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina

1925 – Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.

1931 – Sexualidade feminina

1932 – A feminilidade

1937 - Análise terminável e interminável

Sublinho aqui a virada da concepção do feminino que se faz do caso Dora - para *Uma criança é batida*” (1919). Nesta obra Freud centra a fantasia e sustentáculo do desejo da menina na relação com o pai e mostra a culpa resultante deste amor incestuoso. Então “ser batida” pelo pai significa na fantasia masoquista ser amada. O amor incestuoso se mantém velado e a punição é aplicada pelo inconsciente (ser batida). São três fases: na primeira o sujeito é observador da cena de flagelação: o pai bate numa criança (menino ou menina), “talvez um irmãozinho, se houver”. Esta cena encobre outra (2ª fase) a que Freud atribui carácter masoquista que seria “Meu pai me bate” o que equivale a “meu pai me ama”. Esta seria uma cena inconsciente, construída em análise, nunca recordada conscientemente de forma espontânea. É a expressão do amor da menina ao pai. Há uma 3ª fase em que o sujeito infantil é espectador, nela o pai é representado por um professor ou outro superior em que desaparece a menina batida e passa a ser um menino (tanto na fantasia da menina

quanto na do menino, é um menino a ser batido). Esta é uma fantasia de carácter sádico que quer dizer: “O pai bate na outra criança e só ama a mim”. Mas como observa em seguida, só na aparência é sádica, porque, porque a satisfação que a criança extrai dela é masoquista.

Quanto ao aspecto que mais nos interessa, acerca do complicado processo nas meninas, diz o pai da psicanálise:

Quando estas se afastam do amor incestuoso de sentido genital ao pai, rompem, em geral, facilmente com sua feminilidade, reanimam seu “complexo de masculinidade” (van Ophuijsen) e abrigam a partir desse ponto, o desejo de ser um menino. Daí serem os meninos os representantes de sua própria pessoa nas fantasias. (Freud, 1948, vol. I:1201)

Segundo esse raciocínio, no momento em que o Édipo é recalcado, a menina abandona sua feminilidade e se viriliza, o que seria em princípio a perversão. Mas Freud propõe a diferenciação entre perversão adulta e a infantil. A neurose, a perversão no adulto deriva das cicatrizes deixada pelo complexo de Édipo no inconsciente e essa seria uma delas; a fantasia é que é perversa e não o sujeito.

A fantasia de flagelação, na menina, apontaria pois o caminho da homossexualidade.

Freud termina esse trabalho insistindo na ideia de que “a sexualidade infantil, vencida pela repressão, é a força impulsionadora principal da formação de sintomas, e o elemento principal de seu conteúdo- o complexo de Édipo – o complexo nodular da neurose”. (Freud, 1948: 1208)

Vai ser com a análise da jovem homossexual que Freud apontará para uma pré-história do Édipo na ligação primeira com a mãe, ou seja, vai reconsiderar o amor da filha pelo pai, como o que *recobre* um outro amor mais fundamental – o da mãe.

No trabalho sobre a jovem homossexual (Psicogénese de um caso de homossexualismo numa mulher, 1920), Freud mostra a ambivalência erotismo-agressividade, que caracteriza toda identificação imaginária. Ou seja, a jovem sabe o quanto é desagradável a seu pai uma relação que manterá com uma “dama”, mulher tipo *cocote*. E assim vingava-se dele mostrando-se em público com a mesma.

É a partir desse caso que Freud vai introduzir a pré-história do complexo de Édipo na questão do feminino.

Ou seja, a jovem, durante a fase que Freud chama de normalmente edipiana, identifica-se com a mãe para ser amada pelo pai. Desejou ter um filho desse pai e se apaixonou por uma criança de três anos e, nessa mesma época ligou-se amistosamente a mulheres-mães. A última gravidez da mãe, era ela adolescente, suscitou-lhe um grande ciúme e sentimentos de decepção com o pai, ela passa a se identificar ao pai, e tem como objecto a mãe (amar a mãe). Há, portanto uma mudança, uma inversão da posição de amado e amante:

	Identificação	Objecto	Objectivo amoroso
Primeira fase:	- a mãe	- o pai	- ser amada
Segunda fase:	- o pai	- mãe	- amar

Examinando o caso amoroso da jovem com a dama verifica-se que essa relação era sumamente desagradável ao pai, ou seja, ela se vinga do pai ao tornar-se homossexual e desafia-o assim.

A dama se coloca imaginariamente como um substituto da mãe e também do irmão mais velho a quem dedicara um amor incestuoso (a dama tinha atributos físicos que a ela lembravam o irmão). Uma mãe, portanto, grotescamente mesclada ao irmão. Uma dupla representação. Ou seja, ela encontrou nessa dama um objecto que reunia a homo e a heterossexualidade ou uma mãe fetichizada – como sugere Serge André. Freud lembra aqui o quanto o pénis do irmão havia impressionado a menina, numa tenra idade. Daí a ligação a essa “mãe fálica” que é a dama.

A jovem, com o seu amor cavalheiresco pela dama – oferecendo-lhe flores, procurando-a sempre, beijando-lhe as mãos, visa mostrar ao pai como deveria ter-se comportado com ela. Desafia-o a amá-la do mesmo modo como ela própria ama a dama.

Dá-se porém o último acto: a jovem se põe na rua a passear com a dama de braços dados, na hora e no lugar onde seu pai costumava passar, ao sair do trabalho. Dá-se o encontro. O pai lhe dirige um olhar fulminante que a reduz a nada, rebaixa-a. Ela sente-se como um sujeito excluído. A dama por sua vez encoleriza-se, quando fica sabendo que o homem de olhar colérico é o pai da jovem, pois sempre rejeitara aquele amor – a dama passa, naquele momento, de objecto de amor, substituição de uma mãe fálica, ao papel paterno, exactamente no momento em que a jovem não consegue mais sustentar a identificação com esse pai. Sente-se rejeitada pelos dois. Imediatamente a jovem passa ao acto, jogando-se de uma murada, para o sitio onde era o caminho de

ferro. Salva-se e quando curada dos ferimentos, é levada ao doutor Freud para curar-lhe as cicatrizes da alma.

Freud mostra que aquela queda, ou seja o jogar-se da murada, tem dupla representação: de cair e dar à luz, pois o verbo em alemão *Niederkommen* - tem esse duplo significado. Freud diz que ela “caíra por culpa do pai”. Logo trata-se de punição, autopunição e, ao mesmo tempo, realização de desejo (desejo de ter um filho do pai).

Entretanto realizando uma nova análise da “causação” do caso da jovem homossexual, a posteriori, Freud sublinha o facto de que talvez não tenha sido o trauma e a decepção do nascimento do irmãozinho e do anseio de amor do pai na puberdade da menina, o que tenha causado a escolha homossexual. Olhando para trás, constata vários momentos em que mulheres, professora, amigas etc ocuparam a posição de mães substitutas. Mostra que “desde anos muito precoces sua libido fluíra em duas correntes, das quais a da superfície, podemos designar como homossexual. Para o autor essa será uma continuação directa e imodificada de uma fixação infantil na mãe. Daí, na ocasião propícia, a inclinação profunda da libido foi desviada para a homossexualidade. A mãe será portanto, na pré-história do Édipo, o objecto do seu amor e a identificação com o pai. Isto será reavivado depois de uma passagem pelo Édipo em que o pai passa a ser seu objecto e a identificação com a mãe se torna patente no desejo de ter um filho. Após a decepção com o pai, rapidamente volta ao amor primeiro.

Freud fará nesse trabalho uma digressão sobre a homossexualidade latente, inconsciente que ele constata poder ser detectada “em todas as pessoas normais” e a partir daí, sublinhará mais uma vez a bissexualidade fundamental do ser humano.

Uma importante indagação é feita por Serge André, a saber, como avaliar hoje o termo pré-ediapiano com o qual Freud qualifica a relação primária mãe e filha. Sugere que se aproxime essa mesma relação daquela que liga a criança “ao primeiro Outro, o Outro materno, aquele que Lacan apresenta como ainda não desdobrado ou dividido pelo lugar da Lei? (Lacan, 1957/58: Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Écrits* 2). Adverte que haveria nesse caso, na menina, a persistência de uma relação ao Outro primordial que, normalmente cai pela intervenção da metáfora paterna. O que poderia levar à conclusão de que as mulheres são psicóticas, e não é isso que se quer provar, é evidente. Segundo o autor, entretanto, alguma coisa dessa ordem se produz – ou seja : “O pai não se impõe verdadeiramente como metáfora no destino feminino, ou , mais exactamente, a filha é *não toda* assujeitada a essa função de metáfora”. Isto vem a referir-se ao facto que Freud mostrou que na menina a instância paterna não faz desaparecer, não condena ao esquecimento o primeiro Outro, o materno. Seria como metonímia da mãe que o pai encontra o seu lugar no Édipo feminino .

Em *A sexualidade feminina* (1931), Freud vai mostrar como se passa a mudança que se efectua da primeira fase para a segunda fase do Édipo feminino, a menina deve :

Trocar o objecto de amor (a mãe) pelo pai

Mudar identificação sexuada - para a mãe

Mudar o gozo – do clitóris (para Freud é masculino) - para a vagina

Até a puberdade a vagina é ignorada pela menina. Essa mudança (do clitóris para a vagina), entretanto, não se realiza plenamente. Pois o gozo da vagina não é

suficiente, a não ser conectado com o outro gozo. Sendo que o clitóris permanece fantasmaticamente ligado à mãe.

Um exemplo disso foi-nos dado por Marie Bonaparte que, afectada por uma tremenda frigidez, actuou ao mandar fazer uma operação para aproximar o clitóris da vagina. Tentou assim resolver a clivagem do gozo feminino (o que ela narra em seu livro *Narjani*).

Além disso surge a questão crucial da castração. Do lado masculino o medo da perda do pénis pela “punição” fantasmática, motivada pelos desejos incestuosos do menino pela mãe. A menina por sua vez encontra a castração, não pela ameaça que é comum ao menino, mas pela comparação. Como diz Freud “Ela viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” .

Nesse texto serão levantadas todas as questões que tornam difícil e problemática a vida da mulher, uma vez que a resolução edipiana não impede a mãe permanecer como objecto de amor:

1 - Manter-se-á a ambivalência com relação à mãe – uma ambivalência imaginária por certo.

2- Na época pré-edipiana de ligação exclusiva com a mãe, os objectivos sexuais da filha são, Freud diz, de natureza activa e passiva . Passiva: os cuidados erotizantes da mãe. Activa: “Ela /a criança/ procura fazer por si mesma aquilo que lhe foi feito anteriormente”. (Freud, A sexualidade feminina). Verifica-se um desejo de separação, de independência. A dialéctica actividade/passividade equivale a ser objecto da mãe e /ou tomar a mãe como objecto, o que configura uma luta em relação ao lugar do objecto, o que vai determinar as posições subjectivas e as suas ressignificações numa fase última, a da menopausa. A revolta contra a passividade vai

ser um *leitmotif* nas relações da menina, uma vez que ela vai ter que mudar para o pai como objecto de amor. Nesse caso então uma nova contradição para ser mulher: ela terá que abandonar a passividade para se separar da mãe e ser passiva para se ligar ao pai e seus sucedâneos. O destino da menina aparece como algo dificilmente realizável ou, quando nada, difícil.

Em a *Feminilidade* (1933), Freud vai apresentar os três destinos possíveis da mulher em face das dificuldades já assinaladas. A saber: diante do fracasso parcial, digamos, da metáfora paterna teríamos três saídas:

- 1- a saída pelo destino histórico;
- 2- o retorno a uma fase anterior, com a homossexualidade assumida
- 3- a feminilidade aceita.

É nesse ponto que a feminilidade aparece a Freud como enigma, como “continente negro”.

A posição feminina, para Freud, só seria completa quando o tal anseio pelo falo fosse substituído pelo desejo de um filho, o filho que por equivalência simbólica equivaleria ao falo. Ainda chama a atenção para o facto que nas brincadeiras de boneca a menina é activa:

Mas esse brinquedo não era realmente a expressão de sua feminilidade, estava a serviço da identificação à mãe com o fim de substituir a passividade pela actividade. Ela brincava de mãe e a boneca era ela mesma: podia então fazer com a criança tudo o que a mãe a obrigava a fazer. É só pela via do pénis que o

filho boneca se torna um filho do pai e, portanto, o objecto mais sólido do desejo feminino. (Freud, 1989)

O tempo e os estudos posteriores vêm provando que Freud tinha razão ao apontar as contradições do feminino no que diz respeito à passividade versus actividade.

O psicanalista e filósofo Paul-Laurent Assoun (1993) assevera que estamos longe da suposta “passividade feminina”, pois a mulher estaria condenada a uma actividade intensa para se fazer mulher. O autor chega a sublinhar que a mulher está “submetida a uma tarefa prometeica – que lhe proíbe a inércia – mas, a cada prova, eis que ela rompe um elo para tentar... se encadear!”⁵ Ser passiva para manter o companheiro, ser activa para “ser”, para ter uma identidade.

A psicanalista brasileira Maria Rita Kehl, por sua vez, reforça que a masculinidade nas mulheres deve ser recalcada para dar lugar ao feminino, mas “a feminilidade só se sustenta na teoria freudiana, enquanto estratégia para a (re) conquista do falo” (Kehl, 1998: 230). Isto vai ser reforçado por Lacan no seu grafo da sexuação, como veremos.

Essa secção freudiana propriamente dita, termino-a com uma citação de Freud em A Feminilidade:

Quando encontrais um ser humano, a primeira distinção que fazeis é “homem ou mulher” (...) A ciência anatómica partilha da vossa certeza num dado ponto, mas não para além dele. O produto sexual masculino, os espermatozóides, e o seu veículo, são masculinos; o óvulo e o organismo

⁵ Assoun, Paul Laurent (1993). *Freud e a mulher*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1993: XIV

continente são femininos. Os órgãos assim formados servem exclusivamente para as funções sexuais; desenvolveram-se em duas formas diferentes, provavelmente a partir da mesma disposição (inata). (Freud, 1989:157)

Salienta Freud que, por outro lado, a ciência vai mostrar-nos algo contra esta certeza: é o facto de que no corpo da mulher aparecem também porções do aparelho sexual masculino e vice-versa.

Independentemente da anatomia, que, por si só, já sabemos que “não” é o destino, as identificações que são talvez mais amplamente aceites na menina, com objectos de ambos os sexos, acabam por ser “identificações enlaçadas entre si”.

É ao supereu herdeiro do complexo de Édipo - que caberá, de acordo com o grande Outro da cultura, organizar o que vai sucumbir ao recalque e o que vai se tornar formação reactiva ou o que vai ser sublimado. Daí que a menina ao sair do Édipo se encontrará num impasse que é o de constituir uma identidade. No caso da bissexualidade feminina (bastante mais fácil de ser acolhida em nossa época, do que na do mestre) melhor dizendo, a masculinidade na mulher, que só podia sobreviver como sintoma na época de Freud, ela precisa de ter um suporte em um objecto masculino que a garanta, um pai, um professor ou outro, como Ana Freud teve em seu pai.

A resposta a “o que é ser mulher”, Lacan nos mostrou que só pode ser respondida uma a uma, negando a ilusão de um eterno feminino (a famosa frase de impacto de Lacan “A mulher não existe” refere-se à ausência de um traço unário que junte as mulheres num todo, o que é, no homem, o falo).

Kehl observa que é em sua singularidade que homens e mulheres interessam à psicanálise, e nessa singularidade nenhum deles é idêntico ao seu sexo. Ao percurso da psicanálise interessa “abrir perspectivas narrativas a que cada analisando possa inventar o que fazer não só de sua sexualidade, mas de sua passagem pelo reino deste mundo que, para nós, é o reino da linguagem”.(Kehl, 1998: 335).

2.1.4 - Mulher ou Homem: o “tornar-se” em Jacques Lacan

Salientaremos aqui, da teoria lacaniana, especificamente, aquilo que mais parece importante para compreendermos as mudanças de posição na sexuação possíveis na menopausa.

Como se sabe, o que é central para Lacan, na questão fálica suscitada por Freud, é que o falo é um significante (e não um órgão) e que a chamada castração existe em três registros simbólica, imaginária e real. Para a menopausa é importante voltar a essa questão, na medida em que a perda fálica, especialmente no registro imaginário, deve ser ressignificada nesse período da vida da mulher.

A castração simbólica é a que regula a sociedade com a proibição do incesto, introduz o ser humano na Cultura (o Outro).

A castração imaginária diz respeito à tal “rocha”, a inveja do pênis de que tanto fala Freud que provoca a frustração permanente na histérica, por exemplo. O falo no registro imaginário é a potência, o poder viril (o que pode faltar também no homem e seria representado pelo $-\phi$).

A falta real de um objecto simbólico, portanto, diz respeito ao falo como significante da falta.

Diz Christine Laznik em seu trabalho de Tese de Doutorado⁶ a propósito da menopausa, que “Se, no meio da vida, a perda fálica para uma mulher é dupla, ao nível do ter e do ser, como devemos entender essa questão de ser e de ter, este falo?” (Laznik, 2002:239).

Por seu lado diz Lacan: “Se o desejo da mãe é *ser* o falo, a criança quer ser o falo para a satisfazer” (Lacan, *La signification du phallus*, 1971: 112), ser a sua completude no desejo – que é o que se torna impossível. Pois aquele gozo infinito, aquele aconchego, aquele não pensar do bebé ou mesmo aquele já pensar da criança que é tudo para a mãe, tem que ser cortado, sob pena do infante não entrar para o Simbólico. E é aí que o desejo que se eterniza. Este “ser o falo”, imaginariamente vai se opor naturalmente a “ter o falo” na realidade.⁷

Como a mulher pode, portanto, ultrapassar o não ter? Para além do ter o bebé, pode ser na mascarada⁸ feminina, na sedução, nos signos de seus atributos, inclusive o poder – todos esses significantes vão desempenhar este mesmo papel. Aqui novamente voltamos a lembrar que a mulher perde, ao entrar na menopausa, muitos

⁶ Laznik, M. Christine (2002). *Sexualité féminine à la ménopause. La féminité revisitée. Thèse.* Université de Paris XIII

⁷ Uma explicação bastante satisfatória se encontra em Gérard Pommier, *A excessão feminina. Os impasses do gozo*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro, Zahar, 1985:18. Diz Pommier: “Assim a castração comporta um primeiro tempo essencial, formado pela descoberta da castração da mãe, ou ainda do desejo desta por um pai. O que Freud chama de “deslocamento para o objecto paterno dos laços afetivos com o objeto materno” tem como condição que a própria mãe desloque para esse objecto paterno tais laços afetivos: apenas essa descoberta do desejo permite perceber a falta do pênis feminino. A castração longe de se reduzir ao temor de uma mutilação antômica, é efetiva no momento em que o sujeito constata que o desejo materno se orienta alhures, em direção a alguma coisa, ou, com mais frequência a alguém, a um Nome do Pai, que permite situar o mistério do falo.”

⁸ O termo “mascarada” surgiu num artigo de Joan Rivière “*La féminité comme mascarade*”. Rivière descreve o caso de uma cliente aparentemente uma mulher frágil, sedutora. Isso seria a tal mascarada

atributos, mas não perde aquilo que tiver adquirido ao nível do simbólico e que conseguir conservar graças às manobras da meia idade, o que se examinará na sequência deste trabalho.

No Seminário *Encore* (1972), onde Lacan vai trabalhar a questão da especial forma do gozo feminino, vai propor um grafo composto de um lado masculino e de um lado feminino, onde os sujeitos se podem inscrever independentemente da sua anatomia, para formar a sua identidade sexuada.⁹

Como vimos tudo já estava teoricamente colocado em Freud. Mostra o mestre que em diversos momentos do percurso de vida a identificação ao falo torna-se dominante.

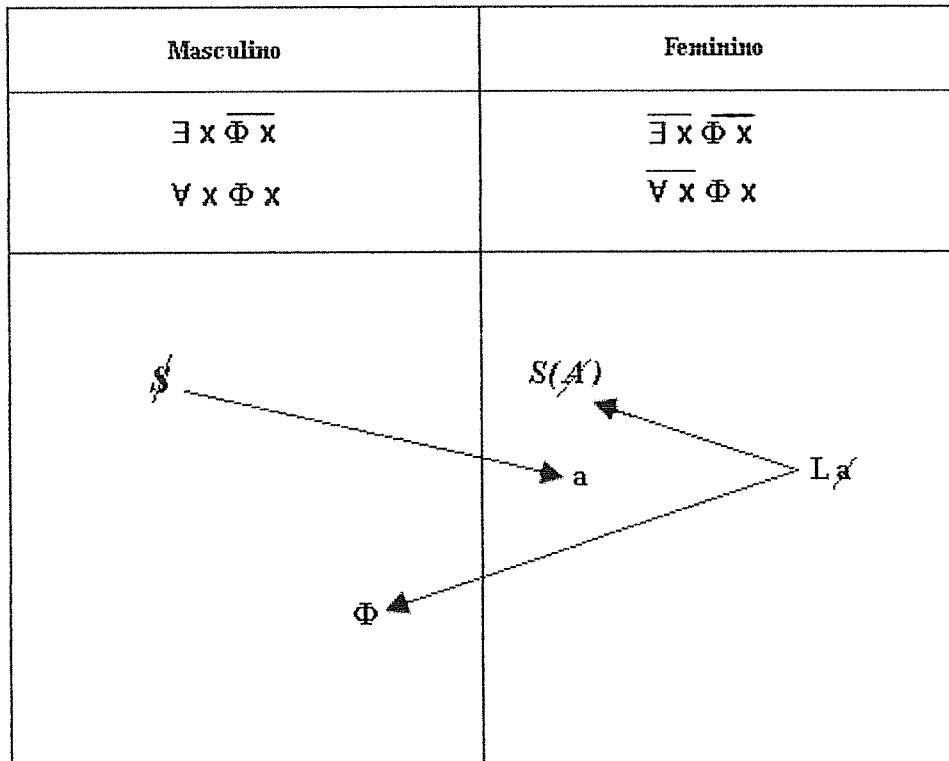
Em *Encore*, Lacan vai formalizar essa possibilidade tornando-a assim mais patente. Como em toda sua obra, Lacan nos oferece uma lógica, uma gramática, uma *langue* (como em Saussure) dos sexos.

O grafo se divide em duas partes, uma superior e uma inferior (horizontalmente) e em dois lados da vertical, à esquerda o lado masculino e à direita, o feminino.

Usaremos a ajuda de Laznik (2002: 245-251), de Charles Melman (1985: 44), de Serge André (1998:218-227) e de Diana Mariscal (para a leitura do grafo em Lacan, especialmente da parte superior.

para esconder a posição fálica, viril, ligada ao seu sucesso profissional. Todas as vezes em que ela tem um sucesso profissional (seu poder fálico), ela se mostra frágil: uma dívida em relação ao pai.

⁹ Laznik (2002) lembra que nesse mesmo momento, da parte dos anglo-saxões, surge a nomenclatura de *gênero*, que acentua o lugar das identidades sexuadas nos aspectos sócio-culturais. Particularmente eu acompanhei, com grande intensidade, o surgimento dessa categoria, no âmbito dos estudos da literatura. Laznik lembra que esse debate interessou particularmente às feministas. Ainda salienta que na França não teve tanta repercussão porque Simone de Beauvoir teria um pouco antes daqueles, comandado o pensamento francês no seu *O segundo sexo* (1949), pois sem apelar para as reivindicações feministas anti-fálicas., mostra que o sujeito feminino não nasce e sim torna-se mulher.



Examinemos a parte superior do grafo. Do lado masculino superior na horizontal: a fórmula de baixo indica: todos são marcados pela castração: $\forall x \Phi x$, ou seja, que para todo x (sujeito) vale a função Φ de x . Isto representa a universalidade do Édipo e da proibição do incesto¹⁰. A fórmula de cima: $\exists x \overline{\Phi x}$ indica que há um sujeito que terá escapado à proibição. Isto faz referência a Freud, *Totem e tabu* (1912), ao mito filogenético proposto na obra. O super-macho, pai primitivo, que escapa à castração para gozar todas as mulheres ou a “mulher toda” vai ser assassinado pelos filhos castrados que têm que obedecer à Lei da proibição do incesto. Ou seja, o obstáculo sendo exterminado, como diz Lacan, nem por isso o gozo se torna ilimitado. Serge André lembra que na clínica todos os dias ouve-se das

mulheres, especialmente das histéricas a nostalgia de um homem inteiro que fosse talhado a gozar a mulher toda, pois para as mesmas todo homem faz figura meio fragilizada.

A dialéctica entre $\forall x \Phi x$ e $\exists x \Phi x$ (a linha de baixo e a de cima), indica o sucesso do Don Juan entre as mulheres e também entre os homens, como identificação masculina, seria ele o “verdadeiro homem”, que quer estabelecer a lei, ele próprio.

Do lado da posição feminina, parte superior direita, têm-se novamente duas fórmulas com quantificadores (da Lógica): $\overline{\exists x \Phi x}$ e $\forall x \Phi x$; sendo que a primeira quer dizer: não existe sujeito para quem a função Φx não funcione, ou seja: não existe mulher que não esteja assujeitada à castração; a segunda, a de baixo e $\overline{\forall x \Phi x}$: para não todo sujeito é verdadeiro que Φ funcione, a saber, a mulher não é toda assujeitada à castração (o que já foi indicado no item 2.1.3 deste trabalho).

Examinemos a parte de baixo da barra horizontal, “em que se cruza a divisão vertical daquilo que impropriamente se chama a humanidade enquanto ela se repartiria em identificações sexuais (...)” (Lacan, *Encore*, 1975: 74). Vejamos do lado esquerdo, masculino, temos o sujeito barrado $\$$, clivado, e o Φ que o suporta como significante: o sujeito do inconsciente e o falo. Segundo Lacan esse $\$$ tem relação apenas com o objecto a , inscrito do outro lado da barra, ou seja, a relação do homem com a mulher não se faz com um objecto inteiro e sim através de um objecto a , causa do desejo. Se unirmos o sujeito barrado com o significante do objecto causa do desejo, teremos a fórmula do fantasma $\$ \diamond a$, que preside nossas representações da

¹⁰ Lacan utiliza, neste grafo, quantificadores da Lógica.

realidade psíquica. Diz Lacan: “Il ne lui est donné que d’atteindre son partenaire sexuel, qui est l’Autre, que par l’intermédiaire de ceci qu’il est la cause de son désir.”

Mas o importante é que sendo o homem marcado pela castração $\$$, ou seja, impedido de ter todas as mulheres (como o pai primitivo), suportado pelo significante falo simbólico – marca de sua classe - e sendo ele dependente do fantasma, decorre disso que o seu falo imaginário (ϕ) só se sustenta se for garantido, positivado, por um olhar de um outro, do lado direito do grafo – pelo objecto causa do desejo.

Enquanto do lado feminino (direito), Lacan diz que pretende abordar exactamente aquilo que Freud deixou de lado (*sic*), a saber *Was will das Weib?*, o “O que quer a mulher?” Não há senão libido masculina, segundo Freud. Esse lado do grafo é, portanto, de todos aqueles sujeitos que assumem o estatuto feminino, independente do seu sexo biológico. Explica também que o artigo feminino que antecede a palavra mulher ~~A~~ mulher, ~~La~~ *femme* é barrado para indicar que a mulher não é toda assujeitada à castração, como se viu antes. Ela se desdobra, ao ter relação com o Φ . Ela não forma uma classe fechada porque visa o falo do outro lado do grafo, do lado masculino. O que vai representar a mulher nesse grafo do lado direito, feminino, é o $S(\bar{A})$ que representa o tal gozo a mais, não fálico, de que a mulher é detentora. S – significante ~~A~~ – do Outro sujeito à falha. Esse ~~A~~ barrado insiste na falta de significação no Outro – *falta a ser*.

Afirma Diana Mariscal: “Do lado das mulheres, o gozo está coordenado ao significante do Outro barrado $S(\bar{A})$, mas também tem acesso ao falo, por isso a mulher é não toda. (...) Para suprir o vazio, a mulher faz o homem, o que não quer dizer ser o homem; é a questão da histerica.”¹¹(Mariscal, s/d: 217).

¹¹ Diana Lidia Mariscal. “S2: função da verdade”. *Letra Freudiana*, ano XI, n. 10,11,12. Rio de Janeiro: s/d

Como mostra Joel Dors, a propósito do grafo do desejo, “É em torno deste $S(\mathcal{A})$ que o falo, Φ , assume sua função de significante” (Dors, 1989: 190).

A mulher carece de um traço que possa garantir a sua identidade feminina e, nesse ponto, nota-se o esforço que as feministas fazem por fundar essa identidade o que daria mais segurança à mulher, mas deste não resulta senão numa masculinização da mesma.

Charles Melman (1978: 33-34) explica que uma das principais reivindicações da menina na relação com sua mãe é que essa mãe que é mulher, esposa do seu pai, a ajude a fundar a sua feminilidade, coisa que não acontece, geralmente. Foi o que Dora foi procurar na Senhora K e que a jovem homossexual (Freud, 1919) buscou na dama “cocote”. A ausência de uma identificação torna a mulher mais dependente em relação ao homem. Salieta Melman: “ A prevalência em uma mulher da demanda de amor se justifica por essa inquietação em ser reconhecida enquanto uma, a saber, única (isto é *a uma*)” e acrescenta que “a dor essencial gira em torno da privação do traço que teria podido garantir sua feminilidade, protegê-la dos caprichos do interlocutor, das circunstâncias e da idade.” (Melman in Laznik, 2002:248).

A clínica psicanalítica da mulher na menopausa mostra-nos que essas dificuldades tornam-se bastante dolorosas com o decair da imagem física, com a impossibilidade de seduzir pelos mesmos meios que a jovem e pelas dificuldades também muitas vezes suscitadas no próprio companheiro cujo narcisismo acaba por se acomodar mal à “amputação” de sua companheira, como diz Melman.

A importância do grafo da sexuação é a de mostrar os traços que distinguem o máximo da masculinidade, do máximo da feminilidade (levando em conta a ausência de um traço feminino, mas um conjunto que participa dos dois lados), sabendo que

qualquer sujeito poderá colocar-se de um ou de outro lado, e também que haverá ou não remanejamento da sua posição, de acordo com as identificações e com o momento vivido.

2.2 – A *pausa* no meio da vida: reflexões a partir da psicanálise

2.2.1 - Consequências e possíveis saídas da mulher em menopausa

Adiante ver-se-á como Freud insiste na questão do aumento da libido na perimenopausa e na menopausa. E é da dialéctica quanto mais libido, mais recalçamento da mesma, que nascerá o sintoma (item 3.2.1).

Carlos Amaral Dias salienta esse aspecto (do aumento da libido), e a questão da triangulação edipiana, comparando esse momento ao da adolescência, sublinhando, na maturidade, a história de um impossível desejo que se reinstala ou ressignifica:

Se podemos caracterizar a adolescência como um encontro entre representante e representado (representação do pénis /pénis; vagina/vagina), esta representação não é, no entanto, da ordem da soma, mas da multiplicação. Com efeito se mencionar a representação por A e o representado por B, e se pensarmos no adoecer adolescente como ponto limite dessa junção, não podemos por exemplo conceber a anorexia mental como $A+B$, mas como $A \times B$. Expliquemos: uma representação paranóide do feminino sexual maternal, organizado na infância, ao encontrar o corpo biológico sexuado (puberdade), criam uma monstruosidade anoréxica em que o valor de A no seu efeito de multiplicação com B, enforma drasticamente o produto final.

Dito de outra forma, um representado é sobreinvestido numa representação e é este efeito que gera a especificidade do desejo humano,

em que um terceiro espreita sempre o casal sexuado. As consequências de tal triangulação são bem explicadas por Freud no terceiro capítulo dos “Três ensaios”. Aí a reprodução oferece-se ao sujeito humano como exercício final da sexualidade, tendência biológica originária, mas que ao ser colocada no cenário edípico próprio do humano, faz do desejo de ser mãe (ou pai) um outro ciclo da resolução da tragédia de ser apenas filho. O fantasma da reprodução tornado agora biologicamente possível não é, pois tão só como pretende Elliot Jacques uma forma de resolução da angústia de morte, mas também uma renovação de um impossível luto pelo desejo edipiano infantil. Assim sendo o ciclo biológico pode ser visto não como *status nascendi* da vida psíquica, mas revelador das suas invariâncias pese o que pese a plasticidade etária, então clarifica-se como a crise da idade média da vida e as suas concomitantes biológicas reinstalam na psique a história de um desejo impossível.

AxB não abre mais para a ilusão filial, já que maternação e paternação passaram a ser coisa do passado.

A tragédia agora é a seguinte: *Oedipus* passa mais e mais a *Oidapous* (dos “pés inchados” a “aquele que sabe”).

Em plena maturidade da vida, os interditos agora de alguma forma já sabidos, não sustentam senão ao de leve uma ignorância. O retorno do desejo incestuoso abre caminho entre os órgãos que perderam o álibi da reprodução e mostram uma vez mais a sua cruência. (Texto falado na supervisão e anotado por mim, 2002).

Muitas renúncias marcam esse meio da vida. Na menopausa a mulher deve renunciar a ter um bebé ao falo, portanto, que lhe foi prometido com a puberdade. Essa possibilidade pode até não ser desejada, porém é a impossibilidade que é repudiada. O facto de deixar de sangrar todos os meses atinge o narcisismo feminino.

A vagina, por sua vez, torna-se obsoleta e muitas mulheres voltam-se ao clítoris como gozo. Esse gozo, segundo Freud, tem carácter masculino.

A mulher sente por outro lado, com a perda da juventude/beleza sua impossibilidade de ser objecto causa do desejo - objecto *a*. Não pode, portanto, realizar a tarefa de sustentar o desejo do homem e a sua falicidade. O filme de Cassavetes, *Opening Night*, dramatiza esse momento: a bela atriz protagonista deverá representar uma peça dentro do filme. Na peça ela actuará como uma mulher mais velha do que é. A partir da vivência desse papel ela passa a antecipar o que acontecerá consigo mesma, personagem-atriz, nesse meio da vida, o que desperta nela um certo terror. Ela se sente desertada do desejo dos homens. Passa a procurar um gozo substituto e sem limites na adicção, no caso no álcool. Não consegue representar a peça que lhe é proposta. Porém, como grande atriz que é, consegue mesmo alcoolizada, na noite da estreia “dar a volta por cima” inventado seu papel na hora, dando-lhe o humor que diz que faltava e consegue fazer um grande sucesso.

No Congresso de Paris (2002) sobre a menopausa a psicanalista Cecília Hopfen acentua que o narcisismo ferido na menopausa vai dar melancolia, adicção, hipocondria, somatizações diversas.

Examinemos as possíveis saídas da mulher na menopausa:

- Identificação à mãe - objecto do amor o pai em seus avatares, um filho, amigos do filho, rapazes mais jovens. Incesto culposo (ver exemplo no capítulo Menopausa na literatura: Rosália von Tummler, no romance de Thomas Mann, *O cisne negro*; em Casos clínicos: Sra. Creusa, Sra. Elisa).
- Identificação ao pai --objecto de amor: outra mulher, uma jovem, com ou sem realização sexual (na literatura: Simone de Beauvoir e sua relação com a jovem Sylvie, ver capítulo 4 deste trabalho). Ocorre um remanejamento com passagem para o lado do homem, no grafo da sexuação de Jacques Lacan.
- Ressignificação da fase pré-edipiana - fixação à mãe – como objecto de amor/ódio com muita culpa e sofrimento. Masoquismo - desinteresse sexual, desinvestimento no homem, (ver no capítulo 5, em Casos clínicos examinados: Sra. Maria da Penha).

Detenho-me aqui, pois conforme a proposta da Dissertação devemos levar em conta a importância da resignificação do traço dessa relação mãe/filha.

A favor da hipótese da sobrevivência do traço da relação pré-edipiana e de sua importância nesse período da vida feminina, lembro as reflexões de Paul-Laurent Assoun sobre os esforços de Freud para compreender a mulher.

Lembra que Freud afirma em seu paralelo arqueológico: “O discernimento (*Ensiht*) da pré-história (*Vorzeit*) pré-edipiana da menina produz um efeito de surpresa (*Wirkt als Uberraschung*), tal como, num outro campo, a descoberta da civilização grega”. (Freud, *ESB*, v. XXI: 519. Salienta Assoun que o pai da psicanálise ter-se-ia deparado com um elemento de apego da menina à mãe que ele

chama de um porto, um porto de apego, do qual é difícil conceber que um dia ela se desligue.

Indaga se esse mundo fusional original mãe-filha menina não manteria encerrada a forma primordial do querer feminino. E para passar do querer para o desejo pressupõe-se que a menina passe pelo Édipo, aceite fazer o luto do mundo dito fusional com a mãe, o que nem sempre se faz completamente. (Assoun, 1993: 104)

- Uma outra possibilidade de remanejamento neste meio de vida é a passagem para o lado masculino do grafo da sexuação. A mulher que monta seu próprio negócio, não depende mais do marido ou tem uma profissão de prestígio, recebe honras e poder. Entretanto, como mostra Christine Laznik, essa solução pode acabar com a relação de casal (no caso da mulher casada), na medida em que acaba a dissimetria que poderia manter o desejo no homem (a dissimetria consiste na mulher buscando o falo no campo do homem: razão pela qual é muito comum um professor se apaixonar por uma aluna mais jovem e se sentir renovado; o médico com a cliente, um homem maduro, em geral, com uma mulher mais jovem, para que se opere aí a positivação do falo no homem maduro).

- Outra possibilidade de saída da menopausa, se faria pelo investimento do tal excesso de libido numa actividade sublimatória, na profissão ou na arte, por exemplo. Nesse caso a mulher pode exercer a função de objecto a , não pela beleza ou juventude, mas pelo fascínio que exerce por alguma qualidade intrínseca.

Madeleine Gueydan (1991:104-112) nos oferece um belo exemplo de capacidade de sublimação, com o caso da pintora Sónia Delaunay. Ela ama pela primeira vez quando conhece o futuro marido Robert Delaunay. Ela se sente

extremamente completa no amor e fará tudo para tornar felizes o homem que ama e o filho que nasce desse casamento. Ela deixa de pintar telas, de que ela tanto gostava – pois deixa para Robert essa forma de arte. Desse modo ela se mantém do lado feminino do grafo, mantendo e positivando o falo do homem. Ela vai fazer colagens com tecido e papel. Fará outros objectos como *abat-jours*; vai talhar, bordar, fazer *patchworks* etc. Ela procurará outros meios de expressão diferentes que a distinguirão, e evitarão a competição com o marido. Diz Gueydan que seu amor pelo marido e pelo filho passarão ao primeiro plano. Posteriormente ela vai fazer vestimentas para teatro, principalmente quando o casal se estabelece em Lisboa e depois em Madrid. Mas só após os sessenta anos (pós-menopausa), já há muito falecido o marido, é que Sônia vai sair da órbita de Robert e se soltar na pintura. Entre os 65 e 70 poderá então dedicar-se inteiramente à pintura, cuidar de suas exposições etc. Malraux dirá que com 82 anos ela encontrou sua liberdade de expressão. Sonia Delaunay, portanto, não teve idade, teve, sim, vontade e desejo intensos.

2.2.2 – A menopausa em Freud

Em relação à menopausa em si, Freud fez ao longo de seus trabalhos múltiplas referências:

Texto de 1895, a propósito da neurose de angústia, cita a menopausa como um dos muitos casos em que a não satisfação sexual pode acarretar a angústia, “o climatério no momento do último grande crescimento do estado de necessidade sexual”. Ou seja: convém notar que Freud fala no crescimento da necessidade sexual e não da diminuição da libido.

Nos homens, em relação à neurose de angústia ele nota: “Há homens que, como as mulheres, apresentam um climatério e, na época em que a potência diminui e sua libido cresce, produzem uma neurose de angústia”. Esta é a primeira vez em que Freud usa o termo libido¹².

Diz que nos casos de abstinência há um recalçamento intencional da representação sexual, recalçamento que a mulher abstinente assume, ao lutar com a tentação e acrescenta que na época da menopausa o horror que a mulher envelhecida sente em relação à libido tornada excessiva (*sic*), age de forma semelhante.

Em 1912 “Tipos de entrada na doença neurótica”: novamente aqui Freud insiste no crescimento da libido na menopausa. Ao estudar a relação entre doença neurótica e frustração ou recusa, ele mostra a modificação sofrida por sujeitos que estavam saudáveis:

(...) Em resultado de haverem atingido um período específico da vida, e em conformidade com processos biológicos normais, a *quantidade* de libido, em sua economia mental experimentou um aumento que, em si, é suficiente para perturbar o equilíbrio da saúde e estabelecer as condições necessárias para uma neurose. É notório aumentos mais ou menos súbitos de libido acham-se habitualmente associados à puberdade e à menopausa - quando as mulheres chegam a determinada idade(...). Aqui o represamento da libido é o factor primário; ele se torna patogénico em consequência de uma frustração *relativa* procedente do mundo externo, que ainda teria concedido satisfação a uma reivindicação libidinal menor por parte da libido. Esta insatisfeita e represada,

¹² Jones, nota feita para a *Standard Edition* de Freud.

pode mais uma vez abrir caminhos à regressão e despertar os mesmos conflitos que demonstramos no caso da frustração externa absoluta. (Freud, 1976:186-187).

A formação do sintoma aqui se dá em virtude do mundo exterior não permitir que haja uma troca libidinal

Em “Análise terminável e interminável” (1937) Freud volta a citar a questão da menopausa paralelamente à da puberdade:

Por duas vezes no curso do desenvolvimento individual emergem reforços consideráveis de certas pulsões: durante a puberdade e, na mulher, por volta da menopausa. Em nada nos surpreende que pessoas que antes não eram neuróticas, tornem-se tais em torno dessas épocas. O domar das pulsões, que haviam conseguido quando estas eram de menor intensidade, fracassa agora com seu reforço. As repressões se comportam como uns diques contra o esforço de assalto (*Andrang*) das águas.

Freud indicará em seguida que os tais “reforços pulsionais” a que alude em função desses dois momentos da vida, poderão sobrevir em qualquer outra época, bastando para tal que sofram traumas, frustrações impostas e outros.

O masoquismo (*Das Ökonomische Problem des Masochismus*, Freud, 1924), enquanto questão que importa para a menopausa.

Freud aponta três formas de masoquismo: como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento

1 – masoquismo erógeno

2 – masoquismo feminino

3 – masoquismo moral

O primeiro, prazer no sofrimento, subjaz nas outras duas formas. Está ligado a factores biológicos ainda obscuros, diz Freud. O feminino é o mais acessível. A terceira forma de masoquismo e a mais importante (que teria sido identificada pela psicanálise pela época em que Freud escreve esse trabalho) é inconsciente, porém perfeitamente explicável.

Nos homens impotentes as fantasias se concluem por um acto de masturbação ou representam uma satisfação sexual em si próprias. Ou seja, os perversos masoquistas estabilizam-se com as fantasias ou servem-se das fantasias para induzir a potência. É o caso dos que, no conteúdo manifesto, gostam que lhes batam ou serem amordaçados ou amarrados, sujados ou aviltados. Até podem incluir mutilações.

Interpretação: o masoquista deseja ser tratado como criança pequena e desamparada e travessa.

Fantasias masoquistas muito elaboradas colocam o sujeito numa situação feminina. Essas fantasias significam ser castrado, ser copulado, ter um bebé.

Daí forma feminina. Mas muito apontam para a vida infantil. Ser castrado ou ser cegado fantasia - deixa um traço negativo de si mesmo. O traço de culpa subsiste por trás de tudo isso, a fantasia da masturbação infantil e a ameaça de castração (cf. o caso do pequeno Hans).

A questão da culpa remete à terceira forma de masoquismo, o moral.

Ainda em relação ao feminino, salienta Freud que este se baseia no masoquismo erógeno, no prazer no sofrimento, pois como já foi explicado em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”¹³, visto que a tensão devida ao sofrimento e desprazer provoca excitação libidinal. Isto funda a estrutura psíquica do masoquismo erógeno.

O sadismo por sua vez é aqui definido como instinto destruidor, de domínio ou vontade de poder voltado para fora, na luta com a pulsão de morte. Uma parte deste fica a serviço da excitação sexual e outra parte se recolhe e é o masoquismo erógeno original. Freud diz que não dispõe ainda de uma explicação “fisiológica” de como o “amansamento” da pulsão de morte se dá. Lembra que as pulsões não são separadas (a de morte e a libido). O sadismo ou pulsão de destruição pode assim ser introjectada, voltar-se para dentro e tornar-se masoquismo. Isto seria um masoquismo secundário, acrescentado ao masoquismo original.

O masoquismo erógeno acompanha as diversas fases do desenvolvimento. Do ponto de vista filogenético. Freud lembra o medo de ser devorado pelo animal totémico (o pai) origina-se da organização oral primitiva.. O desejo de ser espancado provém da fase anal sádica, em que as nádegas têm preferência erógena. A castração, embora seja rejeitada, ingressa no conteúdo das fantasias masoquistas: fase de organização fálica, ser copulado e dar nascimento.

A terceira forma de masoquismo, o moral, afrouxa a relação com a sexualidade. Aqui o sofrimento é que importa venha ele de onde vier.

Há dois tipos de masoquismo moral. Os sujeitos chegam ao tratamento dando a impressão de serem inibidos em grau excessivo, de estarem submetidos a uma

consciência muito sensível. Não são conscientes dessa ultramoralidade, desse masoquismo moral.

No primeiro caso o acento cai sobre o sadismo intensificado do superego a que o ego se submete, no segundo é o próprio masoquismo do ego que busca punição pelo sofrimento.

O masoquismo moral é inconsciente, daí poder-se traduzir a expressão “sentimento inconsciente de culpa” como necessidade de punição por um poder paterno. Talvez se possa aqui generalizar e dizer apenas por um poder. Daí o desejo frequente em fantasias de ser espancado pelo pai corresponda a outro desejo o de ter relações sexuais passivas (feminina) com o pai.

A moralidade e a consciência, segundo Freud, surgem com a dessexualização, com a superação do complexo de Édipo . Isso não é vantajoso para o indivíduo, porque o seu senso ético fica vinculado ao masoquismo. Por outro lado a tentação de realizar acções pecaminosas, devem ser expiadas pelas censuras da consciência sádica ou pelo castigo do poder do “ destino” (os caracteres russos). O sadismo do superego e o masoquismo do ego suplementam-se. pessoas que têm uma consciência severa. Tudo se passa como se os requisitos éticos fossem a coisa primária e a renúncia à pulsão deles decorresse. Na realidade pode ocorrer o inverso. A primeira renúncia pulsional é forçada por poderes externos e somente isso cria o senso ético.

O perigo do masoquismo moral reside em poder derivar da pulsão de morte e corresponder à parte dessa pulsão que escapou de se voltar para fora como pulsão de destruição. Realiza então a própria destruição do indivíduo, que tem um componente erótico, com satisfação libidinal.

¹³ Freud, S.. (1905). “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. *Textos essenciais da Psicanálise II*. Selecção e introdução de Anna Freud. Trad. Inês Busse. Lisboa, Europa-América, 1989.

2.2.3 - Helen Deutsch. Psicanálise das funções sexuais da mulher

a) Sobre Helen Deutsch

Discípula e analisanda de Freud, Helen Deutsch continua a ser uma referência incontornável sobre as questões levantadas sobre a menopausa. Sabe-se que a autora tem duas edições do mesmo trabalho sobre a menopausa, em 1920 e em 1945. Essas duas edições com vinte anos de separação terão algumas diferenças. Paul Roazen, seu estudioso e biógrafo, mostra que no trabalho de 1920 havia um optimismo quanto à possibilidade de operar a psicanálise para a prevenção dos efeitos da menopausa, enquanto vinte anos depois ela é mais pessimista quanto a isso.

Por outro lado Madeleine Gueydan nos adverte sobre as contradições na obra de Helen Deutsch mostrando que de alguma maneira ela dissociou a vida quotidiana de sua teoria. Assim mostra que na teoria ela expõe que uma mulher para o ser verdadeiramente terá de passar pelo masoquismo, submeter-se ao homem e criar tranquilamente os filhos. Enquanto que na vida real ela foi casada, mãe de família, escritora, conferencista, directora da Sociedade de psicanálise de Viena, e depois em Nova York. Foi uma militante política no tempo de sua ligação com o socialista Herman Lieberman. Teve, portanto uma carreira intensíssima. Como diz Gueydan, quando ela fala de uma mulher fálica, não feminina vemos uma desarticulação entre vida e teoria, vida e obra, portanto.

Mas como observa a autora, vai ser na última parte de sua obra, nas vinte e quatro últimas páginas, nas quais se detém sobre a menopausa (considerando que a sua obra sobre a mulher em dois volumes tem que tem cerca de setecentas páginas) que vai ter um conteúdo mais forte, mais relevante. Ela o atribui à diferença de idade em relação à escrita das partes primeiras, considerando que Deutsch, nascida em 1884, terá no ano quarenta e cinco, seus sessenta e um anos, portanto mais madura. Entretanto Christine Laznik e Paul Roazen (o biógrafo de Deutsch) vão mostrar que Helen Deutsch teria feito esse trabalho vinte anos antes como já foi dito, em 1920 e refeito em 45. De qualquer modo isto não invalida a opinião de que de facto a última parte do trabalho de Deutsch contém uma maior maturidade nos conceitos expostos.

b) Helen Deutsch: o último capítulo

Nesse último capítulo da extensa obra a autora vai falar sobre essa última experiência traumática da mulher como ser sexuado que é a menopausa e que representa uma incurável ferida narcísica. Paralelamente ao processo físico, representa uma fase retroactiva na história da libido, uma regressão a posições infantis libidinais abandonadas na infância na qual não há o desaparecimento das necessidades libidinais, mas que cria situações emocionais de grande demanda.

Helen Deutsch salienta que na puberdade dá-se a renúncia da masculinidade (da prevalência do clitóris) – nesse momento a ferida narcísica da menina é compensada pelo aparecimento das características sexuais secundárias e uma nova atracção surge na mulher.

Na menopausa, entretanto, tudo que foi concedido à mulher lhe é retirado. Simultaneamente há o processo de retroação da genitalidade, das glândulas internas e da beleza, tudo sob a égide da perda da feminilidade.

A libido agora, sem possibilidade de investimento e com uma diminuída capacidade de sublimação, tem que ir para trás e procurar posições prematuras, ou seja, estabelecer-se numa posição familiar para nós que é a posição da formação de sintomas neuróticos.

Sabido é que os genitais não desistem de sua função sem uma longa e difícil luta. Pois cada fase da libido tem a tendência de reter o investimento feito nela. O que acontece é que desenvolve uma última “fascinação” (um exemplo pode-se constatar em no amor dos dois velhos em *O amor nos tempos do cólera*, romance de Gabriel García Márquez) e é por meio desta, segundo a autora, que facilita o caminho para a regressão libidinal.

Há pouca investigação analítica sobre como a regressão fisiológica se dá e de como e quando começa e das lutas que a libido genital sofre antes de se permitir ser destronada. Mostra que na mulher esse processo deve ser mais complexo que no homem embora ela não conheça este último, porque diverge bastante e demanda uma enorme capacidade tanto orgânica quanto psicológica de adaptação.

O que subjaz à retirada da libido dos órgãos genitais é idêntico no essencial às fases infantis em que pela segunda vez homem e mulher não existem. Salienta que, antes dessa retirada, antes da fase pós-genital, uma luta se trava para “defender a fortaleza” que está para cair: é a fase da menopausa (ela dá a idade: entre o meio dos 40 até o meio dos 50). Fase marcada por processos somáticos que estão conectados

com o dismantelamento da libido orientada genitalmente. Assinala que não há processo semelhante no homem nem no reino animal.

No caso da puberdade, os processos de actividade preparatória vão de sete a dez anos. No caso do climatério, a preparação, a luta do pré-climatério começa aos trinta anos.

Há uma percepção interna do processo biológico que vai tendo lugar, percepção esta que precede as mudanças. A mulher é ainda capaz de reprodução, mas já sente a desvalorização dos órgãos genitais como órgãos de reprodução e além disso ainda há dificuldades externas tais como dificuldades sociais (o que era mais verificável na época de Helen Deutsch). Essas dificuldades de que fala, hoje, no século XXI, já não começam aos 30 anos, creio eu. A mulher de 30 anos está em sua plena forma, e em alguns casos se confunde com a de 20 anos, tendo um pouco mais de maturidade, o que a converte num ser bastante atraente.

O aumento da libido é narcisicamente determinado, os genitais lutam para manter sua posição.

Deutsch salienta que tem sido sugerido que um processo puramente hormonal subjaza ao aumento da libido pré-climatérica e que todos os sintomas psíquicos são apenas consequências dos sinais biológicos, como na puberdade. A diferença entre climatério e puberdade é que, no último, temos uma fase de construção e no outro de dismantelamento.

O destino regressivo, o dismantelamento é precedido por uma real
• intensificação da função – o que é pura reacção ao dismantelamento, como se vê, na opinião da autora.

Do ponto de vista do psiquismo há um completo paralelo entre a primeira fase do climatério que está apenas começando e a última fase de luta da puberdade que acaba com a aceitação da vagina e o desejo do objecto fluindo do mundo exterior. Para a menina, embora pronta é ainda “muito cedo” para o uso da vagina pois está sujeita a proibições. Deutsch fala em fantasias de masturbação clitoriana que estão destinadas a acabar, mas que são mobilizadas outra vez, em função da proibição. O que é muito cedo na puberdade é, no outro caso, “muito tarde”, pois o investimento anteriormente feito na vagina já não se mantém e, então, começa a fase de declínio. Ambas se voltam para o investimento no clitóris (fase fálica).

No climatério a fome libidinal é directamente proporcional à necessidade narcísica de ser amada, já que a mulher se torna mais velha e menos atraente. E é daí que se dá a regressão à fase fálica, com o re-investimento no clitóris, ou seja para o primeiro período da puberdade quando a vagina ainda não tinha assumido seu papel principal.

A primeira fase, portanto, caracteriza-se pela concentração no objecto, completa habilidade para realização genital e predominância de um forte desejo de ser amada. A segunda fase, por sua vez, é a do desapontamento vaginal, regressão à masturbação clitoriana, e a do aumento de uma actividade fantasística, fora da realidade. Diríamos, uma predominância de uma realidade psíquica com seus fantasmas predominantes.

As variações individuais determinam a variedade dessas fases e a entrada de uma na outra.

Mudanças de comportamento: podem-se estabelecer paralelos também na mudança de comportamento emocional.

1ª fase do climatério: renovado impulso de investimento vaginal traz enorme um sentimento de elevação. Ela se sente como uma jovem capaz de recomeçar sua vida amorosa, novas paixões. Faz um diário como as jovens, desenvolve entusiasmo por alguma ideia abstracta, muda o comportamento, deixa a casa. Tudo isso pelas mesmas razões que a adolescente. Sua relação de objecto muda e nota-se uma grande variedade de formas na maneira de vivenciar a sexualidade. Muitas mulheres que eram frígidas durante o período reprodutivo agora se tornam sensíveis e vice versa, outras que não eram, agora se tornam frígidas pela primeira vez. Geralmente isto acontece numa relação marital monogâmica. Outras mostram irritabilidade, mudança de humor, comportamento desequilibrado e fazem a vida um tormento, inclusive para aqueles que vivem em torno delas.

Comportamento emocional característico das mulheres que viveram sob a égide de um bem sublimado complexo de masculinidade (no sentido de seus caracteres masculinos não a terem levado a estados neuróticos) – elas sofrem com o “complexo de feminilidade” (perda da) - na menopausa .

Em casos patológicos pode haver uma extrema excitação da vagina, exactamente pela luta que se trava por manter sua primazia – trata-se da *hipomania*.

Assim a vagina tendo-se desapontado com a falência externa em relação ao objecto e interna em relação à esterilidade, desiste da luta. A libido não encontra mais lugar na realidade e regressa às fantasias masturbatórias. Aqui repete que a relação libidinal com o exterior sucumbe ao “tarde demais” e leva à introversão, do mesmo modo que o “cedo demais” o havia feito na puberdade.

Como resultado do declínio da vagina e do re-investimento no clitóris, como zona líder, a sexualidade da mulher adquire uma qualidade mais infantil, segundo

Helen Deutsch. A análise de mulheres no climatério mostra que a tarefa da puberdade que era a completa superação do complexo de Édipo e de masculinidade, nunca tivera um sucesso completo, mesmo em mulheres em que a neurose foi evitada.

Chega mesmo a dizer que “tem a impressão” de que, quanto melhor tiver sido enfrentada a puberdade, mais se terá criado mecanismos de defesa que poderão ajudar a enfrentar a menopausa.

Fantasias profundamente inconscientes:

<u>Puberdade</u>	<u>Menopausa</u>
Estupro e prostituição	idem
Masturbação clitoriana	idem
Complexo de castração mobilizado	idem
Culpa e ansiedade	idem
Quebra imaginária do interdição do incesto	idem
Objectos investidos com nova quantidade de libido	/idem

Indica na menopausa a reactivação do impulso incestuoso com filhos que se tornaram objectos assexuados antes, assim como os pais o foram um dia. – Observação feita a partir de casos empíricos.

O filho torna-se *imago* do pai (do avô) pois a imagem é inconscientemente transferida – o ideal do eu.

Esse regressivo hiper-investimento amoroso no filho com forte ênfase sexual é o típico destino da libido após as frustrações do pré-climatério.

Isso nos permite compreender a nova edição de fantasias como a do estupro expressam uma atitude masoquista em relação ao filho. Ela deseja ser batida, seduzida, mordida por ele. Vê-se muitas realizações dessas fantasias em diferentes versões mãe/filho, sogra/genro, sogra/nora etc. (Freud, 1913).

O trabalho de análise de pacientes neuróticos tem mostrado por um longo tempo já a atracção exercida por jovens rapazes a mulheres mais velhas e o mesmo com homens mais velhos que se relacionam com mocinhas.. O que se descreve como típico da menopausa é apenas a intensificação, a mobilização da libido nessa fixação edipiana transferida para os filhos.. Isto leva a mudanças na personalidade, assim como vários sintomas de conversão, diz Deutsch.

Irritabilidade, liabilidade para depressão, equivalentes da ansiedade: palpitação, pulsação alta, vertigem etc. Semelhante aos distúrbios da puberdade.

Todos esses sintomas estão subordinados a uma dupla perda de que já se falou: a capacidade vaginal de reprodução, assim como a re-mobilização do complexo de castração. Ou seja, um grande ataque ao narcisismo se dá.

Deutsch dá o exemplo de uma paciente doente mental, como ela diz que manipulava a vinda ou não de suas regras de acordo com a visita de um colega que foi para a guerra. Ela manteve as regras um longo tempo, perdeu e depois voltou a ter com intervalos irregulares, de acordo com a visita do colega. Diz a autora que o conteúdo dessas desilusões das quais ela sofria, tornou possível estabelecer a psicogénese da conduta que estava escondida no inconsciente.

Os eventos descritos são geralmente de carácter histérico. Outros desenvolvimentos posteriores pré-genitais ou pós-genitais podem ser de carácter

obsessivo, melancólico ou paranóide. A depressão, a paranóia ocorrem no final da fase pós genital (ou pré). Assim como a psicose de involução.

Espera, a autora, que a análise começada antes da menopausa ou no começo das dificuldades causadas por esse período possa ser de grande interesse para a profilaxia das neuroses.

3.3 - Paul Roazen¹⁴ comenta Helen Deutsch

Diz Roazen que os esforços dos psicanalistas contemporâneos para recolocar as questões levantadas por Freud sobre a mulher, muitas vezes caem no erro de ir muito longe na negação da inevitabilidade das diferenças entre os sexos. Muita dessa bibliografia sublinha a bissexualidade Karush & Ovesey, 1959; Rado, 1940; Kardiner. Segundo Roazen, poucos psicanalistas têm tendido a estigmatizar a bissexualidade na mulher como “fixação fálica”. Ou como consequência de rejeição da feminilidade. Nesse sentido diz que a psicanálise devia representar um desafio às convenções dominantes na sociedade, pois todo ser humano ao participar da duplicidade fêmea e macho permite-se uma enorme riqueza e múltiplas possibilidades.

É claro e evidente que as diferenças no desenvolvimento dos sexos persistem e deviam ser moralmente bemvindas, diz o autor. Roazen salienta que seria perverso, em termos de liberdade humana ficar procurando o que é inato na mulher e no homem. O conceito de normalidade é eticamente questionável e tanto Freud como seus primeiros colaboradores, eram cépticos em relação ao valor do que é “saudável”.

O mal funcionamento é mais fácil de discutir: a menopausa, por exemplo, tem uma significação especial para a mulher. Embora já se admita uma discussão em torno de um climatério masculino é para a mulher que este tem especial atenção, o que, segundo Helen Deutsch, seria o último ordálio sexual da mulher.

Freud costuma ser alarmista e pessimista sublinha o papel das forças sociais forçando o feitio da personalidade das pessoas.

A teoria de Helen Deutsch sublinha a repetição regressiva dos conflitos pubertais na menopausa.

A adolescência envolve um enorme impulso em termos de hormonas ovarianas. Mas na menopausa, o que vem à tona não é a capacidade reprodutiva da adolescência, mas algumas primazias dos seus mais tenros anos. O que é assustador é que não se trata de um epílogo do que aconteceu antes, mas de uma criação de um novo *status* que nunca existiu antes.

O período pós-genital na visão de Deutsch seria uma segunda vez em que o masculino e o feminino não existem. Trata-se de uma subversão para a mulher que tem consequências importantes: o aumento da libido por uma necessidade narcísica de ser amada e desejada.

Deutsch pontua algumas possibilidades sublimatórias que surgem a partir do final da menstruação e ela conclui com um entusiasmo e uma nota optimista a respeito da eficácia da psicanálise em tais casos como profilaxia, isto no trabalho de 1920. Posterior cepticismo clínico enfraqueceu o seu entusiasmo. Sua convicção era de que o saber pensar afecta a nossa conduta, daí ter-se especializado no feminino.

¹⁴ Roazen, Paul. *Psychoanalysis of the Sexual functions of women*. New York: Brunner/Mazel, Inc., 1991:15

Helen Deutsch segue o desenvolvimento da vida sexual da mulher como um processo global.

2.2.5 - Françoise Dolto: Menopausa e velhice ¹⁵

Françoise Dolto reserva um pequeno espaço de sua obra sobre a sexualidade feminina para a questão da menopausa.

Embora seja um estudo pequeno, nem por isso é menos interessante, uma vez que procede à enumeração e análise de *tipos femininos* em função da resolução edipiana e seu destino, suas saídas, nessa parte da vida.

- Narcísicas e ou dependentes

Assim mulheres com Édipo não formulado ou permanentemente transposto para objectos de transferência, ou ainda mulheres com Édipo não resolvido, vêem a perda hormonal com o fim da fecundidade, como uma grande ameaça. Se sua vida útil se baseou nas maternidades e na vida doméstica, ao perder a fecundidade ela pensa que não serve para mais nada. Ao sentir perder os valores estéticos, sente-se também inválido seu valor ético. Elas já não podem suportar o desejo do marido, ser-lhe um *objecto a*. Sua vida não teve senão fertilidade física carecendo daquelas simbólicas que poderiam tornar-se sua satisfação pessoal.

- Reinvidicadoras fálicas

Na experiência clínica de Dolto, as perturbações da menopausa apareceram sobretudo através da análise de jovens, que se queixam de sintomas que revelam nas

hrespectivas mães: toda a angústia de castração fálica, que se presentifica pela perseguição ao nível do imaginário, ou de ciúmes mórbidos em relação às filhas. Françoise Dolto fala numa supercompensação de uma homossexualidade anal ou oral recalçada – “por ocasião das dificuldades que essas mães suscitam na evolução adolescente de suas filhas ou filhos crescidos”. Essas mulheres recorrem a todo tipo de médicos e até a quiromantes etc. para mitigar a sua insatisfação.

Predomina nelas o pensamento mágico: recuperar a juventude. Devido ao narcisismo intenso e regressivo em relação ao corpo e ao sexo, elas conservam o desejo sexual e se tornam reivindicadoras fálicas e muitas vezes erotômanas.

- Édipo resolvido

Nas mulheres que tiveram a castração simbólica primária e o seu Édipo bem resolvido, conseqüentemente se permitiram um destino fecundo de afectos, de corpo e de sublimações. Nelas a menopausa se instala de maneira tranquila, proporcionando-lhes um período de florescimento no sentido das relações humanas privadas, sociais. Um período de grande estabilidade fisiológica e afectiva. Permite-lhes, por outro lado um acesso ao saber feito de experiência. Diz Dolto que nessas *o ideal do eu genital* põe-se ao serviço dos outros, tal como defesa de causas humanitárias, assistência aos netos, auxílio a mulheres mais jovens etc.

Nessas mulheres está o narcisismo sustentado pela sua inserção social, cedendo lugar a uma libido genital sadia. Toleram bastante mais as chamadas “feridas narcísicas”, provenientes das perdas da idade. São mulheres que irradiam bem estar e paz, simplificam as tarefas da vida e estão sempre abertas à oblatividade. São procuradas pelos jovens que podem alimentar-se de sua sabedoria inconsciente.

15 Dolto, Françoise. (1982). *A sexualidade feminina*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. São Paulo, Martins Fontes, 1989. 2ª ed.

Meia idade: mulher versus homem. Segundo Dolto, há uma diferença entre esse tipo de mulheres de meia idade e os homens da mesma faixa etária. Estes simbolizariam a “solidão aceita”, o poder do espírito, para além da impotência que se estabelece no corpo. A mulher por outro lado, simboliza a aceitação do transcorrer da vida e da morte. Encarna o acolhimento, a valorização de pequenos nada (*sic*), a alegria das trocas afectivas.

- A máscara do horror

A velhice neurótica, entretanto, pode trazer a “máscara do horror”. Na literatura temos a encarnação das mesmas exemplarmente nas bruxas de *Macbeth*, de William Shakespeare que dirigem uma espécie de dança macabra. São criaturas mal-amadas e incapazes de amar. Diz Dolto:

A presença de tais criaturas teratológicas, de instintos vorazes, enlouquecidas por não poderem fugir à sua insuperável angústia, temendo ainda ser violadas em suas menores e mais insignificantes poses narcísicas, é um perigo real para seus descendentes genéticos, que, para elas, simbolizam, em sua regressão simbiótica, o mal, o outro fálico a quem odeiam, a fim de continuarem a se sentir poderosas. (Dolto, 1989:95)

Compara os homens velhos a essas senhoras. Diz a psicanalista francesa que eles, entretanto, jamais atingem a intensidade do poder destrutivo das velhas bruxas.

O quadro das bruxas, tipo *Macbeth* (Shakespeare) é o ponto extremo e caricatural da velhice neurótica ou mesmo paranóide.

Pior ainda a mulher velha com regressão, em estado de necessidade paterno-maternal, que externa uma fobia generalizada de qualquer vida ou movimento. Entre gemidos e más profecias dramatiza esse fim de vida e rivaliza com tudo o que interessa a seus descendentes – tudo para fugir de uma angústia de morte obsessiva.

Em síntese, diz Dolto que esse tipo de mulher cria uma atmosfera neurotizante em todos os níveis da sua dependência e que a mulher depressiva na velhice é mais nociva do que os velhos do sexo masculino.

Como se vê, Dolto não discute teoricamente a questão do binómio menopausa / velhice feminina. O que faz é constatar a partir de sua clínica os tipos femininos resultantes das mudanças dessa etapa de vida.

2.2.6 - Madeleine Gueydan: *Mulheres em menopausa*

Madelaine Gueydan é psicanalista e professora universitária, encarregada de cadeiras na Universidade de Montpellier, cujo campo de pesquisa se concentra exactamente na questão da feminilidade e da maternidade. Seu livro *Femmes en menopause. Les transformations psychiques d'une étape de vie*¹⁶, é como dissemos na introdução deste trabalho, o único que se conhece inteiramente sobre a questão da menopausa, vista a partir da teoria psicanalítica. Trata-se de um livro de grande elegância na escrita e de coerência na pesquisa.

Salienta tratar-se de fenómeno pouco estudado, hoje mais assimilado à luta contra o envelhecimento. A mulher constata que ela murcha com a menopausa, fica mais fatigável, instável etc.

¹⁶ Opus cit.

Procura relançar o problema da filiação, ligada à mãe e à enigmática sexuação da mulher. Como fica a libido fálica quando não pode mais ser mãe? Gueydan lança uma solução positiva: passagem da procriação à criação, constatada na clínica. Outra saída, a negativa, é a depressão..

Propõe-se a analisar atentamente essa pausa introduzida pela ordem biológica. Mostra que essa pesquisa pode ajudar inclusive a examinar situações em que a ordem biológica se apresenta defeituosa, como as esterelidades, histerectomias, mastectomia.

Indaga se essa pausa não será o tempo conveniente para examinar a feminilidade no a posteriori (*l'après coup*), no momento em que ela estaria ameaçada. As imagens que desfilam nesse momento de mulher e da mãe, em que medida não terão surgido em torno do significante faltante (Lacan)?

A menopausa permite recolocar a questão do ser mulher ou homem. Formou-se ao longo dos tempos uma mitologia da diferença sexual, com a codificação dos costumes e dos papéis de cada um. Constata que não há possibilidade de se pensar uma essência do masculino e do feminino e mais: há uma inadequação em se pensar homem ou mulher a partir de sua forma anatómica . A transexualidade leva isto ao extremo. E, sem levar em conta esse extremo (o transexual), até mesmo a moda unisexo leva a pensar. Daí não ser o hábito que faz mulher ou homem, pois os atributos femininos ou masculinos são intercambiáveis, como nos jogos infantis de disfarces. Gueydan diz que isso pode ser interpretado como tentativa de manter a bissexualidade e a onipotência infantil, ou como tentativa de manter a ambiguidade, humoristicamente.

Na ausência anunciada por Lacan, de um significante do sexo feminino é a partir das regras que se pode colocar a diferença. Daí o tornar-se mulher é o estar apta a ser mãe. A menina terá essa relação em toda sua vida. Ser filha, ser mãe:

Vemos assim que na medida em que este signo puramente clínico - a menstruação- reenvia a um estado de mulher faltante (*manquante*) ou não faltante, ele reenvia assim à dimensão do signo lacaniano: o significante não tem nenhuma relação estável com o significado, ele não reenvia senão a um outro significante num perpétuo jogo de diferença e oposição. Gueydan, 1991:12).

Gueydan lança a questão: a mulher que ainda não menstruou é chamada menina (*fillette*); a que menstruou, mulher; e a que não menstrua mais, continua a ser chamada mulher, será velha ou mulher má? (*sic*)

Continua Gueydan, depois de examinar os mitos gregos relativos à mulher, a mostrar que as pulsões de vida não são inesgotáveis e seria isso que assinala a desaparecimento da juventude. Coloca então a sua tese: que seria essencial nesse ponto da vida, exercer actos de nascimento de um outro tipo, com outro material que não seja o carnal. A “rocha do feminino” e da maternidade dará então lugar à criação.

Gueydan faz em seguida todas as considerações possíveis elogiosas sobre os recursos actuais de hormonoterapia, bastante superiores ao recurso aos sedativos e tranquilizantes que se ministravam anteriormente. Observa que nós não estamos programados para viver um tempo tão longo e que a menopausa representa o momento que marca nossa luta contra a morte e que cada uma de nós reage em função

de sua reflexão sobre o problema que, em si, é inelutável e mais: da maneira como realizou seu ser feminino até esse momento. Esses dois últimos seriam os pontos que vai desenvolver.

Em sequência, a sua obra vai examinar vários aportes sobre a questão da menopausa, nomeadamente o de Helen Deutsch a pioneira desse tipo de reflexão; segue-se um longo estudo sobre Freud e o feminino que começa desde o Freud jovem; faz também reflexões sobre o trabalho de Lacan. Não há menção extensa ao trabalho de Dolto e Christine Laznik nota que talvez isto se deva à sua não concordância com os pontos de vista do trabalho da mesma. Mas saliento que Gueydan faz uma menção, citação de Dolto, no final de sua obra, relativa ao tipo de mulher agressiva e reivindicadora, todo-poderosa, das quais as bruxas de Macbeth são a caricatura.

Gueydan lembra que, para Deutsch, a procriação e a criação intelectual “são oriundos da mesma fonte, parece-lhe pois natural, que uma possa substituir a outra” (Gueydan, 1991:26) e ainda acrescenta que isso pode actuar como um mecanismo de defesa para suportar o afastamento dos filhos. Também como uma prova de que a mulher tem “centros cerebrais mais elevados e uma vida emocional complexa que não se limitam à maternidade”. Desse modo encontra uma saída para os distúrbios biológicos.

Gueydan coloca várias questões de extrema procedência:

1- desconfiemos de que na menopausa o desejo sexual decline (Freud já havia provado como se viu que, ao contrário, aumenta). Onde há renúncia, por recalçamento, terá havido ao contrário exacerbação, recalçada por vergonha ou culpa. Muitas mulheres ao contrário afirmam que nunca estiveram tão bem quanto após a menopausa.

2- Não ter gozo vaginal pode ser uma maneira de não renunciar à mãe (porque a vagina é o único lugar do corpo da filha a que a mãe não tem acesso). Ou seja, ela estará sempre presente ao impedir o gozo, o que vem a ser aceitar o homem. Quando a mulher consegue fazer o luto do maternal na menopausa, não há trauma. Ao contrário permite um remanejamento das pulsões libidinais.

3- A “supremacia da realidade” na mulher. Gueydan cita Freud que diz que a realidade é muito próxima para uma mulher para que elas creiam em fantasmas¹⁷. Para a autora, a mulher é tão capaz quanto o homem no sector do pensamento científico, na pesquisa. Porém, os meios de fazê-lo na vida prática não são iguais.

Observa que muito poucas mulheres criam o pensamento. Entretanto, pergunta: não é que a criação seja, para elas, posterior ao estabelecimento de uma *existência* que não é evidente, e cujas estruturas são bem frágeis, pois recolocadas sem cessar em causa pelos ritmos vitais e biológicos preponderantes, que podem fazer trauma: menstruação, gravidez, partos, menopausa? Não será que antes de fazer pesquisa ela terá que inventar, no quotidiano, um equilíbrio entre a vida e o trabalho?

Gueydan cita também Françoise Gaillard, professora na Universidade de Paris III, que afirma que a mulher no começo (da vida de mãe de família) pode sentir-se eufórica com a vida universitária, onde há neutralidade sexual, que a livra de qualquer “embarasso de ser mulher”. Mas logo uma culpa inconsciente vem obcecá-la, o que lhe impedirá o sucesso. “Como se ela se interditsse, sem o saber, o sucesso. Como se o insucesso fosse um justo castigo por sua traição” (Gueydan, 1991: 35). A explicação de Gaillard é que a culpa existe na medida em que há renúncia inconsciente do papel de sujeito mulher.

¹⁷ Freud, S. *Correspondência com Jung*, t.I, p. 115, citado por Gueydan, 1991:34.

Gueydan acrescenta que embora o filho seja um substituto fálico, ele entra na triangulação com o homem, o pai. Desse modo a criança torna-se uma exigência ética na relação e o seu cuidado traduz seu amor pelo homem. Essa é a “obra carnal” que poderá ser substituída em tempo posterior, por outro tipo de obra.

O ponto mais interessante da obra de Madeleine Gueydan são os dois capítulos que se superpõem sobre dois nomes de mulheres criadoras: Sônia Delaunay e Virgínia Woolf.

Gueydan sublinha a ênfase dada à sublimação na arte em geral, compreendendo a literatura. Entretanto vemos um impasse: em Sônia Delaunay, mulher que se realiza como mãe e como esposa, em sua paixão por Robert Delaunay, a sublimação se dá, ela se torna uma mulher realizada (ver no item “Saídas da menopausa”, neste trabalho) com suas obras “não carnis”, ou seja, com a arte, mesmo após a morte de Robert. Em Virgínia Woolf, a sublimação na arte, na escrita não a impede de se dar um fim, com o suicídio.

Virgínia Woolf (1882-1941) teria tido uma mãe maravilhosa, um pai e um irmão terríveis. Ela ter-se-ia posto a escrever em busca dos traços da mãe, ou seja, de um fantasma. Gueydan sublinha que sua criação é comparável à dinâmica de um “milagre”: “Este estudo do “milagre” no sentido de coisa extraordinária que vem neutralizar um estado patológico confirmado, pode esclarecer outras vidas (...)” (Gueydan, 1991:114) Esclarece que Virgínia foi o caso mais sofisticado de porta-voz do feminismo. Mostra que ela viveu num estado de derrelicção quase permanente, que é o exemplo do que pode haver de doloroso, próximo da loucura e que acontece com muitas mulheres, em torno da menopausa. Não chegou a ser esposa, a não ser num curto tempo (frigidez), nunca foi mãe, homossexual por algum tempo (essas

metamorfoses lembram-me o seu romance *Orlando* que resume genialmente essas mutações e não só, pois sua obra é basicamente autobiográfica). A única coisa que a interessou foi ser escritora. Gueydan interroga se Virgínia não teria dito, antes de Lacan, que a mulher não pode ser toda (*ne peut être toute*).

Gueydan conclui que cada ser humano recebe da vida seu lote de avatares, de feridas e de lutos. Mas para a mulher, com o processo de feminização, esse fardo vai ser mais pesado. Na menopausa a mulher faz o luto da sua fecundidade e deve também, finalmente, fazer o luto da própria mãe: “Ao mesmo tempo que ela renunciará ao liame indefectível à mãe, ela renunciará à sua dívida, ela se resolverá sem pesar, a não ter sido senão a “má filha”, que nunca foi o equivalente fálico desejado pela mãe. Isso levará a uma saída favorável. (Gueydan, 1991: 239), não sem uma última rememoração, repetição, perlaboração. Termina com um desejo: “Que a mulher que envelhece possa permanecer portadora de uma possibilidade de vida sublimada, entrará, eu espero, logo, nas preocupações da prevenção psicopatológica”. (Gueydan, 1991: 253).

2.2.7 - Christine Laznik: *Sexualidade feminina na menopausa: a feminilidade revisitada*

A Tese de Christine Laznik é um dos trabalhos mais completos sobre a menopausa que jamais se fez, do ponto de vista da psicanálise. A pesquisa se estende a muitos ramos do saber : a própria história do conceito de menopausa; a psicopatologia da menopausa, com um exame exaustivo do conceito no campo psicanalítico e no campo médico; estudos demográficos, feministas, sociológicos, antropológicos e literários sobre o assunto e a prática clínica, com análise de casos.

Dona de um estilo vivo, elegante e sedutor, Laznik passeia pelas diferentes concepções a confrontá-las e debatê-las.

Se tomarmos o “Resumo” do trabalho em questão, podemos constatar essa espécie de coreografia crítica que a autora faz entre os diferentes participantes. Coloca o problema crucial da mulher nesse terceiro remanejamento do Édipo (como sabemos o primeiro é o da aceitação da “castração” ao nível simbólico e o segundo é o da puberdade, quando a menina deve “desistir” do pai e partir para amar rapazes de sua idade, segundo Freud).

Acentua que na menopausa as promessas que haviam sido feitas à menina de aceitar sua condição de mulher e ganhar o charme e a beleza femininos e mais a possibilidade da maternidade, são-lhe retiradas, e postas em causa. Nesse momento, as relações entre seu ser de sujeito e sua identidade feminina têm de ser reelaborados.

A literatura psicanalítica sobre a menopausa é muito restrita, pois o assunto suscita o medo, diz a autora. Sublinha que Freud falou em aumento da libido, nesse momento e que Helen Deutsch concordou com essa assertiva. Entretanto algumas feministas anglo-saxônicas sustentam teses opostas: dizem que nesse momento a

mulher pode, finalmente, cessar de seduzir, de fazer o papel de objecto para o homem. Diz a autora que apesar de reconhecer nas feministas um saber indubitável sobre mulher dividida, ela mesma vai procurar mostrar que essa divisão não é ocasionada pela divisão histórica do poder fálico entre homens e mulheres, e sim que se trata de uma divisão de estrutura. Salienta que, para algumas mulheres, a realização sócio-profissional (*sic*) vai oferecer-lhes uma forma de identidade viril, uma espécie de tábua de salvação para essa difícil passagem.

Segundo Christine Laznik, o que resta a recriar para a mulher, então, são as condições de sua identidade feminina e sua relação com o parceiro masculino. O apoio sobre a dimensão fálica supracitada (a carreira) ameaça muitas vezes o parceiro, sobretudo quando ele, pessoalmente, também se vê confrontado com o seu próprio envelhecimento e a angústia que lhe causa. Algumas mulheres procurarão parceiros para os quais não há essa ameaça (o homem mais jovem). Para isso, como diz a autora, essas mulheres terão que se enfrentar com o medo provocado pelos fantasmas incestuosos, não mais o pai propriamente dito, como na puberdade, mas seus filhos, ou substitutos dos filhos, ao que ela vai chamar de complexo de Jocasta. Este medo inconsciente estará na raiz do abandono do interesse pela sexualidade em muitas mulheres em menopausa.

Esse é o resumo que está longe de mostrar a riqueza da documentação da tese, sobre a qual falo com frequência no desenvolvimento do meu trabalho, cito numerosas vezes, uma vez que foi de facto o mais completo subsídio documental a que tive acesso.

Um detalhe, entretanto me chamou a atenção: é que Laznik irá sublinhar como tese a existência de um *complexo de Jocasta*. No texto do trabalho ela dirá: “Nós

vamos tentar sustentar a existência de um complexo de Jocasta, próprio ao meio da vida para uma mulher” (Laznik, 2002:393). Segue defendendo a posição que já vimos em Helen Deutsch de que haveria nesse momento um forte impulso pulsional, cujo objecto seria o filho. Para um grande número de mulheres esse impulso cairia sob o recalçamento devido à proibição do incesto. Traria com isso a abolição ou ao menos, o desinvestimento de “toda vida desejante por um parceiro de outro sexo”. Mas em outras mulheres esse complexo poderia provocar uma súbita paixão por um homem da idade de um filho (assunto que foi bastante ventilado, inclusive no capítulo “Menopausa e literatura”). Laznik examina Jocasta em Freud, em Voltaire, em autores do século XX, Jocasta na Antropologia, no teatro moderno.

Embora o mito em si traga importantes reflexões, eu colocaria em questão a ideia da criação de um novo “complexo”, o de Jocasta, quando este não é senão um tributário do complexo nuclear da neurose (Freud), o complexo de Édipo, ressignificado no meio da vida da mulher.

Outro traço característico da tese de Laznik é o aproveitamento da lição da antropóloga Françoise Héritier, com sua classificação dos tipos de mulheres que se formam no meio da vida, em sociedades tradicionais, transpondo-os para as mulheres de sociedades actuais ocidentais.

Propõe pensar os três destinos da mulher propostos por Héritier: “a bruxa”, “a mulher de coração de homem” e a “mulher quase-homem” (esses destinos estão descritos neste trabalho, no capítulo 3: “A menopausa vista pela Antropologia”).

As feiticeiras. Lembra que Freud fala na estase da libido da mulher na menopausa que pode induzir a uma regressão aos estádios sádicos orais ou sádicos anais. Dá como exemplo moderno, a bruxa que não renuncia a seduzir, não renuncia

tampouco à sua identidade feminina, “a procurá-la no olhar-voz de um Outro, pura instância. Para continuar a ser a uma, a mais bela: um falo resplandecente. Este falo se apresenta a ela como uma imagem positivada projectada na imagem especular de um Eu (Moi) Ideal absoluto, que a voz do espelho vem garantir”. Cita como paradigma moderno a personagem Cruella do filme *Os cento e um Dalmatas* que, vestida com uma pela nova, se olha ao espelho e faz a clássica pergunta da bruxa da Branca de Neve: “Quem é a mais bela? Ela torna então mais masculina sua própria voz, para se ouvir a responder: -És tu, Cruella do Inferno” (Laznik, 2002:308). Como Cruella não é capaz de visar o gozo no campo do Outro, todas as insígnias imaginárias do poder fálico, ao se mostrarem inoperantes para curar o estrago da idade, o assassinato do ser (sic), por essa razão a voz que ela espera do grande Outro, toma a figura “obscena”, uma espécie de supereu, semelhante ao *Che vuoi?* de Jacques Cazotte, em *O diabo amoroso*, que Lacan tomou para simbolizar a pergunta sempre refeita, a do desejo. O fetiche de sua identidade feminina passa a ser a pele manchada dos cachorros dálmatas que ela faz reproduzirem-se com a finalidade de sacrificá-los. O tema de Cruella é bastante desenvolvido pela autora, de forma interessante.

A segunda categoria de saída da menopausa descrita por Françoise Heritier, é o da mulher “de coração de homem”. Com já foi dito essa nomenclatura Heritier a herdou de Lewis, no seu trabalho de 1945. São mulheres que possuem traços de audácia e de agressividade semelhante aos homens. São conhecidas pelo facto de manterem vivo o interesse pelo sexo (ver capítulo 3 deste trabalho).

Os dados sobre demografia trabalhados por Laznik, no campo da sociedade francesa, indicam que no discurso dos homens há uma constante tendência a vangloriar-se de sua performance fálica, enquanto tal não se encontra no discurso das

mulheres. Os demógrafos chamam a isso a sobre-declaração masculina. Em números observa-se que “(...) 22% dos homens casados de mais de 50 anos declararam ter necessidade de uma relação quotidiana e 20 % dentre eles mencionam a mesma exigência em suas mulheres, enquanto que estas últimas são apenas 9 % a indicar esta mesma preferência.” Laznik salienta aqui a questão das suas reflexões sobre a inveja do pénis (Freud) que permitem ver este facto mencionado como uma defesa contra um sobreinvestimento deste órgão que falta na mulher.

Portanto a mulher “de coração de homem” é aquela que assume psiquicamente e verbalmente a sua sexualidade, no modelo masculino. Seu poder fálico não se restringe à maternidade, em geral é investido em uma profissão ou actividade qualquer, de modo que não se perde com o momento da menopausa.

Em termos de fórmula de sexuação lacaniana diz Laznik: “apesar desta potência fálica com a qual elas podem se sustentar, elas visam sempre uma certa forma de *phalus* – o da virilidade sexual – no campo do outro do outro sexo” (opus cit. p. 319). O que é singular nesse tipo de mulher, é que elas sabem exercer o charme feminino no jogo da sedução, elas sabem fazer o jogo da mascarada.

Um tal tipo de mulher vai poder exercer a escolha de seu objecto de amor, naquela maneira que a nossa sociedade pensa ser masculina, (cita Freud aqui no texto sobre o Narcisismo): uma das formas desse tipo de escolha pode ser um parceiro mais jovem. Isto é atestado na tese, com a ajuda do testemunho do ginecologista Sylvain Mimoun (com quem trabalhou na realização da presente investigação): ele cita pesquisas em que um terço das mulheres, que não tiveram dificuldades sexuais na idade da menopausa, haviam mudado de companheiro para um bem mais jovem que elas. Isto se assemelha às sociedades tradicionais (os *Pigeans*), descritas por Heritier.

Mas aqui Laznik lembra que as raras representações que nossa sociedade produz no caso do amor de mulheres mais velhas com jovens, a inquietação produzida invoca o incesto real ou fantasmático.

Christine Laznik vai buscar exemplos nas grandes mulheres que fizeram história, ou bem na história narrada pelo cinema e pela literatura. Esta parte é bastante viva e interessante em seu trabalho. Passa por filmes como *Belle maman* do realizador francês Gabriel Aghion, 1999, que num tom de comédia terna representa uma mulher cinquentona representada por Cathérine Deneuve que exerce um enorme fascínio, inclusive sobre seu próprio genro. O outro filme igualmente fantástico é *Indochina* em que a mesma actriz Cathérine Deneuve é a mãe adoptiva de uma moça que se apaixona por um jovem oficial que, afinal, ela ignora ser o amante da mãe.

A Tese em questão focaliza personalidades famosas, tais como Ninon de Lanclos, que teria representado a liberdade feminina no século XVIII. Como se sabe ela foi reverenciada durante muito tempo na corte francesa. Ela mesma diz: “*Je suis une femme à coeur d’homme*” (Laznik, 2002: 321). Ela encantava a corte francesa com seu charme. Sabe-se que, jovem ainda, manteve uma relação amorosa com o marido da famosa Madame de Sevigné e, vinte anos passados, vem a ter uma outra relação amorosa, dessa vez com o filho da mesma, quando já havia atingido seus cinquenta anos. Salienta-se aqui que, tal como sugeriu Heritier, esse seria um “incesto do segundo tipo”, pois que “colocaria em contacto o corpo do filho com o do seu pai”, mesmo vinte anos depois, o que estava sempre presente na memória de Mme de Sevigné.

Duas mulheres escritoras são apresentadas detalhadamente por Laznik: Colette escritora francesa, escreveu *Chéri* quando estava nos quarenta anos e, posteriormente,

La fin de Chéri e principalmente *Naissance du jour*, em que ela escreve sobre o amor de uma mulher de cinquenta anos e um homem bastante mais jovem, o que é correlato à sua biografia. A segunda, Simone de Beauvoir. Ambas deixaram testemunhos desse período de suas vidas.

Salienta que Simone de Beauvoir fará um segundo remanejamento em sua vida aos cinquenta anos, passando de mulher “de coração de homem” a mulher “quase homem”, ao deixar o modelo do homem mais jovem para o da amante ou esposa, do mesmo sexo e igualmente mais jovem, configurando assim o terceiro tipo proposto por Heritier.

No capítulo reservado ao pensamento anglo-saxão sobre a menopausa, Laznik diz claramente o que é importante na menopausa:

...a possibilidade para uma mulher de se sentir fálica no registro de suas competências poderia diminuir o sentimento de ameaça que ela sente face à falicidade masculina exibida. Além disso o reconhecimento de seus talentos, da palavra, da escrita, podem funcionar como uma falicização de sua imagem no olhar do Outro, no momento em que a imagem do corpo, sofre alguns danos. Ela pode se sentir *objecto de investimento libidinal*, pelo viés daquilo que ela criou. Lacan conhecia apenas um *objecto de investimento libidinal*: o *objecto “a”*. Ela poderia pois sustentar este lugar de *objecto a*, não mais por fragmentos do seu corpo, mas por fragmentos do agir: sua voz, sua maneira de falar, de escrever, etc. Esta será uma de nossas hipóteses.

Além disso, pensamos que pode, também, haver aí importantes mudanças nas formas de gozo para uma mulher, nesse momento. O gozo fálico, sobre o modo de realização profissional, pode bem vir substituir toda relação de

sedução ao outro, outro de outro sexo. Nesse caso pode não mais haver actividade sexual. Será uma outra hipótese nossa. (Laznik, 2002:102).

Conforme já foi dito, a tese de Christine por ser uma valiosa fonte, é várias vezes citada neste presente trabalho, dispensando assim um desenvolvimento mais exaustivo.

2.3- Aportes bibliográficos anglo-saxões sobre a menopausa

2.3.1 - Therese Benedek: climatério como fase de desenvolvimento

Therese Benedek (1892-1977), psicanalista de origem húngara, que, tendo feito formação com Ferenczi, Abraham e Eitingon, emigrou para os Estados Unidos onde se fixou no grupo de Chicago e se tornou membro do *senior staff* de *The Institute of Psychoanalysis of Chicago, Illinois*.

Há, pelo menos, dois trabalhos em que Benedek aborda directamente a questão da menopausa: o trabalho de 1950, “*Climacterium a Developmental Phase*” e o publicado em 1974 “*Sexual functions in Women and their disturbances*”, onde há uma secção “*Climacterium*”¹⁸.

Neste último trabalho, Benedek mostra que o termo menopausa refere-se ao processo fisiológico (tal como adolescência), enquanto “climatério” refere-se ao

¹⁸ Benedek, T.: (1948) *Climacterium: A Developmental Phase*. In *Psychoanalytic Investigations*. New York: Quadrangle, 1973, p. 322-345. 1ª publicação *Psychoanalytic Quarterly*, XIX (1950), 1-27; _____. *Sexual functions in Women & their Disturbances*. In: *American Handbook of Psychiatry*, ed. Silvano Arieti. New York, Basic Books Inc, 1974. Vol.I: 569-591.

“período de adaptação à definitiva ‘mudança de vida’ (*change of life*)” (Benedek, 1974:587). A bipartição da nomenclatura proposta pela autora não me parece contribuir para qualquer esclarecimento.

Afirma que poucas mulheres passam por esse período sem os sintomas psicossomáticos (já referidos na Introdução deste trabalho), e sublinha que os sintomas são temporários e que cedem a uma terapia de reposição hormonal. Mas, por outro lado, salienta que a menopausa aparece mais cedo e com mais intensas reacções em mulheres que nunca tiveram filhos. Assim lança o pressuposto de que com uma completa maturação e função sexual, as manifestações regressivas ficariam absorvidas pelo processo de adaptação normal (lembre-se a referência aqui é feita à menopausa, ao processo fisiológico, portanto).

Sublinha que o curso do climatério, tal como a reacção das meninas à menarca, varia sob a influência da cultura que a cerca. Na cultura onde a menopausa representa o cessar não só da capacidade reprodutiva, como também da capacidade de gozar a sexualidade, a mulher vai sofrer um golpe no seu narcisismo, o que a leva à tal “mortificação” (este termo Benedek atribui, em nota, a Helen Deutsch,). Isto leva à consequência de a mulher pensar que deve reprimir a actividade sexual ou sentir-se envergonhada da mesma.

Seguindo a questão da influência da cultura, mostra que nos anos sessenta, setenta do século XX, a mulher sadia sofre uma dessexualização do seu envolvimento familiar, tendo suas energias voltadas para fora. Na menopausa, livres das responsabilidades de criar os filhos, buscam novas finalidades para sua energia psíquica.

Afirma ainda que, assim como na infância a repressão sexual leva à formação do supereu e à socialização, do mesmo modo no climatério o cessar da função das gónadas, leva a um novo ímpeto de socialização e aprendizado. Lembre-se que Madeleine Gueydan, por outras palavras vai acentuar a disponibilidade da mulher nessa época que pode passar da procriação à criação, mas através de uma bem sucedida sublimação. Portanto para Benedek, a mulher “sadia” não é atingida pela perda desse período: capaz de amar e de dar-se ela passa satisfatoriamente pelo *change of life*.

Apesar dos aspectos positivos do climatério, mostra que muitas mulheres sofrem manifestações tanto neuróticas, quanto psicóticas, ou psicossomáticas. Segundo a autora, esses sintomas já existiriam antes e têm no climatério uma espécie de gatilho disparador do processo. Assim na fase pré-menstrual a baixa do nível hormonal faz o ego declinar permitindo conflitos reprimidos e reacções afectivas emergirem, exigindo esforços grandes para reprimi-los. Similarmente no climatério – no caso com mais razão, vai sofrer o cessar da actividade das gónadas e o conseqüente declínio da libido. Lembra aqui a frustração interna que advém dessa privação, a sensação de aridez com a falta da libido. Como se vê estamos aqui longe de Freud que mostra exactamente o contrário, o aumento da libido, e mais que isso, desde o trabalho “As pulsões e as suas vicissitudes”, de 1915, nós aprendemos com o mestre de Viena, o quanto as pulsões independem de factores biológicos – que podem, sim, servir de pressão – mas que não comandam o complexo aparelho psíquico. Mas continuemos a seguir pensamento de Benedek.

Diz Benedek: “O sintoma que desenvolve como um resultado da frustração interna (a depressão agitada de que fala antes) depende da organização da

personalidade e das experiências de vida motivadas por ele”. Continua mostrando os factores pulsionais que interagem para dar origem à patologia, a saber:

1 - a componente bissexual que exerce uma enorme importância no desenvolvimento da personalidade; 2 – a luta do eu narcísico que domina a economia psíquica pela vida afora; 3 – esses factores interferem nas gratificações primárias da sexualidade feminina. As gratificações narcísicas podem proteger a mulher da consciência da sua falta básica de satisfação, quando as coisas correm bem, enquanto ela é apta a estar bem. Tais personalidades contudo, frequentemente são incapazes de tolerar o desapontamento que vem quando o eu perde o poder de actuar de acordo com seus próprios parâmetros. (Benedek, 1974: 589).

Resumindo, nesse trabalho de 1974, Benedek mostra que os factores que causam as psicopatologias, como ela diz, ocorrem naqueles indivíduos cuja adaptação a pressões, tanto externas quanto internas, foram suportadas a custo de defesas narcísicas sempre aumentadas. Nesse resumo final ela sublinhará que o desequilíbrio endócrino e seus sintomas são apenas os tais gatilhos, que desencadeiam o problema. Isto é provado pelo facto de que a terapia endócrina afecta o sistema nervoso autónomo, mas não as reacções psíquicas e também não os sintomas psiquiátricos. Como se vê é muito importante a reflexão de Benedek, embora não vinculada explicitamente ao inconsciente, nem a uma teoria mais ampla que considere a estrutura do feminino como tal.

No trabalho de 1950 ela acentua a teoria do climatério como uma fase do desenvolvimento da mulher. Opõe-se assim ao pessimismo lido por ela no trabalho de Helen Deutsch.

Na sua opinião o desenvolvimento seria “um processo no qual as mudanças fisiológicas, assim como os processos psicológicos que eles estimulam, são integrados de maneira a permitir ao indivíduo uma melhora no domínio do seu novo ambiente” (Benedek, 1973:325. Está claro que trata-se da influência da psicologia do comportamento na psicanálise americana (Gueydan, denuncia isto) pois há aqui o apelo à força do eu para superar as dificuldades. Benedek concorda, porém com Deutsch que somente na puberdade há uma prova tão difícil de dominar quanto a do climatério.

A parte curiosa do trabalho dessa autora está no facto de ela abordar a questão de trabalhos de analistas sobre os mitos, tabus e terrores envolvendo a menstruação da mulher em diferentes sociedades. Isto levaria a menina a rejeitar as regras por medo de ser ela mesma rejeitada. Muito longe estamos aqui das teorias de Freud sobre a mulher.

As questões relativas à menstruação foram bastante estudadas por Benedek do ponto de vista psicossomático, a partir de uma articulação entre o corpo e a psique.

Lembra que a menstruação marca a evidência da diferença fisiológica entre os sexos, ou seja, é marca do feminino. Lembra ainda, que muito cedo a mulher tem que aprender a fazer face à dor que faz parte da sua experiência psicosexual. A maneira como a jovem fará face a todas essas dificuldades, dependerá da personalidade de sua mãe, da sua orientação sociológica e emocional em relação às suas funções femininas. É a identificação à mãe que permitirá a identificação feminina de sua filha. A elaboração psicosexual da questão da menstruação é um processo complexo que não se restringe à adolescência, mas vai até a maturidade sexual da mulher com a gravidez

e a maternidade. Na ausência de gravidez a produção hormonal diminui e também as regras.

Benedek se baseia no estudo da fase pré-menstrual do ciclo, em que há declínio das hormonas, para encontrar a chave da fisiologia e da patologia da menopausa. Afirma que, a cada ciclo, o sentimento de amor, a sexualidade, mesmo no sentido sublimado, aumenta em função do nível de hormonas. Ela lembra que Freud havia falado em neurose pré-menstrual, mas que ele havia remetido às questões relativas ao reviver a castração, enquanto para ela trata-se de um problema hormonal. Entretanto ela não nega que os sonhos das pacientes indicam uma tendência de hostilidade em relação ao companheiro, ou seja, ao masculino da relação, o que põe em evidência a rebelião em relação à sua feminilidade. A autora lembra ainda que quando há intensificação da demanda sexual nessa fase do ciclo, pode ser interpretada como hostilidade, mais do que como demanda amorosa. Este movimento teria lugar a cada fase do ciclo e tem relação com a queda hormonal, trata-se de uma regressão do “nível genital de integração” a um estágio primitivo que pode ser fálico ou sádico-anal. Mas pensa que à medida em que a mulher amadurece do ponto de vista psicosexual, aprende a lidar com esses problemas e a absorver os conflitos, sobretudo no caso de uma mulher realizada sexualmente.

A perspectiva psicossomática permite-lhe, portanto, correlacionar as manifestações pré-conscientes das emoções e as funções hormonais dos ovários.

Este estudo do ciclo menstrual permite-lhe avançar para as conclusões sobre o processo em questão no climatério. Ou seja: se há uma baixa hormonal, haverá em consequência a ausência de desejo sexual, podendo levar a mulher a emoções hostis e

conflitos emocionais, que podem melhorar com a administração da THS, mas requerem uma adequada terapia emocional.

Não há portanto em Benedek um trabalho ao nível do inconsciente, um trabalho psicanalítico, como vimos, ela refuta mesmo a afirmação de Freud de que haveria um “reviver da castração”, afirmada, também, no trabalho de Helen Deutsch. Entretanto suas observações, especialmente no trabalho de 1974, apresentam aspectos realmente relevantes.

2.3.2 - Posições contemporâneas: um painel da APA

Um Congresso de 1994 em Philadelphia, da American Psychoanalytic Association (APA) apresenta-nos um painel sobre a menopausa, oferecendo assim uma espécie de balanço sobre as opiniões e discussões do momento.¹⁹

Este painel se deveu à iniciativa de Owen Renik²⁰, autor que desenvolveu vários trabalhos sobre a menstruação e, naturalmente, interessou-se pelo período em que a mulher não mais menstrua. Estavam presentes Ruth Lax, Dinora Pines, Helen Meyers, Milton Horowitz e Owen Renik (o debatedor) e acta do Congresso foi escrita por Sandra Bemserfer, psicanalista radicada em São Francisco, Califórnia.

Ruth Lax foi quem iniciou o painel pontuando que a menopausa só foi entendida e explicada cientificamente depois da descoberta da hormona estrógena activa em 1920. Posteriormente criou-se o THS (tratamento hormonal substitutivo)

¹⁹ Graças a Christine Laznik tive acesso à leitura da memória desse Painel. Graças a ela, obtive a quase totalidade da bibliografia específica sobre a menopausa, especialmente a francesa..

²⁰ Renik, Owen. “An exemple of disavowal involving the menstrual cycle”. *Psychoanalytic Quaterly*, LIII, New York: 1984.

que trouxe melhoras nos sintomas difusos. Segundo Lax apenas 75% das mulheres têm esses sintomas, cita a pesquisa em Mullen and Mitchell, 1976.

Salienta que a maneira da mulher responder ao desafio desse momento, depende de sua própria constituição e de factores sociais. Pois enquanto algumas culturas ainda dictam um papel para a mulher em menopausa, no Ocidente ela dispõe de um amplo âmbito de opções médicas, psíquicas e sociais ao seu alcance.

Na sua experiência analítica, observa que há uma certa tentativa das mulheres de negar tanto as mudanças corporais, quanto as reacções afectivas. Os conflitos experimentados são sobretudo expressos nos sonhos. Pois as mudanças corporais são uma realidade e têm um efeito bastante profundo na realidade psíquica, causando o desequilíbrio emocional, mesmo naquelas que fazem reposição hormonal.

A negação é expressa pelo aumento das actividades, na carreira, por exemplo, em algumas mulheres, o que ajuda às mesmas a sobreviverem à dor das perdas do período da menopausa.

Lax mostra (com Freud) que as mulheres vivem nesse momento uma “inveja do pénis” bastante específica, pois a comparação entre a possibilidade do homem de continuar a procriar e a sua de perdê-la, é patente.

Lax mostra a importância não só do conhecimento, como da sensibilidade do analista na escuta da paciente em menopausa, que deve tomar conhecimento de suas mudanças físicas e psíquicas para renunciar a alvos impossíveis e ater-se a possibilidades criativas.

Dinora Pines, na sua confrência “Mente e corpo em tempo de menopausa” tal como Benedek, como já foi referido no item 3.1, mostra que, na menopausa, há um alívio em relação à pressão exercida pelo, sexo uma certa diminuição de

culpabilidade, para aquelas mulheres que não haviam resolvido essa questão; a diminuição da luta entre impulso sexual o ego que a mulher experimenta na menopausa. O cessar da função dos ovários, leva a um novo ímpeto de socialização e aprendizado.

A depressão que pode haver nesse momento, para a autora deve-se mais ao “ninho vazio”, ou seja, à saída dos filhos de casa.

Para além desse resumo de Bemederfer a propósito do Congresso em questão, da APA, sublinho aqui uma opinião de Pines que vem ao encontro da hipótese deste presente trabalho e que foi lida por mim no trabalho da autora: “Pregnancy, Miscariage and Abortion, a Psychoanalytic Perpective”²¹: trata-se da ênfase dada no caso da mulher adulta grávida, à identificação com o estágio pré-edípico, ressignificado. O feto dentro do ventre da mulher a faz reviver a experiência do sentimento de unidade primeira com sua mãe, bem como identificar-se narcisicamente como se fosse ela mesma dentro do corpo da mãe. Isso irá suscitar e activar sentimentos ambivalentes, a saber: para aquelas que tiveram uma relação boa com sua mãe, acontece uma temporária regressiva identificação primária com a mãe amorosa, a que dá a vida, como se ela fosse seu próprio filho, numa fase do seu desenvolvimento cheia de prazer; para aquelas cujos sentimentos ambivalentes com suas mães não foram resolvidos, ou naquelas em que os sentimentos negativos em relação ao *self*, ao cônjuge, ou figuras do passado, a inevitável regressão da gravidez facilita a projecção desses sentimentos no feto. Desse modo o feto terá uma identidade pré-natal bastante negativa, o que pode vir a provocar aquilo que Pines

²¹Pines, Dinorah. “Pregnancy, miscariage and abortion. A Psychoanalytic Perspective. In: The International Journal of Psycho-Analysis, Further Rome Congress Papers. Published in conjunction with The International Review of Psycho-Analysis. London, Routledge, 1990. Vol 71, part 2: 301-307

chama de *miscariage* (que se poderia traduzir por gravidez de risco) ou mesmo aborto.

O ponto a salientar é essa referência à figura materna que sobrevive em todos os estágios da vida feminina e que, na opinião defendida neste trabalho, e que faz sintoma na menopausa, ao se ressignificar em relação às perdas do momento, quando não é feito o luto da relação maternal.

A outra figura participante do Congresso da APA, é Helen Meyers que apresenta uma conferência intitulada “Desafio e opções da menopausa”. Apresenta ela uma revisão da história das concepções acerca da menopausa. Começa refutando a visão pessimista de Helen Deutsch que diz que a tal período é inevitavelmente acompanhado por depressão clínica e caracterizado pela re-catexia (*sic*) de um objecto incestuoso (um filho). Opõe-se a ideias pessimistas de Klein e Friedlander. Finalmente ressaltou que Benedek foi a única dessas primeiras psicanalistas que escreveram sobre esse tópico que terá limitado as dificuldades a mulheres portadoras de patologias anteriormente. Mostra uma estatística bastante favorável à mulher em menopausa, pois apenas 10 ou 20% fazem depressão nesse momento. E mesmo nessa percentagem é difícil distinguir o que se deve à menopausa do que se deve ao “ninho vazio”, a saída dos filhos de casa. A depressão na menopausa se deveria à história anterior do sujeito e a aquelas mulheres que induziram cirurgicamente a menopausa.

Para ela interessam os aspectos positivos da menopausa, por exemplo, uma grande liberdade sexual, sem preocupação de engravidar. A energia poupada pode ser empregue em novas actividades, desse modo desenvolvendo uma imagem do *self* narcisicamente sadia, com uma auto-estima desenvolvida.

Um outro participante do painel foi o psicanalista Milton Horowitz que vai explorar o lado masculino da mudança em suas mulheres que, para ele representa um desafio do desenvolvimento, de mudanças etc.

Segundo Horowitz, tal como outros desafios ligados ao desenvolvimento, este depende da resposta individual e está ligado à estrutura da personalidade do indivíduo, nomeadamente a suas fantasias. Para ele é importante a fantasia inconsciente que envolve a escolha narcísica de objecto, que é de ser mulher. O envelhecimento concentra o foco da atenção no narcisismo.

Alguns homens são incapazes de encarar o seu próprio envelhecimento e o seu declínio e conseqüentemente serão incapazes de fazer face ao envelhecimento de suas mulheres. Aqui entra a questão do grau de narcisismo na escolha do objecto. Entretanto, se a escolha de objecto é anaclítica, os homens em questão serão capazes de dar um suporte afectivo a seus cônjuges e às suas mudanças. Citando as palavras de Bemesderfer: “Quando há desvio do objecto que nos desilude em busca de um mais jovem, o objecto que mais frequentemente nos atrai a atenção é uma filha”.

Cita dois casos clínicos. Um, em que o homem busca uma re-análise depois de ter deixado sua mulher no período da menopausa e ter-se casado com uma mais jovem ao pé da qual ele recuperou sua potência viril. Mas foi infeliz neste casamento. O fantasma revelado em análise: a comparação de seu êxtase com a mulher, que era mais jovem que ele, que seria semelhante ao que a sua mãe teria feito seu pai sentir.

O segundo caso: um homem de idade que reagiu com fúria à menopausa de sua mulher. Acusava-a de ter-se tornado fria sexualmente e estéril, quando ao contrário ela até respondia melhor no plano sexual que antes. O fantasma em questão,

nesse caso, revelado em análise, é que ele desejava ser um mulher grávida, aquilo a que a fecundidade da mulher satisfazia por substituição (*sic*).

Um caso diferente foi o do jovem rapaz que, envolvido com uma mulher já na pós-menopausa, que se sentia encantado de não ter que se preocupar eem usar controlo de natalidade. A análise revelou que seu medo de ter uma mulher grávida vinha do facto, provinha da infância quando era filho único e tinha medo de perder essa posição, se sua mãe tivesse um outro filho.

O que é positivo nessa comunicação de um analista homem, observa Christine Laznik e eu concordo inteiramente, é revelar-nos esses fantasmas masculinos pouco falados e documentados.

Na discussão que se seguiu, Horowitz sublinhou que a idade inevitavelmente traz uma regressão parcial, que pode ter lugar tanto no narcísico quanto no modo anaclítico.

O moderador Doutor Renik –na discussão final - salienta que, tanto a menopausa quanto a menstruação, são dois temas não discutidos na literatura psicanalítica e indaga o que terá levado a essa omissão. Sugere que se explore tais matérias carregadas de afectividade que, em análise, produzem a negação. Lembra que o momento da menopausa confunde-se com o da saída dos filhos, a reforma e o envelhecimento. E que algumas mulheres Sugeriu que a ausência de associações à menopausa possa ser devida a não ter sido tão significativo para a paciente. Diz que algumas pacientes negociam essa fase sem “*sturm und drang*”: “tempestade e paixão” (o sintagma liga-se ao pré-romantismo alemão e a Goethe).

O debatedor pergunta como a fisiologia pode ser alterada com a psicanálise, a partir da afirmação de Pines de que uma mulher pode, nos sonhos, antecipar a infertilidade, antes mesmo de ter sinais da infertilidade (tais como amenorreia).

Todos os participantes concordaram que a mulher tem a oportunidade de re-trabalhar as identificações femininas durante os anos da menopausa. Renik dá uma sugestão inédita (para mim) que é a de que a menopausa para algumas mulheres oferecer a oportunidade de identificar-se com figuras parentais da pós-menopausa, como as avós. E que essas identificações regressivas podem ser tão fortes quanto as outras com mãe e filhas. Penso eu, entretanto, que se a avó tiver de actuar como identificação isso se fará mais cedo e será não por força da idade e, sim, por razões outras, tais como a fraca actuação da mãe como tal, a substituição das tarefas maternas pela avó etc.

Ruth Lax se pergunta o que é negado, pois há confusão a propósito do conceito de negação. Lax sublinha que não é o facto da menopausa – este não pode ser negado e sim os seus efeitos psicológicos. Apenas quando estes são reconhecidos, a mulher pode ter possibilidade de fazer o luto de suas perdas e olhar para a frente.

Sandra Bemesderfer, por sua vez relata uma interessante experiência em torno dos seus próprios sentimentos e fantasmas, estando ela na perimenopausa. Parece-me que é raro um psicanalista expor-se com tanta magnanimidade quanto ela o fez nesse Congresso. Foi capaz de oferecer uma experiência própria de contratransferência com muita liberdade.

Afirmou ela que seus sentimentos de então influenciaram o tratamento de uma paciente, uma senhora de meia idade, também em perimenopausa. Bemesderfer acaba por encontrar nela mesma sentimentos de competição com sua paciente, uma vez que

desejava ser capaz de manipular sua menopausa melhor do que ela. Descobriu que esses sentimentos tinham raízes nos sentimentos de inveja em relação a sua irmã mais velha, com quem havia competido durante a infância, pela atenção dos pais. Tendo compreendido seus próprios sentimentos, a psicanalista se sentiu capaz de falar abertamente da sua dificuldade de dar atenção aos sintomas da paciente. Isto levou a paciente a importantes associações e recordações.

Para concluir, Renik observa quão difícil é saber se na menopausa uma mulher vai ficar mais ou menos sexual, ou como era anteriormente. Ele indaga se o sentimento de culpa não exerceria aí um papel. E se esse não seria o momento da mulher poder melhorar sua auto-estima, o que de modo algum terá relação com o facto de ser ou não activa sexualmente.

Todo esse questionamento pareceu-me muito importante.

3 – A MENOPAUSA VISTA PELA ANTROPOLOGIA

4.1 - Françoise Heritier

Françoise Heritier é professora no Collège de France e titular da cadeira de Estudo comparado das sociedades africanas, é, portanto, etnóloga/ antropóloga africanista. A partir de 1963 ela realizou uma série de missões na África Ocidental, o que lhe permitiu um trabalho de campo com as populações samo, pana e mossi e de maneira mais pontual, com os bobo e dogon (em Burkina-Faso e Mali). Entre outras funções é também *Directeur d'Études* na *École des Hautes Études en Sciences Sociale* da Sorbone. Destaca-se dentre os livros pertencentes à sua obra o *Masculin-féminin, la pensée de la différence*.²²

Diferente de outros etnólogos/antropólogos ela se interessou não só pelo estatuto da mulher madura nessas sociedades, e especificamente pelo momento da menopausa que, como ela mesmo afirma, é o momento em que tudo oscila e se desequilibra.

No capítulo “A mulher de idade madura nas sociedades tradicionais”, pertencente a uma obra colectiva²³, Heritier mostra seu especial interesse pela menopausa nas mulheres das sociedades samo, dogon, pana, mossi, bobo. Pesquisa feita a partir de seu trabalho de campo, como também pesquisa documental. Discípula que é de Claude Lévi Strauss (assumiu a direcção do Laboratório de

²² Heritier, F. *Masculin-féminin, la pensée de la différence*. Paris, Odile Jacob, 1996.

²³ “La femme d’âge mûr dans les sociétés traditionnelles” in: Journées de techniques avancées en gynécologie, obstétrique et périnatalogie. Ménopause. Sida, grossesse et société. Paris, Arnette, 1990: 157-162.

Antropologia Social antes ocupado por Lévi-Strauss), deteve-se especialmente no funcionamento dos sistemas de parentesco, nos quais se pode observar o problema fundamental do feminino/masculino, considerando a invariante da dominação masculina.

Observa que um certo número de feministas com um pensamento um tanto simplista, retomou as teses de Bachofen (1861) que postulava a existência de um matriarcado primitivo, ou seja, de um tipo de sistema em que as mulheres detinham o poder político, económico e simbólico e, naturalmente dispunham de liberdade. Isto teria acontecido em sociedades residuais de caçadores, colectores.

As mulheres em seguida, teriam sido alijadas desse poder pela força (masculina), sem poder afirmar com exactidão, as razões e a época da revolução que as submeteu para sempre ao jugo masculino.

O argumento que garantiria a verosimilhança de tal teoria (que Heritier coloca em questão) era que, até ao presente, ainda se podem encontrar sociedades residuais de caçadores-colectores, em que a mulher goza de algumas prerrogativas de liberdade pessoal e de poder.

Porém pensando estruturalmente, Françoise Heritier passa a examinar algumas dessas sociedades residuais e indica que a mais próxima de tal definição de matriarcado, é a dos iroqueses (apud Brown, 1970, citado pela autora) estudada por inúmeros autores, desde o jesuíta Lafitau (1784), passando pela narrativa de Mary Jemison (1880). Embora os homens – e talvez por essa mesma razão – se considerassem superiores, o seu afastamento para a caça de longa duração (cerca de um ano), ou para a guerra favorecia que as mulheres, ou seja algumas dentre elas, gozassem direitos e poderes. Mas, diz a autora, os homens não as tratavam com

deferência. A morada era matrilocal (*sic*), pois as mulheres pertencentes à mesma linhagem viviam na mesma grande casa com seus esposos e filhos, sob a tutela das matronas, que não se sabe como eram escolhidas.

Heritier interessa-se em especial pelo estatuto das matronas iroquesas. Elas comandavam e dirigiam as grandes casas, e ainda o trabalho feminino agrícola, realizado em comum em terras colectivas, propriedade das mulheres daquela linhagem.

As matronas se faziam representar, ou no grande conselho das Seis Nações Iroquesas, ou, pelo menos, no Conselho dos Anciãos de cada nação, por um representante masculino que falava em seu nome colectivo e afirmava sua voz.

A voz das matronas era importante, pois elas dispunham da possibilidade de veto no que concerne à guerra, se o projecto não lhes agradasse. Elas o impediam simplesmente, ao proibir as mulheres de fornecer o alimento seco que os guerreiros necessitavam para seu sustento, durante o afastamento.

A mulher na / ou após a menopausa

A partir do modelo iroquês das matronas, Heritier desenvolveu uma análise do estatuto da mulher “menopausada” (*menopausée*), tanto nas sociedades ditas tradicionais quanto nas ocidentais, nas quais se tem a tendência de opor as representações das culturas campesinas e das operárias às da elite.

Considera que se tratava realmente de senhoras de idade avançada (nos iroqueses) o que significa que haviam ultrapassado a idade da menopausa.

A menopausa, como observa a autora não tem sido objecto de estudo na literatura antropológica. Trata-se de assunto tabu, censurado de modo geral (*sic*). Fala-se de idade avançada, de velhice como estágio da vida, mas não desse momento limite em que tudo oscila.

De qualquer modo em antropologia fala-se que o estatuto da mulher tende a mudar em três situações: na velhice, na menopausa ou em caso de esterilidade. Ou seja, em situações em que as mulheres não são mais capazes de conceber.

A mulher “de coração de homem”

Na literatura antropológica, Heritier destaca o interessante artigo de Oscar Lewis (1941) que fala dos índios piegans canadianos.

A sociedade dos piegans é patriarcal, mas nela se distingue um tipo de mulher que eles próprios alcunharam de “mulher com coração de homem”. Estas não se comportam com modéstia e reserva comuns ao seu sexo. Elas têm poder e têm agressividade, além alto poder de decisão. Elas desenvolvem as actividades próprias às mulheres e aos homens, sem precisar de auxílio e conduzem seus próprios negócios.

Para ascender à qualificação de “mulher de coração de homem” são necessárias algumas qualificações: ter posição social elevada, ser rica, em segundo lugar é preciso ser casada. Deve ainda mostrar na infância signos de sua futura ascensão: ser a preferida do pai, dotada de cavalos.

Muitas mulheres só chegam a ser “coração de homem” após muitos casamentos e viuvezes sucessivas em que elas herdaram uma parte dos bens de seus maridos mortos.

Sendo “coração de homem” – do ponto de vista laciano elas passam para o lado masculino do esquema de sexuação, elas são activas na escolha e (Helen Deutsch, Freud), esposam maridos bem mais jovens que elas. Segundo Lewis (estatística) eles seriam de cinco a vinte e seis anos mais jovens.

Heritier sublinha a condição *sine qua non* para ser esse tipo de mulher naquele sistema de representações: é ser mulher de idade avançada. Em 109 mulheres casadas da amostragem de Lewis, 14 são do tipo “de coração de homem”, tendo uma delas 45 anos, outra 49 e as demais entre 52 e 80 anos.

A interpretação dada é que se trata de mulheres fora da sua capacidade de procriar, não férteis, em menopausa ou para além da menopausa.

A partir desses exemplos, a autora vai pensar o valor da menopausa e da esterilidade no imaginário humano, pois essa lógica simbólica predomina sobre diferentes sociedades.

O modelo piegan e iroquês e de outras sociedades africanas, no que diz respeito à mulher idosa, quando esta mantém a actividade sexual, fazem da mesma, uma mulher perigosa, porque “acumula o calor” e muitas vezes é acusada de bruxaria, sobretudo se é velha e pobre e sem força para se defender. No exemplo piegan temos o contrário, visto que esta mulher tem força para responder, inclusive pela feitiçaria.

Mulheres quase-homem

Na África oriental, na etnia núer, Heritier encontrou um tipo originalíssimo de organização familiar para dar conta do problema da esterilidade na mulher (como

observa a autora, só se encontra esterilidade na mulher, o homem fica fora de questão).

Em vez da chamada abominação que sofrem a mulheres estéreis nas sociedades tradicionais, nos núeres, as estéreis depois de um tempo suficiente de prova, que Heritier levanta a hipótese de ser até a menopausa, são devolvidas à família de origem, mas receberão funções a serem preenchidas que farão com que desempenhe um papel social importante, não mais de mulher, mas de homem... “irmão” de seus irmãos, “tio” paternal para os filhos de seus irmãos.

Como homem ela terá um rebanho, com a sua função de tio, ela/ ele vai poder ter o dinheiro para o dote do noivado das sobrinhas. Mais surpreendente: vai ter suas esposas. Como marido elas entram num tipo de relação matrimonial institucionalizada.

As esposas a servem, trabalham para ela, respeitam e admiram-na. Ela recruta um homem, um servidor de outra etnia (*dinka*, em geral), que presta vários serviços e dentre eles, o sexual em suas mulheres. As crianças nascidas, são filhos de suas mulheres e seus filhos. Chamam-na de pai e ela exerce a função que lhe cabe. Desse modo a sociedade refaz inteiramente a função dessas mulheres idosas e estéreis.

Do ponto de vista lacaniano, elas passam para o outro lado, para o lado masculino da fórmula de sexuação, no caso, não como escolha pessoal mas como organização social mítica pré-determinada.

Masculino/Feminino

Segundo Heritier nesses povos, o que decide a diferença entre o masculino e o feminino é a capacidade de fecundidade. Ela procura explicar assim a dominação do homem sobre a mulher: os homens se apropriam das mulheres para se apropriar da fecundidade que eles não possuem. As mulheres são fecundas, inventivas, criam a vida. Mas o homem trará a lei, a regulamentação, conseqüentemente, a ordem, a política. Heritier diz que “O resto, a saber, as componentes psicológicas e as aptidões particulares que compõem os retratos da masculinidade e da feminilidade segundo as sociedades e são reputados como justificações da dominação de um sexo sobre o outro, é produto da educação e pois da ideologia.” (Heritier, 1990:161- a tradução é minha).

Heritier sugere que ainda temos que nos confrontar com o último enigma. Ou seja, para ela a matéria primeira do simbólico é o corpo. O corpo enquanto é o lugar primeiro de observação dos dados sensíveis (*sic*), também porque o encadeamento das explicações mais complexas remontam a dados simples, evidências elementares, cujas características estariam mesmo ancoradas no corpo. Daí tira ilações interessantes em relação ao sangue na mulher e no homem além do sangue, o esperma, lembrando que já Aristóteles dizia que a fraqueza feminina era devida à perda da substância sanguínea que se faz regularmente sem que ela possa impedir. Os homens, por sua vez para ver correr o seu sangue, dependem de seu arbítrio de uma decisão (de lutar), em função de um risco de vida. A mulher, sublinha a autora, tem suas regras, vê correr o sangue mensalmente sem poder impedir, sem o concurso do livre arbítrio. Ela dá a vida também sem o querer e sem poder impedi-lo (o que hoje, diga-se de passagem, já

é possível). Ela sofre modificações no corpo, as quais ela não pode comandar. Aqui a diferença feminino/masculino está no: *estar sujeita a* versus *comandar*.

A mulher “menopausada”, como diz, ou a portadora de amenorréia, ou as estéreis, que continuam a ter relações sexuais, que não têm sustentação familiar, nem são ricas, em certas sociedades tradicionais, são susceptíveis de serem bruxas.

3.2 - Outros aportes antropológicos

Encontramos ainda a referência ao trabalho de “antropologia médica” de D. Delanõe²⁴, ao qual não tivemos acesso no original. É Laznik quem cita Delanõe a dizer que “O estudo das representações da menopausa através de diferentes culturas, coloca em evidência, uma grande variedade de construções sociais acerca desse fenómeno biológico” (Delanõe, in Laznik, 2002:177- a trad. é minha).

Lembra o autor que nas nossas sociedades ocidentais presta-se pouca atenção ao fenómeno da menopausa, e que se associa facilmente à perda do poder de sedução e também das funções sociais às quais a mulher deixa de poder ter acesso. O caso extremo é o da Irlanda rural dos anos sessenta, em que as mulheres a partir de 45 anos se punham na cama para esperar a morte!

Seguindo sempre Laznik, Delanõe se consagra a estudar a menopausa especificamente na sociedade francesa, num trabalho de medicina antropológica. Interessa-lhe o estatuto social e económico da mulher e seus efeitos na representação que elas fazem da menopausa. Ele constata que a mulher dependente de seu marido

²⁴ Delanõe, D. Variations transculturelles sur la ménopause. In *Traité de gynécologie obstétrique psychosomatique*; org. Silvain MIMOUN.. Paris: Médecine-science Flammarion, 1999: 283-287.

será mais frágil nesse momento, enquanto que a mulher autónoma que tem sua própria carreira e um bom nível cultural, terá uma representação mais positiva. Ele trabalha também sobre a questão da representação que têm as mulheres que seguem um tratamento que lhes é proposto (aqui me parece ser o tratamento médico, reposição hormonal?).

Delanõe, entretanto, salienta um dado antropológico numa sociedade tradicional: a sociedade em que a menopausa é sentida de maneira mais positiva é a dos índios Mohaves, estudado por G. Devereux²⁵. Uma longa citação do texto de Devereux nos permite uma leitura:

1- As mulheres na meia idade encontram facilmente jovens maridos. O climatério não corta, para essas mulheres, o gozo de sua feminilidade, tanto sexual quanto outros (como serem avós e cuidar dos pequenos);

2- O climatério na sociedade Mohave não implica uma transição traumática, ao contrário vai representar a consolidação dos ganhos obtidos durante a vida.

3- Não são mais levadas a rivalizar com os homens, nos debates públicos ou tribais. As energias sociais criativas fazem das mesmas pessoas muito interessantes e importantes na vida da tribo.

4- “E ainda a alegria gargantuesca ...” - essa observação sem sequência, no que me foi possível ler, faz pensar nos personagens rabelaisianos que comiam muito, bebiam muito e gozavam ao extremo suas relações sexuais.

Assim termina a enumeração das vantagens adquiridas com a idade mediana ou avançada . Ainda chama a atenção para o facto de que essas mulheres têm “olho

²⁵ Devereux, G. The psychology of feminine genital bleeding: An analysis of Mohave Indian puberty and menstrual rites. In *Int. J. Psycho-Anal.*, 1950, vol. XXI, part IV:237-257. Apud Laznik, 2002.

vivo”, a cabeça cheia de experiência e estão sempre prontas a namorar um homem jovem que, até mesmo poderia ser seu neto.

A propósito disso, Christine Laznik lembra o filme que celebra uma relação desse tipo na sociedade ocidental, o que é raro: *Harold and Maud*, de Hal Ashby. O filme que, para mim é igualmente memorável, lembra a relação de uma velha senhora que, ao ficar viúva, sente-se ainda cheia de vida e passa a fazer passeios e andar de escada rolante, por exemplo, o que a deixa feliz e divertida. É numa ocasião dessas que conhece um rapazinho depressivo, à beira do suicídio. Ela lhe ensina o sabor da vida. Ele se apaixona por ela, toma gosto pela vida e quer mesmo casar-se com ela. Momento em que a senhora se retira da cena literalmente, suicidando-se - certamente por amor...

Devereux resume o que se passa com essas mulheres, dizendo : “durante o climatério e a velhice a mulher mohave valida a interpretação que Benedek dá desse período como que implicando um desenvolvimento e não simplesmente uma fase de involução na vida”. (Devereux, *apud* Laznik, 2002:179).

4 - A MENOPAUSA VISTA PELA LITERATURA

“Dediquem-se aos poetas”, recomenda Freud, ao concluir que o saber sobre a feminilidade esbarra numa impossibilidade, no final de uma extensa e intensa caminhada científica de indagações sobre essa questão crucial (conferência A feminilidade, 1933).

A literatura nos oferece um sem número de referências à mulher madura, sejam eles directamente referidos ou não. Vamos destacar aqui: 1 - a questão da velhice em si, culminância de um processo de vida, a consequente perda da imagem, que pode ser enfrentada com ou sem depressão ou, mesmo, com angústia. Deter-nos-emos nesta última que faz sintoma, no exame do romance *A obscena Senhora D*, de Hilda Hilst; 2- a velhice inconformada e a tentativa de manter a juventude até ao nível da loucura: *Aura* de Carlos Fuentes, ou, como disse Françoise Dolto, a velhice neurótica que traz a máscara do horror; 3 - especificamente sobre a mulher na idade da menopausa e a saída pelo amor incestuoso a um jovem temos em *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher*, Stefan Zweig, a história de duas paixões de mulheres maduras por rapazes jovens. Mas sobretudo uma abordagem quase “científico”-literária sobre a menopausa vivida por uma personagem de ficção, Rosália von Tümmler em Thomas Mann, *O cisne negro*. 4 - a saída da menopausa com a passagem para o outro lado, o masculino, na fórmula de sexuação de Lacan: o caso Simone de Beauvoir autora que, durante muitas décadas reflectiu sobre a mulher, também o fez sobre esse momento da mulher e sobre o envelhecimento. Está ali tudo representado nas suas múltiplas autobiografias.

4.1 - A *derrelicção* na Senhora D

Quanto a Hilda Hilst, autora brasileira, poeta, teatróloga e romancista, em *A obscena senhora D* (1982)²⁶, cria uma personagem bastante contundente que, aos sessenta anos, decide não fazer concessões de nenhuma espécie à sociedade em torno de si. Afastada do centro de alguma coisa, obs-cena, ex-cêntrica a senhora D, decide refugiar-se a viver no espaço mínimo do vão da escada de sua casa. Sem roupas, desperta a curiosidade e o repúdio da vizinhança. Mas o que interessa é que, nesse momento, após a morte de seu companheiro, ela se põe a reflectir sobre a vida e a morte, sobre inquietações metafísicas de toda espécie, inclusive a religiosa. Ela se diz uma “teófaga incestuosa”. E o que sobressai na obra é o sentimento de desamparo que sente aos sessenta anos, o que acontece mesmo antes da morte do marido (Ehud), o qual lhe deu a alcunha de Senhora D, já que ela não cessava de lhe perguntar o significado da palavra *derrelicção*, (significante quem sabe primordial). Ela não o podia memorizar:

...Eu Hillé também chamada de Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. *Derrelicção*, Ehud me dizia, *Derrelicção*- pela última vez Hillé, quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não retens, daqui por diante te chamo Senhora D. D de *Derrelicção*, ouviu? Desamparo, Abandono, desde sempre a alma em vaziez...(Hilst, 1982:)

²⁶ Hilda Hilst. *A obscena Senhora D*. São Paulo, Globo, 2001.

Essa “vaziez” se transforma em angústia, na medida em que a personagem se dá uma vida de nojo e de solidão, só permitindo em sua casa a entrada de uma porca a quem nomeia a Senhora P.

Este romance foi escrito na Casa do Sol, residência por Hilda Hilst construída, em Campinas, São Paulo, que passa a abrigar intelectuais, cientistas e artistas seus amigos, e que se transformou num local de fomento cultural.

Nota-se nesse romance, na personagem criada, reflexos, projecções da vivência da autora com a esquizofrenia do seu pai real.

4.2 - *Aura* de Carlos Fuentes metáfora da velhice inconformada

O pequeno romance de Carlos Fuentes *Aura* (1962) é um clássico latino americano no gênero fantástico. A eficiência da adesão do leitor a essa história tanzalizadoradeve-se à estrutura narrativa pois aqui a história é narrada em segunda pessoa, ou seja trata-se de um Outro da linguagem que conduz o personagem em seu destino, destinando-lhe os passos: “Você lê esse anúncio (...). Parece dirigido directamente a você (...). Você bate em vão com essa aldrava, essa cabeça de cão em cobre, gasta sem relevos, semelhante à cabeça de um feto canino dos museus de ciências naturais (...)”²⁷

Felipe Montero, personagem, lê no jornal um anúncio solicitando o trabalho de um historiador jovem, com conhecimento da língua francesa. É assim que ele se dirige a um bairro antigo da cidade do México, onde se passa a narrativa. Penetra numa casa

²⁷ Carlos Fuentes, *Aura*. Trad. Olga Savary. Porto Alegre: L&PM, 1981.

escura, arruinada pelo tempo. É recebido por uma senhora, Consuelo, extremamente velha. Ela necessita de uma pessoa que traduza do francês para o espanhol e que edite as memórias do seu marido, o general Llorente que as havia deixado por terminar, quando faleceu.

Aura é apresentada a Felipe como sobrinha da senhora Consuelo Llorente. Trata-se de uma jovem cuja beleza, logo de início, exerce um enorme fascínio sobre o historiador que, imediatamente aceita a tarefa que lhe foi proposta. Felipe percebeu logo, que aceitar a tarefa implicava, mergulhar num outro tempo, afastar-se da vida quotidiana, do movimento. Reconstruir a vida do General Llorente era mergulhar no passado do México, na época de Maximiliano (...), rever a sua participação no estado-maior, a sua derrota e o exílio em Paris, junto à esposa Consuelo. Entretanto outras tarefas mais inquietantes, impossíveis de detectar à primeira vista, estavam destinadas a Felipe.

O historiador acaba por se apaixonar pelo esplendor e pela beleza jovem de Aura, sem saber exactamente o que lhe reservava a velha senhora com seus planos. Ou seja, a posteriori ficamos sabendo que Consuelo não queria apenas que a história do marido fosse escrita, mas queria reviver magicamente essa história, o esplendor de sua própria juventude e do seu desejo insaciável.

Todos os detalhes do *décor* da casa e também os costumes concorrem para construir um ambiente de tensão, próximo ao terror: o estilo da casa (mantida às escuras), entre o gótico e o Primeiro Império; a presença de numerosos gatos, de ratos e de uma coelha, Saga, e ainda o costume de colocar um quarto talher à mesa das refeições que corresponde à presença fantasmática de Llorente...

Contrastam a juventude de Aura e a decrepitude de Consuelo, uma anciã “delgada como uma escultura medieval, emaciada; as pernas surgem como dois fios sob a camisola, magras cobertas por uma erisipela inflamada”. A senhora se entregava à devoção, ajoelhada em seu quarto, fazendo gestos no ar, diante das imagens de Cristo, Maria, São Sebastião, Santa Lúcia, do Arcanjo Miguel e dos demónios sorridentes que fazem parte de uma velha gravura iluminada.

Exige que o historiador trabalhe em tempo integral em sua casa. Suas palavras são ambíguas e inquietantes. Em diálogo: “Eu o informarei a respeito de tudo. O Senhor aprenderá a redigir no estilo de meu esposo. Para tal, basta ler os papéis.; vai sentir-se fascinado por essa transparência, essa, essa... (Fuentes, 1981:19)

Os costumes da casa acabam por se revelar um verdadeiro ritual que elimina a noção de tempo: dia após dia, Aura toca um sino para chamar Felipe para as refeições; apenas um menu é oferecido diariamente (rins); o mesmo quarto talher anuncia a presença invisível do general Llorente à mesa. Uma boneca de pano, cheia de farinha, ao lado do talher, acrescenta mistério ao enunciado narrativo. Felipe imagina sua bela Aura, por alguma razão oculta, presa pela velha senhora.

No diário do general Llorente, finalmente, Felipe descobre não apenas dados históricos sobre o México, sobre a invasão da França, sobre a derrota de Querétaro (1860), ele vai além, pois interessa-lhe investigar a história de amor entre Llorente e Consuelo. Penetra nas particularidades do carácter de Consuelo jovem: não podia ter filhos, realizava rituais estranhos, teve uma crise de loucura, sacrificava gatos (o mesmo que Aura fazia – ele descobrira). O general Llorente conta que Consuelo, em um de seus surtos, dissera que havia conseguido dar “vida à sua juventude, para perpetuá-la”. Felipe encontra fotos. Sobre estas, diz o Outro que conduz a narrativa:

“Você verá, na terceira foto, Aura em companhia do velho (...). A foto se apagou um pouco; Aura não se mostrará tão jovem, como na primeira fotografia, porém é ela, é ele, e... é você”.

A imagem dos duplos, Consuelo- Aura, Llorente-Felipe está quase completa; ela se constrói ao longo da narrativa em pequenos detalhes, de uma precisão de joalheiro: os gestos, os rituais, finalmente os escritos de Llorente que levam o personagem a suspeitar uma duplicidade das imagens. Aqui podemos falar da *inquietante estranheza*, (*Umheimlich*, 1919) a mesma que Freud apontou em *O homem da areia*, de Hoffman.

Na relação sexual final, Felipe descobrirá que Aura e Consuelo são uma só e ele e Llorente um mesmo homem: “Você verá sob a luz da lua o corpo despido da senhora Consuelo, frouxo, lacerado, pequeno e velho, tremendo levemente porque você toca nele, você o ama, você também regressou...”

Do ponto de vista meramente patológico podemos sugerir que a narrativa é conduzida pela própria personagem, Consuelo (a voz em segunda pessoa do discurso: “você”), pois é ela a depositária de todas as fantasias, de todos os fantasmas a recuperar, com a finalidade de recobrar uma juventude perdida, pois nela se verifica a não aceitação patológica da velhice inevitável.

4.3 - A paixão incestuosa aos cinquenta anos: Stefan Zweig e Thomas Mann

Seria melhor falar em três paixões para abordar a novela de Stefan Zweig, *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher* (1927), mas a história central, a que nos interessa é a de uma velha dama inglesa elegante e discreta que encontra num hóspede

de uma pensão na Riviera um bom ouvido para revelar sua história que ela guardara até então fechada e defendida. Uma história que se passou em 24 horas, mas que haviam sido as horas mais importantes de toda sua longa vida, das quais ela precisava falar.

Este bom interlocutor (o narrador da história, que depois cede a palavra à dama), surge dentre os hóspedes por ter ele tido uma conduta especial diante de um acontecimento que abalou os hóspedes da pensão: uma senhora havia fugido com um belo rapaz francês que se hospedara na pensão, ocupando um quarto com vista para o mar. Tudo se passou em poucas horas. A senhora apaixonada deixou para trás toda uma vida e partiu com o jovem francês. O personagem em questão foi o único que se pronunciou de maneira compreensiva diante de uma atitude que ameaçara todos os demais hóspedes da pensão. Mrs C. decide então pedir a esse senhor que ouça sua história, pois há muito ela precisava desse desabafo para continuar a viver.

Narra sua própria paixão: aos quarenta anos sentiu-se vazia pois perdera o marido com quem compartilhara vinte e três anos de vida, e os filhos já não mais precisavam dela. Passou a viajar para preencher o tempo. Aos quarenta e dois anos quando o tédio tomava conta de seus dias, acaba por ir a Monte Carlo, procurando excitações exteriores, como diz. Na época o Casino era fascinante, com a sua pompa peculiar. O marido de Mrs. C. havia-lhe ensinado a nunca olhar as pessoas que ali estavam (na mesa de jogo) e sim a focalizar o olhar para o retângulo da mesa e, em especial, para as mãos tensas dos jogadores. Foi assim que ela descobriu toda uma psicologia das mãos, essa metonímia preciosa. Depois de alguns dias ela já tinha um conhecimento das mãos. Ela acaba por se fixar nas mãos mais expressivas que ela jamais vira: “em que cada músculo era boca, e a paixão quase transbordava dos

poros” – como se percebe, há nessa descrição uma projecção da personagem. Essas mãos “por um momento ficaram deitadas na mesa verde como medusas lançadas fora da água, achatadas e mortas” (Zweig, 1999: 32). Só depois Mrs C. decidiu que tinha que ver a pessoa, o rosto a que aquelas mãos pertenciam. Um rosto igual às mãos foi o que encontrou, um rosto fanático, fora de si, pertencente a um homem jovem, de uns vinte e quatro anos, inteiramente entregue ao jogo. Daí em diante foi o acompanhamento daquela “crispada alternância” das mãos e rosto mágicos, hipnotizados. Até a derrocada que não se fez esperar. Como a senhora observou, o rapaz, ao se retirar do salão, caminhava para a morte. E foi então que ela se insinuou a querer salvá-lo. Ele havia perdido todo o dinheiro no jogo. O jovem tenta rechaçá-la, no entanto ela consegue impor-se perto dele e acabam por dormir juntos, uma noite de entrega apaixonada, do ponto de vista da mulher. Ela quer salvá-lo, sabe da sua biografia, o que foi e no que se tornou com o jogo. Oferece-lhe dinheiro “emprestado” para que ele pague suas dívidas e ele jura solenemente deixar o jogo. No dia seguinte ele partiria de comboio de volta a sua casa e ela iria despedir-se dele na estação. Logo a paixão fala mais alto e ela decide partir com ele e deixar para trás toda uma vida mais convencional, a memória do marido, a opinião dos filhos.

Uma série de circunstâncias angustiantes fazem-na perder a hora do comboio. Nostálgica de um bem perdido, ela repete o destino voltando à sala de jogo, ele também repete o destino estando lá e não tendo portanto atendido à promessa feita que era de partir. Com espanto ela descobre aquelas mãos lá, no mesmo sítio, na mesa. A paixão do jogo era a paixão do jovem. Ele a rechaça e lhe devolve o dinheiro para livrar-se dela. Ela se sente humilhada, horrivelmente mal, naquele momento em que parece, para os outros que ali presenciaram a cena, ocupar o lugar de uma

prostituta que exige seu dinheiro de volta. Posteriormente ela fica sabendo que nem sequer do suicídio ela conseguira preservá-lo.

Freud comenta esta novela de Stefan Zweig, lembra que ela é narrada do ponto de vista da “mãe”, como diz. Entretanto não focaliza propriamente o caso feminino, da paixão incestuosa nesse momento da vida, mas sublinha que, como em Dostoievski, assunto deste seu estudo, é a paixão pelo jogo, a substituição do onanismo da infância: “O irresistível da tentação, os juramentos e promessas, jamais cumpridos, e o remorso de estar-se matando (suicídio) aparecem imutavelmente conservados na substituição. (Freud, 1948, II: 1053). A respeito da mulher Freud fala, na mesma sequência, que, apesar de afastada de toda exigência erótica, a senhora, entretanto, sucumbe a uma transferência erótica daquela figura de filho, naquele lugar não vigiado. Diz Freud que dela se apoderou o Destino (*sic*). Nós diríamos lembrando as lições até agora levantadas sobre a menopausa, que estamos diante daquela ressignificação da relação edipiana, a partir do hiperinvestimento de um avatar do pai, que nesse momento pode ser um filho ou seu equivalente simbólico.

Outro texto a destacar é o romance de Thomas Mann *O cisne Negro* (*Die Betrogene*, 1953) apresenta o caso da mulher madura que se apaixona pelo jovem no estilo Jocasta ou Fedra, como o caso analisado anteriormente. É bem delimitada sua idade 50 anos, já visitada pela menopausa. Thomas Mann aqui, nesse seu último romance, emprega seus conhecimentos de medicina tornando-se implacavelmente real nessa história de amor outonal. A presença da natureza se faz constante em todo o romance.

Conta a história, que se passa por volta de 1930, em Dusseldorf-sobre-o-Reno, de uma mulher Rosália von Tümmler, viúva, que havia perdido o marido dez anos antes. A narrativa indica, com alguma ironia, que seu marido havia morrido estupidamente de desastre de automóvel, não em campo de combate, no começo da guerra mas tudo autorizava a versão gloriosamente falsa de que havia tombado no campo da honra. A viúva vivia com os dois filhos, Ana, jovem pintora e Eduardo.

Rosália era sociável, hospitaleira e jovial, amante da natureza, de aparência juvenil como diz o narrador, com um par de olhos vivos, castanhos, cabelos abundante e ondulada, levemente grisalha. A única parte do corpo que denunciava a sua idade eram as mãos “que os anos haviam maquiado as costas das mãos de numerosas manchas semelhantes a sardas, disfarce contra a qual ainda não encontrou paliativo”.

O narrador fala de sua festa dos cinquenta anos e das “perturbações orgânicas inerentes à sua idade a diminuição e a extinção de sua feminilidade física”. Mais que isso, porém, fala da sua resistência psíquica a essas mudanças da menopausa e exhibe os sintomas decorrentes: angústias, agitações do coração, dores de cabeça, dias inteiros de melancolia, configurando quase um “tratado poético” sobre o assunto que é científico.

Todos os seus mal estares eram compartilhados com a filha Ana, de vinte e nove anos, a quem “não ocultava as aflições do seu período transitório”. A narrativa será toda conduzida a partir do diálogo mãe-filha, como se verá.

A jovem nascera com defeito físico, um pé boto, o que a afastava da vida da juventude, dos esportes e também de vida amorosa.

Dedicava-se inteiramente à arte, a pintura de tendência “cerebral” como afirma o narrador. Ou seja, nos anos trinta do século vinte Ana praticava algo semelhante ao cubismo, pela descrição de que dispomos. Contrastava com o gosto da mãe que era todo natureza. Esta chegava até a interrogá-la porque dera as costas à natureza, porque não procurava reconfortar o coração a pintar um ramo de lilases... Em diálogo, ela respondia à mãe: “O estado actual da época e da arte não o permite já.”

Ana recusava uma arte catártica e exibia uma enorme sublimação nas suas linhas abstractas, o que, quem sabe, corresponderia a uma couraça protectora contra as renúncias libidinais a que se submetera, pois “amara uma só vez e teve que renunciar, o que considerava a sua vergonha”.

No interessante diálogo entre mãe e filha, da parte desta temos ressaltada a natureza da arte na Vanguarda europeia, do lado da mãe acentua-se o naturalismo da personagem mais velha (nascida ainda no século dezanove) e do próprio romance que se constrói, de certo modo, dentro de um naturalismo, da arte verosímil e, conseqüentemente, catártica. Por vezes Rosália propõe à filha uma tarefa impossível para esta: transportar para o visual (para a tela) o perfume das flores _ ao que Ana chama de confusão estética, mística transposição de perfumes em cores - o que nos remete a Rimbaud e às suas sinestésias.

Ainda dentro do assunto natureza, Rosália aborda a questão da menstruação na mulher. A propósito do período menstrual da filha que lhe traz dores, diz Rosália: “Dores, ora ainda bem! [...] Deves-te sentir feliz e altiva por estares com teus trinta anos no pleno desabrochar do teu sangue. Acredita-me sujeitar-me-ia com prazer às dores do ventre, se me sucedesse o mesmo que a ti.”

A personagem Rosália Tümmeler exhibe a sua não conformidade pela decadência do corpo a partir da menopausa. Ela não poupa a filha com suas queixas “Olha, quando em nós as coisas não se passam a maneira das mulheres é que já não somos mais que seu invólucro ressequido, usado, inutilizável e excluído pela natureza”. Compara o destino sexual da mulher ao do homem e conclui que estes, mesmo aos oitenta anos, podem “proceder como apaixonados”. E conclui numa visão pessimista e meramente física do destino da mulher: “Aos cinquenta anos estamos gastas e a nossa capacidade de procriar extinta; perante a natureza, não somos mais que ruínas”.

O romance de Thomas Mann seria pobre se não estabelecesse o dialogismo, de que fala Mikhail Bakhtin,²⁸ e que consiste em oferecer o embate de ideias, de pontos de vista contrastantes.

Assim é que a “cerebral” Ana, a filha, oferece um outro ponto de vista, opondo-se à mãe. Como se pode constatar as duas personagens exibem características emocionais bastante opostos: a mãe, toda “natureza”, tem uma intensa vida pulsional, enquanto a filha reprime as pulsões e se defende numa forte intelectualização de sua visão sobre a mulher.

São personagens polarizadas, portanto. Para Ana, não há que invejar o destino sexual do homem que tem limites “menos precisos”. Nem tampouco desdenhar a dignidade da mulher de certa idade pois ela terá preenchido sua vida (de certo ela se refere às pulsões) e se encontra num “estado honroso de amabilidade superior”.

²⁸ Mikhail Bakhtin, sobre dialogismo, in: Selma Calasans Rodrigues. “Canto/contracanto: a paródia”. *Revista de Humanidades e Culturas*. Dossier línguas e culturas. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2001-2002: 238-246.

Salienta ainda que “os povos civilizados testemunham sempre às matronas o maior respeito, santificando-as positivamente”.

A sensatez da opinião de Ana não apazigua a senhora Rosália, pois algo já se preparava em na vida emocional, como enuncia o narrador. Esta objecta à filha com clareza o difícil que é resignar-se à tal “dignidade e a apresentação” como diz Rosália e ainda acrescenta que “quando se é dotado duma sensibilidade que não quer ouvir falar da dignidade nem do respeitável estado de matrona e que se rebela contra o estiolamento do corpo_ então é muito duro”.

Todo esse diálogo prepara o destino de mulher que já se anunciava: uma paixão outonal por um jovem(“um novo rosto”) de cerca de 24 anos. Ken Keaton é o rapaz que, trazido pela guerra, onde fora vítima de um bombardeio, tendo perdido um rim, habitava a cidade havia algum tempo. Ele vivia de lições de inglês que dava nas casas dos ricos industriais da região. Rosália contratou-o para dar lições ao filho. Não especialmente dotado intelectualmente, nem mesmo dotado de maneiras finas era alegre, muito bem humorado. Possuía entretanto, informações sobre história, inclusive daquela região do Reno, a disciplina lhe interessava sobremaneira.

Rosália sente uma terna inclinação pelo rapaz, que Ana torturada, logo detecta com seus radares de jovem filha preocupada e ciumenta, além de faltosa no que diz respeito à própria libido recalcada.

Uma das saídas da menopausa anuncia-se nessa senhora que, por seu diálogo com a filha já se mostrava nada propensa a reprimir a sua forte libido. Assim, é que confessa a si mesma “meu Deus, mas eu amo-o, amo-o como nunca ameí”. E em seguida lembra que apesar de já estar “retirada da vida” e apesar da natureza a ter feito passar para o estado de matrona, assim mesmo a voluptuosidade tomou conta

dela e dessa vez como afirma a personagem foi ela própria quem lançou o olhar sobre ele, portanto, numa atitude activa observa que a juventude não lhe passa despercebida pois ela observa que a mesma é feminina. E a atitude da “velhice” a seu respeito é masculina, ou seja, é activa. Até esse momento ela é a amante que não sabe se será correspondida.

O rejuvenescimento de Rosália é patente. Ela acaba por se confessar à filha Ana que se mostra muito preocupada com a mãe, ao entrever um sofrimento iminente por aquela “dolorosa primavera”. A filha percebe a “fantasmagoria” a que a mãe se entrega, ou seja, percebe que ela vive uma relação ao nível do imaginário. Além dessa percepção os sentimentos de ciúmes da filha interferem a ponto desta sugerir-lhe um afastamento do rapaz para que Rosália volte a ser “a nossa querida mamãe”.

Propostas de afastamento são inaceitáveis. Rosália fala na sua “volúpia humilhada e aflita” diz ela estar no seu sangue, no seu desejo.

Vai ser nesta altura que Rosália se sente outra vez mulher, ou seja, sente voltar a sua menstruação. O facto é recebido como uma verdadeira ressurreição da sua feminilidade. Ao dirigir-se a filha observa:

Eis porque a boa natureza me recompensa e apaga o que parecia já ter perpetrado sobre o meu corpo...[...]. Ela demonstra assim que era um erro e restabelece a harmonia entre a alma e o corpo, mas de maneira diversa da que tu [Ana] desejavas. Não é a alma que aceita, com submissão, que o corpo actue sobre ela, e se deixa transferir por ele ao digno estado de matrona, mas o inverso, querida filha, de forma que é a alma que se revela senhora do corpo[...]. Voltei a ser mulher, um ser completo, uma mulher que reencontrou suas aptidões. É-me permitido,

portanto, sentir-me digna da juventude viril que me enfeitiçou e perante ela já não tenho que baixar os olhos com um sentimento de impotência! (Mann, 1989: 105).

A filha aprecia, embora não participe profundamente daquilo a que chama vitória psíquica, a transformação do sentimento indestrutível um fenómeno orgânico. O problema que continua a incomodá-la é o fato de que Ken poderia ser um filho de sua mãe, ou seja tem a idade para tal.

A jovem Ana irá repetidas vezes acentuar o aspecto de “libertinagem” de que se revestem os impulsos amorosos de sua mãe em relação ao jovem, por serem estes de carácter incestuoso, conforme ela, guardiã do nome do pai (várias vezes alude a este) detecta. Em relação à chamada “virtude”, a continência que Ana tentava impor à sua mãe, ela mesma acaba por desenvolver um sentimento de culpa, a constatar que teria tido inveja da capacidade de desejar de Rosália, sua mãe. Esse sentimento de culpa se exacerba quando a Sra. Von Tümmler apresenta claros sintomas de enfraquecimento, de má saúde. A natureza, ao contrário de que pensava Rosália, não se havia pronunciado a favor de suas pulsões.

Daí, até o desfecho final é um passo. Há um momento de florescimento de Rosália e Ken quando a mulher activamente declara seu amor ao jovem e lhe promete uma união carnal: "Ken, Ken, [...] amo-te e tu sabe-lo, porque não te pude esconder inteiramente..". Num longo monólogo ela revela toda a força da paixão que a arrebatava: “Mas, tu estás aqui finalmente, estás aqui e são os teus cabelos, e a tua boca e este bafo é o das tuas narinas.... Os braços, os braços que me enlaçam são os que eu conheço. E este é o calor do teu corpo que eu saboreei....E o cisne encolerizou-se...”

Esse encontro se deu numa visita ao castelo de Jägerhof em Hofgarten, onde os visitantes alimentaram aos cisnes negros que Rosália tanto invocara. Levaram pão duro para alimentá-los. O pão foi guardado por Ken, dentro do seu bolso. Assim, quando decidiram alimentar os cisnes, numa bela metáfora que será o *leit motiv* da obra: Rosália rouba um pedaço do pão duro, morde-o com luxúria e come-o, simplesmente porque o pão estava quente - era o calor do corpo de Ken. Os cisnes encolerizaram-se nesse momento, grasnando contra o roubo do alimento.

Lembre-se que se trata da obra *O Cisne Negro*, o que remete à natureza forte, porém, que aponta metaforicamente para a morte.

Na mesma noite em que Rosália programara com Ken uma fuga ao quarto do rapaz, apareceu banhada em sangue por uma hemorragia, e é internada no hospital.

Submete-se a uma histerectomia, porém, tarde demais. O carcinoma apresentava metástases diversas.

Thomas Mann se apresenta na pessoa da personagem cirurgião em diálogo com o médico de família que mostra a extensão dos estragos no organismo da nossa Rosália:

Se você se supõe notar que essa coisa terrível ao desenvolver-se, já penetrou metastasicamente nos dois ureteres, a sua observação é fundamentada. A uremia não pode tardar. Veja: eu não contesto que a célula-mãe produz, ela própria, os elementos com que se nutre e, contudo, convido-o a aceitar a minha hipótese, segundo a qual tudo teve por ponto de partida o ovário, isto é, as células granulosas que aí se encontram desde o nascimento e que, no começo da menopausa, só Deus sabe por que fenómeno de irritação, sofreram uma

proliferação maligna. Então, o organismo, *post jestum*, é _ se você quiser inundado, perturbado e invadido pelas hormonas estrogênicas, o que conduz à hiperplasia hormonal da membrana mucosa uterina, com hemorragias inevitáveis.” (Mann,1989:159).

Aos sair da cirurgia a personagem dirige-se enigmaticamente à filha, a dizer “ele assobiou contra mim”. À pergunta de Ana, quem o teria feito, responde: “*O Cisne Negro*”.

A mensagem final de Rosália Von Tümmler foi ainda uma vez justificando a Natureza com a sua sabedoria benevolente de sempre:

Parto com tristeza – para longe de vós, da vida e da sua primavera. Mas, como haveria primavera sem morte?. Porque a morte é um grande agente de vida, e se ela revestiu para mim a forma de ressurreição e do desejo amoroso, isso não foi mentira, mas bondade e misericórdia. [...] A natureza eu sempre a amei, e ela ... testemunhou amor pela sua filha.” (Mann, 1989: 160-161)

Essa experiência literária aproxima-se daquelas reais testemunhadas pela psicanálise. Em primeiro lugar a posição de “Jocasta” nesse regressivo hiperinvestimento amoroso numa figura substituta de filho, que por sua vez torna-se imago do pai, no núcleo edípiano, como no anterior texto literário estudado (Stefan Zweig). Por outro lado, lembre-se o que a clínica psicanalítica vem mostrando, que, muitas vezes a mulher em menopausa, sente uma revivescência qualquer que pode ser ou a volta do ciclo menstrual ou uma aparente gravidez e, quando consulta a clínica

ginecológica, muitas vezes constata tratar-se de um tumor canceroso (item 6.2 deste trabalho).

4.4 - Um amor de outono: Simone de Beauvoir e Sylvie

É notória a influência de Simone de Beauvoir em relação ao estatuto da mulher em nossos países (refiro-me ao Brasil e a Portugal). Ela questionou todos os tabus até então existentes sobre as relações matrimoniais, não só em sua obra, mas também exibindo largamente a sua “relação aberta” com Paul Sartre. O que é ainda bastante notório e singular para sua época, é que Simone de Beauvoir, à medida em que vivia seus ganhos e perdas, as frustrações, ela os tornava públicos em suas autobiografias.

Sobre quase todos os temas relativos à mulher ela tratou, inclusive directamente sobre a questão da menopausa, em *O segundo sexo*, onde ela cita as ideias de Helen Deutsch.

No final de uma carreira em *Tout compte fait* ela se autoavalia: “Eu não fui uma virtuose da escrita (...) Mas esta não era a minha intenção. Eu queria me fazer existir para os outros comunicando-lhes, da maneira mais directa, o gosto da minha própria vida: nisso eu fui mais ou menos bem sucedida” (Beauvoir, 1972: 634).

Para o assunto ao qual nos temos que restringir, saliento as duas últimas relações amorosas que Simone manteve em sua vida bastante agitada e variada.

Simone de Beauvoir vai ter uma relação apaixonada com um homem bastante mais jovem (dezassete anos) que ela, com quem ela viverá inclusive na mesma casa: Claude Lanzmann. Essa relação a protegerá da perda da imagem do corpo nesse começo do período da menopausa que, como Freud e Deutsch sublinham, traz um

crescimento da libido. Ela mesma dirá: “A presença de Lanzmann perto de mim me livrava de minha idade. Primeiro que tudo ele suprimiu a minha angústia. Duas ou três vezes ele me viu balançar, e isso o assustou tanto que uma ordem se instalou até dentro dos meus ossos e dos meus nervos, de não mais ceder a isso: eu achava revoltante de o arrastar desde já nos horrores do declínio.”²⁹

Simone se abandona a essa paixão apesar do julgamento duro que fazia das mulheres nessa idade que deviam abandonar suas veleidades sexuais³⁰. Esse caso de amor durará até 1958, quando Simone completou seus cinquenta anos e eles se separam definitivamente. É também a época em que Sartre começa a declinar, em termos de doença. Ela vai entrar nesse momento numa depressão que trará à baila o tema do envelhecimento e da morte.

Entretanto, deve-se lembrar, que mesmo aos 27 anos, quando era professora em Rouen, sentia-se envelhecer. Nesse momento, claramente, a razão era por ter Sartre se empenhado numa relação com uma jovem, Olga. Ela se sentia ameaçada e privada do olhar que lhe assegurava a sua identidade feminina. Toril Moi, o biógrafo de Beauvoir, citado por Laznik, pergunta-se porque esse comportamento tão impaciente em relação ao declínio do envelhecimento e à obsessão da morte que se verifica desde uma idade tão jovem. Na opinião do biógrafo, isso se dava quando ela caía num estado depressivo. Nesses momentos ela atribuía a sua impressão de absurdo, sua perda de vitalidade ao horror da velhice e da morte. Isso ainda na opinião de Toril Moi, era uma estratégia de deslocamento que lhe permitia reconhecer sentimentos de depressão sem os admitir como tal (*sic*) o que evitava o

²⁹ Simone de Beauvoir, *La force des choses* II, citada por Laznik, 2002: 269. A tradução é minha.

reconhecimento das fontes de sua melancolia³¹, que certamente estavam ligadas às separações e ao medo do vazio e da solidão. Convém lembrar que apesar de uma relação fundamental mantida com Sartre, por toda a vida, esta relação não tinha exclusividade. Mais que isso ela, Simone, sofreu a decepção maior de nem sequer ter sido escolhida por Sartre para ser a legatária do testamento de sua obra. Ele escolheu uma jovem amante a quem ele adoptou como filha, Arlette. Também Lanzmann se separou dela, sob o pretexto de que não aguentava ter uma relação não exclusiva com uma mulher.

Christine Laznik aproveita para observar que, como psicanalistas devemos lembrar que “esta perda do amor a faz cair como dejecto e, sem este traço que a garantiria numa identidade feminina, não é senão a imagem do objecto que se apresenta a ela agora”. (Laznik, 2002: 273). Como escritora Beauvoir exercia sua “falicidade”: produzia, era lida e amada e tinha um grande sucesso editorial. Na vida privada sofria e comunicava esse sofrimento em sua obra, oferecendo aos seus leitores aquilo que muitas vezes não é reconhecido, nem falado senão em terapia e a um alto custo emocional.

O balanço que Beauvoir faz em *Tout compte fait*, entretanto, está longe de mostrar a mulher que sofreu pelo seu envelhecimento desde tenra idade. Ela encontrara o caminho da serenidade. Ali ela declara:

A primeira coisa que me surpreende, se eu considero os dez anos que se passaram depois que eu acabei *La force des choses*, é que eu não tenho a

³⁰ Em *Os Mandarins*, como em *O segundo sexo*, Simone descreve os subterfúgios de sedução das mulheres mais velhas, que desejam persuadir que o tempo não passou por elas. In: Laznik, 2002: 345.

³¹ In: Laznik, 2002: 273

impressão de ter envelhecido. Entre 1958 e 1962, eu tive a consciência de ter passado uma linha. No presente, ela está atrás de mim e eu tirei partido dela. Talvez uma doença ou enfermidades me farão franquear uma outra; eu não ignoro as ameaças que contêm o futuro, mas não estou obcecada por elas. Provisoriamente, o tempo parou para mim: ter sessenta e três anos ou cinquenta e três, isto não faz a meus olhos uma grande diferença; enquanto que aos cinquenta e três anos eu me sentia a uma assombrosa distância dos meus quarenta e três anos(...)³²

Aqui entra em *Tout compte fait*, a história de amor que acompanhou Simone de Beauvoir nos seus últimos anos de vida. Aos cinquenta anos, em 1963, ela se liga a Sylvie Le Bon, jovem estudante de filosofia que lhe havia escrito uma carta em 1960, que declarava desejar um encontro com Beauvoir.

Sylvie aos poucos foi entrando com força em sua vida. Isto aconteceu após de ter tido a confissão da jovem sobre sua vida e sobre suas dificuldades com sua mãe, pessoa que exercia uma enorme pressão sobre suas preferências e a quem ela desafiava constantemente. Por exemplo, sobre o facto de ela estudar demais e não se dedicar a outras actividades lúdicas que a mãe entendia serem importantes, a ponto de chegar a destruir livros seus; sobre a amizade suspeita de homossexualidade com uma colega, Danielle, e por último a mãe tenta interferir nas relações da filha com Simone.

Essas confissões de Sylvie, aproximaram as duas mulheres que tinham trinta e dois anos de diferença de idade. Simone confessa que a história de Sylvie com sua

³² Simone de Beauvoir. *Tout compte fait*. Paris: Gallimard, 1972: 47-48. A trad. é minha.

mãe havia despertado ecos nela mesma “eu encontrava nela minhas qualidades e meus entraves” E acrescenta que a jovem tinha um dom bastante raro: ela sabia escutar.

Sylvie foi nomeada professora em Mans e depois em Rouen, no mesmo liceu em que Beauvoir fora professora. Outras coincidências fizeram com que esta se sentisse “reencarnada”, como ela mesma declara. Elas se viam todos os dias, liam os mesmos livros, assistiam a espetáculos e faziam grandes passeios de automóvel. Simone confessa: “Há entre nós uma tal reciprocidade que eu perco a noção de minha idade (...)” (Beauvoir, 1976: 92).

Foi proposto no capítulo 3 deste trabalho, uma das saídas da menopausa seria o remanejamento libidinal da mulher com a passagem para o outro lado, o masculino do grafo da sexuação de Lacan. Isto poder-se-ia interpretar, nesse caso de Simone e Sylvie, a partir da hipótese de sobrevivência do traço da relação pré-edipiana com a mãe, que teria nesse momento se ressignificado, na medida em que decepções com os avatares de pai a teriam deixado exposta a depressões e principalmente a exigências sem fim que ela mesma se fazia de não perder a imagem do corpo, então ameaçada pela velhice, real ou imaginária.

Com Sylvie, uma filha/amante (avatar de uma relação perfeita materna, pré-edipiana)³³ que se dedicava inteiramente a ela, sem a ameaça da interferência castradora paterna, ela “perdeu a noção” de sua idade, conforme afirmou. Amou-a e não mais sofreu as angústias anteriores. Viveu duplamente. Encontrou um ouvido permanente, uma companhia privilegiada. Também Sylvie a ajudou a fazer o luto da mãe, ultrapassar o próprio período da morte real de sua mãe que lhe causou

³³ Em sonho Simone superpõe a imagem de Sylvie à da sua irmã. (*Tout compte fait* p. 154).

sofrimento. E, quem sabe, por ter levantado fantasmas, ter-lhe-á trazido culpas. Isso se pode inferir dos sonhos com a mãe que Simone narra em *Tout compte fait*.

Um sonho recorrente é o de uma queda de um muro, de uma escada ou de outro lugar alto. Pensa que vai morrer, matar-se, como diz, mas salva-se. Uma noite ela sonha que estava numa cidade estrangeira, muito bela, cercada de falésias. Havia no meio uma grande rocha e monumentos. Acontecia ali um tipo de festa ou manifestação. Estava com Sartre e outras pessoas. Bruscamente ela descobre que está num lugar trinta metros acima do solo e que está deitada sobre um lençol como se estivesse sobre um leito e que ia cair. Tentou agarrar-se a um dos pilares, mas o mínimo movimento era perigoso. Nesse momento uma mulher trajada em branco, - com vestido de noiva talvez – caía em redemoinho e se arrebentava no solo:

Eu me dizia: é a minha mãe. Mas não era exactamente eu quem o dizia: antes era um personagem que eu encarnava. Eu me afastava, e me punha em pé e encontrava Sartre e meus camaradas, eu anunciava: Minha mãe acaba de se matar” sem nada sentir, como se eu representasse um papel (...)” (Beauvoir, 1972: 157).

Durante a doença final e a agonia da mãe, ela conta que passou o inverno todo a escrever e que todas as noites via a mãe em sonho: “Ela estava viva e às vezes eu me maravilhava que a tivessem conseguido salvar; mais frequentemente eu a sabia condenada e eu tinha medo.” (Beauvoir, 1976:168).

Como se vê os dois sonhos apresentam elementos de agressividade, matar, matar-se, medo e culpa consequentemente (“não era exactamente eu quem o dizia”).

Mais certo será dizer que manteve-se entre ela e a mãe um tipo de *hainamour*, usando o neologismo lacaniano para falar em amor-ódio que tornou difícil o luto.

Simone de Beauvoir afirmava que havia entre ela e Sylvie uma relação de amor e rejeitava que fosse chamada de lesbianismo pois não mantinham relações sexuais genitais. Para o raciocínio desenvolvido no presente trabalho isso pouco importa. Havia de facto uma relação com “o mesmo”, homossexual, portanto. Ou *hommossexuelle* como sugeriu Lacan, em mais uma de suas muitas paródias conceituais com a língua francesa.

Simone possuía o Falo: uma obra, a fama, o dinheiro dos prémios (em 1975 recebeu o prémio Jerusalém, antes recebido por grandes homens como, por exemplo, Bertrand Russell, Max Frisch, Jorge Luis Borges etc). Ela podia garantir as viagens, uma vida sem preocupações para sua companheira. Ela tinha em Sylvie o feminino, a beleza da pele, os recortes de *objecto a* que ela buscava. Christine Laznik explica a posição de Beauvoir no grafo da sexuação de Lacan:

Nós propomos pois pensar que esta mulher, chegada à menopausa e a uma certa forma de poder, na sua relação com aquela a quem ela dará seu nome, se encontra do lado esquerdo, masculino da fórmula da sexuação. Ela se apoia no seu poder fálico- no que ela se assume homem (*fait l’homme*) – para acentuar em sua companheira, do lado feminino da fórmula, os charmes e atracções próprios ao seu sexo. Mas sua identidade feminina não se perdeu portanto, pois ela a reencontra nessa companheira na qual se sente reencarnada. (Laznik, 2002: 366-367)

A relação amorosa com Sylvie durou até ao final da vida em 1986. E mais: Beauvoir a adoptou como filha (modelo Sartre) e a tornou legatária testamentária de sua obra. Não quis que a sua relação fosse rotulada de mãe-filha: disse que se tratava de uma espécie de casamento. A jovem passou a chamar-se Sylvie Le Bon de Beauvoir. Lanzmann também acompanhou Simone até ao fim ajudando-a em tudo, como um grande amigo.

5 - CASOS CLÍNICOS

Nel mezzo del camin di nostra vita

Mi ritrovai per una selva oscura

Que la diritta via era smarrita

Dante Alighieri, *La divina commedia*

5.1 – Dentro da clínica: variações em torno de um tema

Os postulados teóricos aqui apresentados nos levam a algumas conclusões operacionais que serão aproveitadas enquanto alavancas para examinar casos concretos e para lançar para frente uma pesquisa que apenas começa.

Assim é que podemos levantar a hipótese de que no feminino do ponto de vista biológico, exterior ao aparelho psíquico, permanece um elemento anatómico inexorável, as hormonas, que, na meia idade, ao cessar de se produzir retiram da mulher aquilo que lhe haviam dado, a capacidade de procriar, a sua força, a sua falicidade. Foram as hormonas também que, no tempo certo, na adolescência, deram-lhe seios, formas arredondadas, pele fina sem pelos, em resumo atracção física. A sua ausência torna-se uma ferida narcísica e já aqui ingressamos na realidade psíquica que é a que nos interessa.

A ausência dos atractivos poderá ser compensada ou bem por um olhar que edifique a mulher como ser sexuado feminino, ou mesmo por diversos tipos de sublimação, para além da reposição hormonal substitutiva que ajuda no plano dos

sintomas físicos. A mulher pode ainda assumir um papel masculino eventualmente desejado anteriormente.

O homem não tem uma meno-pausa, ou seja, não perde por destino anatómico as hormonas. Pode perdê-las por motivos diversos, doenças *stress*, problemas emocionais.

Para examinar, do ponto de vista emocional, os fantasmas que fazem sintoma na menopausa foi proposto o exame em especial do objecto mãe. Ou seja, dizendo de forma mais directa a mãe, na menopausa (e não só) faz sintoma.

Este postulado foi sendo confirmado à medida que tomávamos conhecimento dos casos clínicos.

Os casos clínicos tomados com exemplares foram colhidos num estágio na Clínica de Menopausa da Maternidade Alfredo da Costa em Lisboa. Foi-me permitido “colher dados” para minha Dissertação de Mestrado. Assim durante um semestre facultaram-me assistir às consultas de ginecologia e a fazer atendimentos na área psicológica. Durante os meses em que assisti às consultas apenas uma paciente mostrou-se bem do ponto de vista emocional e somente uma havia tido um distúrbio psicótico, sendo atendida no Hospital Psiquiátrico Júlio de Matos. Todas as demais queixavam-se de depressão, insónia, dores de cabeça, falta de concentração, memória em declínio etc. Uma insatisfação perpassa as mulheres em geral. Evidentemente as mais insatisfeitas terão mais queixas.

As médicas, em especial Doutora Ana Fatella e Doutora Amália no final das consultas explicavam às pacientes que a colega ali presente se dispunha a recebê-las no gabinete de psicologia da mesma instituição a fim de que elas pudessem falar de

seus problemas emocionais. As que aceitaram a minha ajuda foram sete. Atendi-as durante cerca de um semestre, algumas mais.

Dentre essas selecionei quatro casos que me pareceram paradigmáticos para este trabalho.

5.2- Experiências

Antes de apresentar os casos por mim estudados, penso que é importante ceder a palavra a outras experiências no campo: trata-se de um trabalho feito em São Paulo, Brasil, pela psicóloga/psicanalista Eliane Marracini. Tive acesso a essa experiência primeiro através da leitura da Dissertação de Mestrado (2001) da colega e posteriormente pela publicação em livro (2002): *Encontro de mulheres. Uma experiência criativa no meio da vida* e de artigos.

Trata-se de um trabalho de grupos de mulheres, feito no âmbito universitário na clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, organizado pela psicanalista citada, numa dinâmica de psicologia de grupo.

É importante salientar a questão que surge ao organizar grupos: as mulheres que acorrem aos mesmos, procuram entre pares, serem reconhecidas e ventilar dificuldades por que passam nesse período de vida.

Uma das constantes é a busca de identidade. Diz uma das participantes:

“Clara: -Eu ouvi que, num certo período da vida, a vida nos dá coisas, e chega uma hora em que começa a nos tirar e acho que essa hora chegou... Achei que essa hora nunca ia acontecer...”

A autora salienta que as mulheres discutiram amplamente a perda da capacidade de reprodução, muitas vezes de forma deslocada, o fim do ciclo menstrual como algo extremamente estranho. A histerectomia ou a ooforectomia, cirurgias a que algumas senhoras se haviam submetido causavam, sem dúvida, reflexos nem sempre conscientemente percebidos.

O envelhecimento destaca-se como *leit motif*:

“Vera: _ Você pega uma fotografia da sua mãe, maravilhosa, e aí você fala: o que Deus fez com essa mulher? De princesa você vai virando bruxa.” (Marracini, 2001: 54).

Por se tratar de um grupo de mulheres que se reúnem em torno de um tema, ou seja, de um tratamento focal, as falas seguem-se sempre em torno do assunto: a mãe, o pai, os filhos, os cônjuges, ou a inexistência do cônjuge, as mulheres solteiras, separadas, ou viúvas, as dificuldades, as reformas, os desinteresses, as doenças, mormente o cancro, o sexo. Segundo a autora “O relacionamento sexual foi menos discutido no grupo do que os aspectos afectivos da relação amorosa” (Marracini, 2001:69). Conseguir manter o vínculo era o que o sexo poderia fazer e isto as preocupava para além das dificuldades.

Essa interessante experiência de duração limitada teve um alcance bastante positivo, sensibilizando as participantes, estabelecendo, através da discussão e troca de experiências, sob a condução da terapeuta uma maior confiança e segurança para vencer obstáculos.

Diferente foi a opção de trabalho feita por mim, na Maternidade Alfredo da Costa. Optei por um atendimento individualizado, pois interessava-me aprofundar o

que acontecia do ponto de vista da realidade psíquica, dos fantasmas, nesta fase da vida e que tanto afectava à mulher.

Por ser um atendimento individual e por deixar a palavra livre, e mais: por não ser enfatizado, nem obrigatório o foco “menopausa”, as senhoras, ao penetrar o consultório, já não falavam no assunto e sim nas suas dificuldades, nos seus anseios, nos medos, nos ódios e indiferenças, nas suas dificuldades, mormente em relação às mães etc. Coube a mim raciocinar em torno dos dados colhidos para montar um modelo dessas dificuldades relacionadas com o meio da vida e as hipóteses do inconsciente a elas ligadas.

A psicanalista francesa Martine Lehide, em sua conferência no Congresso da Association freudienne internationale, “La demande d’analyse à la ménopause” (Paris, 2002) trouxe à tona essa mesma constatação. Diz ela que nenhuma paciente ao penetrar o gabinete de psicanálise dá como causa do pedido de análise, a menopausa. Outras coisas serão evocadas. Há uma posição subjectiva particular. A procura da análise tem uma causa que se situa no inconsciente. Lembra que nesse *tempo lógico*, do meio da vida algo não é operante, ou seja, o desejo não é mais sustentado pelo objecto A, o grande Outro (como vimos no item 2.1.4 deste trabalho).

Ainda coincidente com meu ponto de vista, diz a colega que há nesse momento “um retorno à mãe”. No pedido de análise esse liame pré-edipiano é a primeira chave a analisar. Repetição e corte, algo se faz novo. O corte deve ir além do biológico. O corte implica uma revisão. Revisão do que causa uma possível queda. Sugere aqui a identificação massiva à posição de menina edipiana. Essa identificação tornar-se-ia obsoleta. Diz ainda que na mulher que se dirige à consulta psicanalítica, a mãe (a identificação) faz retorno como real.

Por sua vez, a psicanalista Michèle Lachowski (“Ne pas vouloir, ne pas pouvoir”), no mesmo Congresso, sublinha o medo de “não ser mais”. Eu quero, mas eu não posso. É grande a ameaça das palavras, a ambivalência. Muitas querem ter uma gravidez, pois, como dizem, é um momento em que poderiam aproveitar melhor. Na França – como em Portugal, ou onde quer que haja uma classe média alta, ou ainda simplesmente em se tratando de mulheres que ascenderam social e profissionalmente, muitas dessas senhoras não querem ter filhos aos vinte, trinta anos em função da carreira, de viagens etc. Quando aos quarenta anos encontram um companheiro adequado e desejam finalmente ter um filho, faltam as regras, elas vão a uma consulta ginecológica, seguida de exames e o que constatam é que entraram na menopausa, ou que um tumor as impede. Ela não está mais no livro em que desejaria estar... No imaginário das pacientes isso não é simples.

5.3 - Casos clínicos examinados

a) - Creuza: a paixão incestuosa que “mata”

Partiu de uma consulta ginecológica na Maternidade Alfredo da Costa, como já foi explicado, onde actuei em função de colher material para a Dissertação de Mestrado.

Dona Creuza 56 anos. Menopausa aos 52 anos. Escolaridade 10º ano. Reformada. Classe média.

Queixava-se de tudo: depressão, irritabilidade, falha de memória, insónia. Tem dificuldade com o tratamento hormonal substitutivo. Tomou Premarim só durante oito

meses. A ginecologista vai tentar outro tratamento, tendo em vista que ela já extirpou um caroço do seio.

Fora da consulta ginecológica vim a saber de suas outras queixas: um reumatismo bastante doloroso que afecta a coluna dorsal, impedindo-a de sentir-se bem, quando parada, seja em pé ou sentada ou, ainda, ao deitar-se. Nas mãos o reumatismo é deformante. Sofre permanentemente de diarreia etc. Deslocamento do maxilar. Zumbido no ouvido sintoma que apareceu no mês de Maio. Toma calmante, ministrado por um neurologista de sua confiança que a vem acompanhando.

Ainda na consulta de ginecologia: revelou que perdera o filho mais novo (com vinte e um anos), havia oito anos, portanto, dois anos antes da menopausa. Percebi pela emoção ao falar do filho, que não havia feito o luto normalmente. Continuava a se queixar como se tivesse sido há muito pouco tempo: chorou muito e afirmou que foi o seu marido quem lhe havia dado alguma força para enfrentar aquele momento. Segundo ela o marido havia sido incansável. Foi-lhe oferecido um acompanhamento psicológico ela aceitou como algo de que precisava muito.

Entrevistas do dia 03/02/2000 e do dia 10/02/2000

Creuza foi à consulta no dia marcado. Ao final da segunda entrevista combinei de atendê-la uma vez por semana e estabeleci um atendimento de 15 sessões, fora as duas entrevistas iniciais. Ao todo dezassete.

Começa falando na grande culpa que sente em relação aos filhos (um vivo o mais velho, Ricardo José e o falecido, é o Frederico José). Sente não ter sido tão boa mãe quanto devia. Os filhos, com oito e seis anos já tinham a chave de casa. Chegavam sozinhos do colégio e ficavam sozinhos até ela chegar. Ela tinha um cargo

público de responsabilidade e não faltava por nada.. “Devia ter faltado mais, devia ter levado meus filhos ao médico mais”, diz ela.

O Ricardo José era mais centrado e não queria saber das dificuldades do irmão. O Frederico José, alcunha Nunocas, o caçula era mais frágil. Teve gastrite e sofria sempre de muita azia.

Já jovem passou a frequentar discotecas nos fins de semana e bebia muito. Ela sempre dizia-lhe: “Filho, pára de beber, tu ainda me dás um desgosto grande se tens uma cirrose. Ainda morres e – e eu não vou aguentar.

“Eu sou forte, dizia ele, não te preocupes”

Ela: “Tu sabes o que é uma cirrose? É uma doença que destrói o fígado”. Em seguida ela sonhou que o filho havia morrido, um mês antes de ele ter efectivamente falecido. Morreu de repente, fulminantemente com hepatite B e ... cirrose..

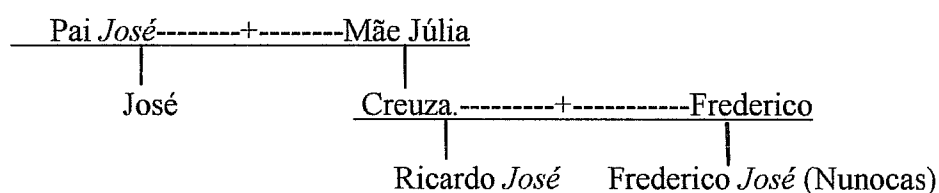
Pelo que ela diz terá investido muito nesse filho. Relação de amor muito próxima “Ele ia à cozinha, ajudava-me. Ele me pegava ao colo, eu dizia: vais-me deixar cair! Ele dizia: “Eu sou forte”.

O marido muito fechado. Fechado em tudo. Não seguia os filhos, nem sequer nas lições de matemática, dizia que já não sabia aquela matéria, que pusesse um explicador. Até mesmo fisicamente o marido se fecha: no escritório onde trabalha não há janelas abertas, todas têm persiana, tudo fechado.

O marido é dono dela (eu sugeri a expressão e ela aceitou muito bem). Assim como o pai era dono da mãe. No momento não permite que ela trabalhe em lugar algum, salvo no escritório dele, ou que faça o curso de decoração que ela gostaria de fazer e que é pertíssimo da casa dela.

Creuza nasceu e viveu em numa vila perto de Lourenço Marques (Moçambique). Veio para Lisboa já estava há algum tempo casada. Nessa altura os filhos tinham cinco e sete anos. Ela afirma que o mal foi ter ido morar em Queluz, porque o marido quis, porque lá viviam parentes seus que nunca deram nenhuma ajuda.

Na Segunda entrevista falou da família de origem. Para facilitar:



José, o irmão - cinco anos mais velho que Creuza. Deixou a família aos dezoito anos. Muito levado, quando criança.

A mãe, muito bela - Creuza trouxe uma foto, fez questão de que eu a visse - exercera sempre um grande fascínio sobre ela. O marido, ou seja, o pai de Creuza, a mimava muito. Entregava todo dinheiro a ela. Mas era “dono” dela. Inclusive não permitiu que ela continuasse a exercer uma actividade caseira de bordado e artesanato de flores que fizera desde jovem.

A mãe da paciente era indiferente com os filhos. Não os defendia, inclusive. A única manifestação pública de carinho, foi ter preparado uma festa, ao mesmo tempo de baptizado e de primeira comunhão para os dois (uma festa só). Creuza lembra-se também de uma vez ela ter-lhe trazido uma boneca de louça, quando se ausentou. O pai era carinhoso com ela, mas o amor dele era a esposa que ele punha “nos píncaros”, segundo o relato da paciente.

Assinalei uns quantos elementos que se repetem e outros que se cruzam:

Pai e irmão nome : José dois filhos de Creuza.: Ricardo José e Frederico José - nomes duplos mantendo o José emblemático do pai da paciente, ou bem, as insígnias do pai. Além de manter o primeiro nome do pai dela, ela também manteve o nome de família do pai que é um nome, na opinião dela, bastante feio que envergonhava os filhos a ponto deles o omitirem.

O pai de Creuza era pai da mãe. O marido de Creuza é, igualmente, pai dela (ou “dono”, como eu sugeri e ela aceitou).

A mãe era muito bonita e coquete. Creuza não é bonita como a mãe, mas tem uma figura razoável, mais para atraente. Ela afirma que também tinha sido coquete (antes da menopausa): “antes eu gostava de vestir uma camisola transparente e de dançar para meu marido”. Depois da menopausa afirma que lhe passou o desejo. É esquiva com o marido (as palavras são ambíguas, visto que posteriormente ela vai mostrar que nunca investiu nele). Ela faz uma projecção, ao inverter, dizendo que tem medo de descobrir que ele não tem mais desejo que vai ficar impotente.

Constatai que o modelo dela de mulher bela, é loura alta e de olhos claros, como a mãe; o seu objecto de fascínio é, portanto, a mãe (em termos lacanianos é o objecto pequeno outro: “*a*”). A fórmula do fantasma estaria atravessada por esse objecto inalcançável, até porque não se situa numa realidade palpável e sim na fantasmática. Do ponto de vista da resolução edipiana, fica uma falha: ela não repõe o pai (dela) no funcionamento com o marido (falha narcísica nela), a culpabilidade edípica a impede. Ela desejou o pai, mas a mãe, a grande rival, sempre foi insuperável (sempre foi posta nos “píncaros”).

Agora tem 36 anos de casada: não sabe se gosta do marido. Faz uma clivagem muito grande do objecto. Tem a fantasia de que com outro seria mais aliciante. Entretanto confessa que nunca teve nenhuma paixão fora do casamento que tem muito cuidado com o próprio corpo e que a horroriza deixar um homem que ela não conheça possa tocar no seu corpo.

Reconhece-se aí a *histérica*, sua negação a desistência ao nível do *eu* e do *isso*. Ela evita o conflito com o feminino, porque há uma mulher que a venceu sempre nisto: a mãe. Entretanto o conflito com o feminino se faz presente e se acentua com a ameaça da menopausa.

O pai fascinado pela mãe bela não tem cuidados nem carinhos com os filhos. Não se coloca como um pai ideal, ao contrário deixa o seu lugar vago. Por essa razão não é difícil constatar a dificuldade da analisanda em aceitar a castração simbólica, em sair do Édipo pacificamente. A paciente vai ao consultório para conservar o seu sintoma, o seu gozo patológico. Tudo isto se constatará com a continuação da terapia.

Sessão de 10/02

Creuza foi atendida em meu consultório, em casa. Tive que mudar por causa do horário da MAC que não me permitia atender às sete senhoras (restringia a no máximo, quatro).

Chegou dizendo que tinha algo a me revelar, cercou a revelação de uma certa aura. Mas não falou logo.

O facto de eu ter oferecido o meu espaço favoreceu a “revelação” de um segredo que ela guardara até então, algo que era importante para ela. Pierre Fedida

afirma que o local onde se recebe, é o corpo do analista e isto é a marca da transferência.

Antes da revelação do segredo falou do seu casamento e do namoro. Disse que o pai não permitia nem sequer que ela andasse de braços dados com o noivo. Ela nada sabia de sexo. Com o irmão nunca conversou, com as amigas que eram poucas (porque só se dava com as meninas brancas) ela brincava de boneca. Daí (ao nível consciente do relato) a lua de mel ter sido um fracasso.

Afinal a revelação do dia era que o marido era *malaio*, mestiço, e ela se arrepende muito de ter casado com ele. Disse “eu não sou racista, mas...” Eu disse-lhe: “A Senhora. acaba de me dizer que é racista”. Ela concordou. “Está bem, eu sou racista, mas as pessoas em geral dizem que não são, mas são”. Com o passar do tempo, segundo ela, isso se foi acentuando. Perguntei qual era o signo de malaio nele, ela disse que era o nariz mais largo na base. Ela repete: “Bem que minha mãe até o último dia, antes de eu me casar, me avisou: “se queres desistir tem que terminar agora, ainda é tempo. Depois não podes mais te arrepender”.

Reflectindo em torno desse importante significante que será repetido durante todo o tratamento, verificamos que é *ma-laio*, ou seja de “*má laia*”, de má extirpe, de outra extirpe, o que aponta para o problema da rejeição clara da analisanda da exogamia.

Nascimento do segundo filho, o Nunocas foi terrível: cercado de muita tensão, parto muito difícil. “Culpa do marido”. Aqui é o lugar onde emerge a rejeição clara do objecto. Ela sentiu um verdadeiro pânico de que esse filho saísse semelhante ao marido, de “*má laia*”. Creuza. aboliu o nome do pai durante a gravidez desse filho.

A rejeição da criança se deu, ao nível consciente, portanto, porque ela achou que dessa vez o filho ia nascer com cor e traços malaios. Ficou tão tensa que o parto foi horrível e a criança permaneceu sete dias na incubadora, não o mostravam e ela pensou que ele havia morrido. Essa foi a primeira morte desse filho, porém foi a definitiva, uma vez que se inscreveu na criança o desejo de morte da mãe. O trabalho de Frida Reichman fala sobre a mãe hiper-protetora e rejeitante. A psicanalista Nicole Stryckman fala do desejo de filho (diferente do querer filho) na mulher e mostra como este pode ser atravessado por inúmeros fantasmas, mecanismos inconscientes, portanto. Esse desejo seria a tentativa de um encontro impossível de satisfação, que se confunde muitas vezes com desejos incestuosos e mortíferos. Mostra quão complexo é esse desejo, que ele pode ter quatro facetas: o filho de sonho, o filho louco, o filho morto e o filho sujeito³⁴.

Esse segundo filho de Creuza havia sido condenado a ser *malaio*, ou seja, rejeitado antes mesmo de ser. Foi dado a ele o nome do pai e do avô Frederico José. Mas ficou conhecido pela alcunha de Nunocas (diz a mãe que ele gostaria de chamar-se Nuno).

Daí em diante ela irá em muitas sessões lamentar ter casado com um malaio, embora o marido seja branco até mais que ela, como diz, seja um homem bom, cumpridor dos deveres, trabalhador e que gosta muito dela. Só tem o nariz um pouco mais largo. Perguntei o que tinha isso, ela respondeu que, quando estão lado a lado na rua ou num *shopping*, as pessoas olham para ele e para ela. Novamente a questão da projecção.

³⁴ Nicole Stryckman. O desejo de filho no homem e na mulher. *Psicanálise e clínica de bebês*. Curitiba: Associação Psicanalítica de Curitiba, ano IV, n.4, Dezembro 2000: 91-108.

Depois ela contou uma aventura do marido com uma colega de trabalho. Os filhos na época tinham 8 e 10 anos. Creuza interceptou o marido com a outra e ele confessou, chorou muito, ela também e ficaram juntos. Chegou a dizer ao filho mais velho: “Ricardo o teu pai vai nos deixar”. O menino não deu ouvidos a ela. Pensou em se suicidar, chegou a armar mentalmente a cena, seria com gás, mas passou por um lugar onde estavam os filhos, e voltou para casa com eles e desistiu.

A velhice da mãe foi terrível, marcada pela culpa da filha. Ficou viúva e causou muitos aborrecimentos ao vir morar com a filha em Lisboa. Ela tinha um péssimo feitio. O marido de Creuza não se deu bem com a sogra e ela mesma reconhece que a mãe era impossível. Mas de qualquer modo acirrou nela a vontade de se separar do “malaio”.

A mãe saiu da casa dela e foi morar com o irmão, o José, que mora em Lisboa. Mas este também não a suportou e finalmente puseram-na num pequeno apartamento. Creuza tinha dificuldade de ir visitá-la de estar perto de sua decadência. Morreu sozinha. Quando Creuza chegou encontrou-a desmaiada no chão e morreu em seguida. Sua culpa tornou-se muito forte, ela havia abandonado a mãe.

Mal génio, mãe difícil. Creuza acentua a identificação com a mãe: racismo incapacidade de se doar no amor. Repete sempre que devia ter ouvido o conselho da mãe e não se ter casado com o malaio. Ao mesmo tempo reconhece que a mãe era uma pessoa de convivência impossível.

Sessão de 20/02

Creuza devia ter vindo na 5ª feira como de costume, mas “esqueceu-se”. Mudou mentalmente nosso encontro para 6ª feira e convenceu-se de que estava certa.

Ela teria esquecido para não lembrar que tinha ficado muito próxima (com a “revelação”). Assim criava outra vez uma distância de resistência.

Fiquei à sua espera e no final do tempo telefonei-lhe e ela ficou passada por ter esquecido. Queria que eu a atendesse no dia seguinte (6ª feira) e eu disse-lhe que não era possível que tinha outros compromissos. Concordei em atendê-la na segunda feira tendo em vista que eu ia viajar no dia 23 e já não a veria por três semanas. Ela disse que podia ter vindo na quinta-feira, mas esqueceu.

Começou a sessão de 2ª feira dizendo que o marido a aborrecia muito porque nunca queria falar sobre a morte do filho, do Nunocas querido dela. Ele dizia que lá vinha ela com aquele assunto e que ele não queria mais falar naquilo que tinha acontecido e pronto. O Ricardo filho mais velho também não quer falar. Ela insiste sempre. Revelou-me que acha que não gosta do marido, que ele, sim gosta dela. Perguntei-lhe porquê e ela disse que o acha culpado pela morte do filho. Sempre foi um pai ausente, não conversava com o filho, não os acompanhava. Podia ter dito para o Nunocas não beber tanto, para usar preservativo (antes de morrer ele revelou que não usava) e hepatite B é uma doença sexualmente transmissível.

Aproveitei, então, para interpretar a transferência: mostrei-lhe que havia uma grande ambivalência nos sentimentos dela. Ela não gostava do marido porque é malaio, mas casou-se com ele e era inteiramente dependente dele. Por outro lado, havia uma parte dela que gostava de vir ter comigo às sessões, mas havia outra parte que havia esquecido de vir na 5ª feira.

Quanto ao marido ser culpado da morte do filho, mostrei-lhe que ela também se sentia culpada e, quem sabe, queria transferir a culpa para ele.

Perguntei-lhe como era o pai dela. Ela disse que ele era óptimo com ela, muito carinhoso. Perguntei-lhe – talvez por um ditado do meu inconsciente – como era esse mesmo pai com o José, irmão dela. Então surgiram revelações incríveis: o pai era um torturador do irmão. José quando muito pequenino comia terra do quintal. O pai o “curou” levando-o para a farmácia onde ele trabalhava e o colocou no quintal para brincar. Ele começou a comer terra. Então o pai o colocou amarrado a uma cadeira com um balde de terra à frente e o obrigou com chicotadas a comer toda a terra do balde. Daí em diante nunca mais comeu. José foi sempre muito rebelde e já jovem ele falou para a mãe “vai à merda”, então o pai deu-lhe uma surra de pisar no peito dele e deixá-lo todo ferido e com a roupa rasgada. A mãe assistia a tudo sem interferir. Ela disse que tentou entrar no quarto onde o pai batia no irmão, mas estava fechado e ela não conseguiu. Mas ela não demonstra ter sentido nenhuma revolta contra o pai. Nem nessa vez nem em outras. O que me leva a pensar que de certo isso a fazia pensar que ela era amada e o irmão, não. (Aqui deve-se conferir o texto de Freud de 1919: “Uma criança é batida”). Desse modo ela podia livrar-se do ciúme que sempre tivera desse irmão que saíra parecido com a mãe, louro de olhos claros. Desse último momento em diante o pai arranjou um emprego para o José fora daquela cidade e ele nunca mais voltou para casa. Nem mesmo para o funeral do pai.

Perguntei-lhe se não achava que se comparasse a “indiferença” –alegada por ela - do tratamento do marido em relação aos filhos com a crueldade do pai em relação ao filho, José, qual era pior? E nem por isso o José havia sucumbido. Onde a acusação de culpa do marido em relação à morte do filho ser improcedente. Percebi a condescendência dela com o pai, e a exigência com o marido a ponto de culpá-lo pela

morte do filho. Sei que essa observação não rende, pela questão dos sentimentos dela estarem totalmente causados pelo inconsciente.

Sessão de 16/03

Dona Creuza faltou, mas veio à minha casa pessoalmente dizer que não viria (nota: ela tem o meu número de telemóvel e não o usou). Meu marido atendeu à porta, pois nesse dia a empregada havia faltado. Eram três horas da tarde (a sessão é às cinco e meia). Disse ela que tinha ido buscar o resultado de exames e que estava muito cansada, por isso não viria.

Essa ida da paciente à minha casa fora de hora, reveste-se do aspecto transferencial. Pois foi exactamente numa hora que correspondia àquela em que os pais faziam a sesta e que muitas vezes ela detectou que eles tinham relações sexuais. Muitas sessões após esta ela contou que os pais a deixavam nessa hora com um amo, jovem negro que eles chamavam de “moleque”. Certamente a sua libido se exacerbava, ali entregue ao moleque enquanto os pais se regalavam em sua relação amorosa “branca”. Ao ir a minha casa naquela hora, ela estaria provavelmente conferindo se eu também me estaria a regalar com o branco, enquanto para ela só sobrava o malaio.

Sessão de 23/03

Hoje ela chegou muito cedo, meia hora antes da sessão. Minha empregada a atendeu e ela ficou na sala vendo televisão. Pensei em levantar a questão da falta dela na semana anterior, mas achei melhor aguardar o momento propício.

Ela chegou muito bem disposta e bem vestida e disse que ia muito bem, que estava se dando otimamente com o marido, que o achava muito bom para ela e que ninguém era melhor, que todas as fantasias que tivera eram bobagem.

Depois disse que estava muito contente porque finalmente no seu emprego (ex.) haviam feito uma festa de homenagem à sua saída, pela reforma. Ela há muito esperava esta festa e só agora fizeram-na. Disse que o marido era muito bom porque a havia acompanhado e “aguentou-a” naquela semana da festa e deu-lhe força. “Só ele faz isso mais ninguém, não há amigos, as pessoas são todas falsas”.

Eu então aproveitei para pontuar as ambivalências: disse-lhe que havia uma contradição na fala dela, pois se no mesmo dia em que ela me mostra que os colegas de trabalho tinham organizado uma festa para homenageá-la que tanto lhe agradou, ela vinha dizer que todos eram falsos. Ela respondeu que se calhar, tinham dado a festa para ficar comentando depois. Aproveitei novamente para analisar a transferência: disse-lhe que quem sabe ela achava que também eu não era fiel a ela, pois tinha me ausentado de Portugal e que talvez não a atendessem mais. Ela disse que não tinha pensado nisso.

Depois ela falou novamente no marido: que ela foi escolher uma roupa para comprar para a tal festa e que telefonou para o marido a fim de consultá-lo se podia comprar a roupa que custava trinta contos. Ele achou caro demais e sugeriu que ela fosse à Baixa que procurasse mais. Ela então desistiu de comprar uma roupa completa porque tinha gostado daquela que ele não aprovou. E acabou não comprando aquela, mas, ao todo, gastou quarenta e dois contos, porque foi comprando e nada servia.

Eu fiz-lhe ver que se ela tem um salário dela, não tinha que consultar o marido para tomar decisões. Apenas tinha que pensar se podia ou não fazer aquela despesa.

Ela respondeu que ele é quem decide. Então eu insisti: então ele é seu “dono”? Ela respondeu, sim ele é meu dono. Como o pai era dono da mãe.

Nesse momento, ela fantasia uma dúvida: ela não sabia se a mãe gostava mesmo do pai.

Em seguida eu pontuei outra vez as contradições: - hoje ela havia chegado de bem com o marido, ele era um bom marido. Depois colocou a restrição de que ele era culpado de ela não ter comprado a roupa que ela desejava. Das outras vezes o marido era apontado como culpado de todos os males, até mesmo da morte do filho e do filho ter nascido frágil (porque, sendo ele malaio, por essa razão, teria ela tido uma terrível gravidez com medo de que o filho nascesse malaio...) Se ela não tivesse casado com ele!

Ela então repetiu tudo: que o marido não se interessava minimamente pelos filhos, que o Nunocas fez xixi na cama até 12 anos e que ele achava que isso ia passar. Não estava presente nunca. Ela achava que ele devia ter ido atrás do Nunocas – já adulto- para saber onde ele andava e se bebia muito.

Depois culpou-se novamente, dizendo que devia ter trabalhado menos, que os filhos ficaram muito sós. Que durante muito tempo nem telefone tinham. Contou então que numa ocasião (filhos pequenos) ela e o marido por coincidência pediram a instalação de um telefone no mesmo dia (sem saber um do outro). A TELECOM foi instalar no mesmo dia, os dois telefones pedidos, na casa deles. Um tinha o nome dela e o outro tinha o nome dele. Eles tinham que escolher qual ficaria. Os dois queriam o próprio nome, não chegaram a acordo e ficaram sem telefone. Mostrei-lhe o quanto era contraditório ela fazer questão de um nome e prejudicar a família que ficou sem telefone.

Nessa mesma sessão ela lembrou com detalhes o dia da morte do filho. Ele se sentiu mal, mas ela não pensou que pudesse ser tão sério. Depois pediu ajuda e ninguém pensou que ele estava tão mal. Às duas da manhã ele entrou em coma e não saiu mais. Eles o levaram para o hospital onde ele morreu em poucas horas. Ela chorou muito nessa sessão.

Na saída da sessão ela me perguntou como eu a definia e pediu conselhos.

Eu respondi que a minha tarefa não é essa, que só ela poderá descobrir quem é e qual o caminho que deseja seguir. Não sou eu quem tem que desejar e sim ela. Que eu apenas a ajudaria a ir-se descobrindo, ao fazer as associações com a fala dela.

Sessão de 30/03

Hoje Creuza chegou dizendo que o “Windows” dela estava acabando que ela não tinha mais nada a revelar. Eu disse-lhe que não se tratava de ela trazer às sessões algo revelador, que não era isso que eu esperava dela e sim que ela falasse o mais à vontade possível o que lhe viesse à cabeça, mesmo que não parecesse importante. Ela começou imediatamente a falar e foi difícil parar no final.

Ela voltou a falar no marido malaio que na rua e nos *shoppings* as pessoas olhavam para ele e para ela. Eu observei que se olhavam para ele, quem sabe o achavam bonito ou outra coisa (principalmente se eram mulheres que olhavam- ela confirmou que sim) E depois olhavam para ela para conferir o casal (acabei por dizer que ela tinha uma boa figura).

O aspecto malaio da figura dele concentra-se no nariz (como já disse e ela repete), pois de pele ele até é mais branco que ela. Depois que fiz a observação anterior ela passou a associar o nariz dela. Disse que detestava o próprio nariz e que

infelizmente ela não tinha saído parecida com a mãe (que era linda, com traços finos) e sim com o pai. Contou que há anos atrás chegou a ter uma cirurgia plástica marcada para o nariz e que na última hora desistiu com medo de ficar pior. Falou muito dos cuidados com a pessoa dela. Falou de uma prótese dentária que devia ter feito e que custava 125 contos. Na altura ela havia recebido 300 contos de indemnização da aposentadoria – portanto tinha dinheiro para financiar o próprio tratamento. Nada disso ela fez e o marido acabou por gastar o dinheiro em coisas sem importância, como comprar um telemóvel novo último tipo para ele e outro para o Ricardo, o filho. O dinheiro desapareceu. Perguntei como era isso. Ela disse que tem conta conjunta com o marido e que ele gasta o dinheiro como bem entende. O marido, o dono de tudo.

Ela passa a falar em vários dentistas brasileiros, todos muito competentes. / Eu pensei em analisar a transferência mostrando que certamente ela estava querendo me dizer que eu sou uma profissional competente, mas ela está com o “Windows” dela esgotado, como disse no começo da sessão e que por isso não esperava mais nada. Mas eu achei melhor não fazer essa interpretação naquele momento, aguardar.

Continuando: com os dentistas brasileiros, apesar de ela gostar muito deles, não conseguiu se tratar. Acabou por extrair o dente da frente e fazer uma prótese com um português, prótese que chamam de esquelética e que era tão ruim que ela perdeu e não a usou. Continuou a usar uma outra que não sei a procedência.

Lembrou de novo o curso de decoração que o marido não quer que ela faça e cujas aulas são bem perto da casa dela. Disse-lhe que ela precisava fazer valer o próprio desejo, inclusive de gastar o dinheiro dela como lhe aprouvesse.

Nesse dia de repente falou da mãe: disse que “se calhar quando a mãe a avisou de que ela podia desistir de se casar, na véspera do casamento, dizendo que ainda era tempo, não era por nenhum cuidado com ela mesma Creuza, (pelo noivo ser malaio, como ela havia dito) e sim porque, ela a mãe deixaria de ter a companhia dela para sair, passear na rua, as duas de braço dado. Teria sido por egoísmo. E que era um absurdo com o vestido de noiva ali pronto ela desistir.

No final da sessão, eu mesma lembrei-lhe que havíamos programado 15 sessões e que estávamos na 6ª sessão. Ela aproveitou para dizer que achava que não tinha mais nada a fazer ali, porque a vida era assim mesmo, que ela queria não ter nascido – que o que é que ela faz nesse mundo? Que tinha aproveitado já um pouco do tratamento e que achava que não havia mais nada a fazer, só se eu quisesse. Eu disse-lhe que ela é quem tem que desejar as coisas para ela. Propus então que voltasse 15 dias depois para conversarmos de novo e tomar decisões.

Disse-me ainda que ela compreende porque os jovens se drogam, porque realmente a vida não tem sentido. Fiz-lhe ver que os jovens que se drogam são uns poucos que têm sérios problemas. E que o sentido da vida nós é que lhe damos, inclusive a partir de nos ocuparmos com algo interessante e útil (como a decoração, a que ela gostaria de se dedicar).

Ela gostou da solução de voltar 15 dias depois e disse que de qualquer modo gostava muito de mim e queria ser minha amiga (conforme eu já disse). Ao que eu não respondi.

Sessão de 17/04

Na 5ª feira dia 13, como havia sido combinado, Creuza não veio, mas telefonou antes da hora e disse que estava muito mal de gripe e não podia vir. Entretanto ainda pelo telefone disse que tinha conseguido ter um diálogo com seu marido e que ele tinha afinal concordado que ela fizesse o que quer: o curso de decoração. Mas disse estava muito em baixo e que precisava muito encontrar comigo, se eu não podia recebê-la no sábado. Combinamos então para 2ª-feira e ela veio. Os assuntos foram variados. Começou dizendo que estava mal e eu lhe lembrei que afinal havia conseguido fazer valer o seu desejo, como me dissera pelo telefone. Ela disse que sim e contou a conversa com o marido com detalhes, inclusive que ele tinha tentado fazer duas chantagens com ela, uma dizendo que não era para a idade dela (o curso) e outra que então ela não faria mais nenhum trabalho no escritório dele (trabalho que ela costuma fazer esporadicamente). Ela então teve força para dizer que não senhor, que ela era tão dona do escritório quanto ele, pois eram sócios – fiquei sabendo ali.

Revelou que, entretanto, depois que havia conseguido isso, já não tinha tanto entusiasmo e nem sequer tinha ido fazer a matrícula (no curso de decoração). Associei outra vez o marido ao pai, a relação simbiótica que os dois casais mantinham (o pai e a mãe, ela e o marido). Ela disse que a diferença é que o pai punha a mãe “nos píncaros”, pois ela era linda e era tudo para ele. Enquanto ela, que queria ter saído à mãe, não saiu tão bonita. O pai era muito mais velho que a mãe e não era tão possessivo como o marido, em certo sentido, no sentido de, por exemplo, num baile deixar que a mãe dançasse com amigos dele. A mãe se vestia belamente com vestidos decotados, feitos por ela. Revelou também que quando já era moça percebia bem

quando o pai queria ter relações com a mãe. Que eles faziam sinais e iam para o quarto.

Mas afirma que não sabia nada de sexo, já jovem, e que via as moças se esfregando nos parques com os namorados e que depois elas apareciam grávidas. Que ela não queria que lhe acontecesse o mesmo e que não deixava o namorado tocar nela. Que a mãe sempre lhe advertia do perigo de deixar o namorado tocar no seu corpo.

Disse que só depois que deixou de trabalhar no emprego é que está se dando mal com o marido. Antes não tinha tempo de pensar que até se dava bem, contrariando o que aparentemente vem dizendo.

Hoje trouxe fotos da família inteira e me perguntou o que eu achava do marido. Eu disse-lhe que me parecia um ser humano normal, e que tinha uma boa aparência. No final perguntei-lhe se iria continuar, já que da outra vez tinha posto a questão de interromper o tratamento. Ela me perguntou outra vez o que eu achava e eu disse que ela tinha que saber se estava sendo bom para ela, se estava vendo que podia vencer as suas dificuldades então que continuasse. Antes disso lembrei a questão dos dentistas brasileiros e que ela deixou de fazer um tratamento que seria bom para ela e que, agora, também não sabia se queria ou não continuar o tratamento comigo.

Nesse dia ela disse ainda que o filho RICARDO diz que se ela não gosta do pai que se separe dele, que pode ir para a casa dele. Mas ela pensa “para onde eu vou”. Achei que nesse caso eu devia interferir e disse-lhe que não é caso nenhum de separação. Que ela não devia tomar decisões em tratamento.

Ela não se suporta e transfere a culpa dessa insatisfação histórica para o marido. Aqui fica patente a desnarcização em função da beleza da mãe e da ausência de carinho e cuidados dessa mãe que só pensava nela própria. Sobressai a má relação

com o objecto mãe, a dificuldade, a fantasia incestuosa dirigida ao pai, tendo como sombra a rival, não superada. O núcleo do problema está, pois na questão edipiana, por um lado e, por outro a questão da rejeição do filho dentro da barriga, pensando que ele ia nascer malaio quando o estigma de malaio é uma projecção dela mesma. Daí a culpa que carrega ser insuportável.

Sessão de 20/04

Creuza queixa-se muito da articulação do queixo e sempre lembra-se de que se tivesse feito o tal tratamento com o dentista brasileiro, teria sido bom e que, se calhar não tinha tido o problema da articulação. Lembrei-lhe que ela não luta pelo que quer pela realização concreta, ela fica só ao nível da reclamação e que a culpa recai sempre no marido. Mas, por outro lado, se o marido concorda com a realização de um pedido seu, em seguida o pedido perde o valor e ela se desinteressa por ele.

Contou-me que o marido recebeu um dinheiro grande e que se ofereceu a restituir os 300 contos da indemnização dela que ele havia gasto na época em que ela queria ir ao dentista brasileiro. Agora que ele tem possibilidades de lhe retribuir, já ela se pergunta que para quê esse dinheiro?

Falou na mãe que era muito linda que o pai a amou até morrer. No leito de morte disse a ela que ele ainda a amava muito. E que a tratava como filha, e, que de fato ela era muito mais moça que ele. A mãe era meio ríspida, não faziam carinho uns nos outros em casa. Ela não sabe fazer carinho nem num cão. Disse que o marido quando ainda era noivo pediu-lhe um dia que ela passasse a mão na cabeça dele, como se faz com um cão. O marido vai atrás dela, vai buscá-la. Convida-a sempre para

almoçarem fora a juntos. Hoje mesmo tinha ido à Baixa buscá-la para trazê-la aqui, ao consultório, porque estava chovendo. Eu salientei o quanto este homem gosta dela.

Sessão de 27/04

Nessa sessão falou de uma versão mais completa da morte do filho. Primeiro falou de vários acidentes que o rapaz teve antes da morte. Caiu, numa linha de combóio ao atravessar; uma outra vez caiu e partiu o nariz. No hospital em que foi atendido sugeriram que ele aproveitasse para fazer a operação de que precisava, de desvio do septo nasal, já que ia ter que fazer uma cirurgia para consertar o nariz. Ela aludiu ao facto de, talvez, ter sido nessa operação que afinal não era tão necessária, que ele tivesse contraído o vírus da Hepatite B, já que ele tomou transfusão de sangue. Depois disse que ele passava mal com frequência e que ela marcou médico três vezes para ele e que ele não foi. Depois já não deu para nada: ele passou mal, foi para o hospital e morreu. Os exames dele, cujos resultados ela recebeu depois da morte, segundo a enfermeira, continham valores de uma pessoa já morta.

Sessão de 04/05

Hoje Creuza falou muito da peregrinação que tem feito aos dentistas para encontrar um que fosse bom e que fizesse um diagnóstico sobre a articulação do seu maxilar. Chegou com um novo sintoma: zumbido no ouvido.

A dada altura em que ela falou que não sabia se confiava ou não confiava nos profissionais, eu achei que era hora de dizer “o que é que a senhora sente aqui, que pode ou não pode confiar neste tratamento?” Ela disse outra vez que estava a espera de que eu dissesse o que ela tem e eu novamente fiz-lhe ver que esse tratamento não

vai fazer nenhum diagnóstico, que se baseia na fala livre dela e que mediante as associações que ela mesma faz e para as quais eu chamo a atenção, eu pontuo, ela deve procurar entender-se. Que eu estava ali para ajudá-la a fazer associações, perceber coisas que se passam no presente e as do passado e que continuam a ter repercussão: por exemplo a ambiguidade dela em relação ao que quer, em relação à figura da mãe e do marido, onde eu vejo uma clivagem objectal total.

Falamos da mãe, da beleza da mãe e do amor do pai pela mãe. Eu fiz-lhe ver que ela tinha a mãe como modelo de mulher, de beleza. E que ela queria ser como a mãe bela e amada pelo pai, mas que ela ocupou sempre o segundo lugar, embora ela dissesse que o pai era carinhoso com ela. Mas o único exemplo de carinho do pai que ela dá, é que o pai quando ganhou na Totoloto ou semelhante deu-lhe um dinheiro, sem que a mãe soubesse, e disse-lhe que fosse ao cinema com a amiga dela, a Maria Helena, que convidasse a colega e pagasse para ela também e que não dissesse nada à mãe, pois se dissesse, a mãe iria querer ir com ela- ou seja uma vez na vida fez um pacto com a Creuza, deixando a mãe de lado. Talvez tenha sido o único momento em que ela se sentiu próxima do pai. A mãe saía sempre com ela de braço dado (ela frisa), afastando-a das amigas da sua idade.

Falou muito em beleza, porque ela não havia saído à mãe e sim o irmão que é louro de olhos claros (rivalidade já entrevista, embora ela negue, ou simplesmente não aluda). No critério de beleza entra o nariz em primeiro lugar, depois os olhos e o cabelo.

Acentua que não se conforma com o nariz que tem, e não se conforma de não ter feito a plástica que pretendia. Falou da beleza de uma brasileira que era secretária de um consultório e salientou que também eu era bonita, como se quisesse que eu não

ficasse triste de ela elogiar outra. Eu disse que não era isso que estava em questão. Talvez tenha explorado pouco a transferência nesse preciso momento.

Falou de um outro irmão do qual nunca me havia falado. Mostrei perplexidade, pois ela nunca dissera que tinha outro irmão. Contou-me que o pai quando deixou Portugal para ir para Moçambique, deixou em Portugal, em Viseu, uma mulher e um filho. Depois de muitos anos voltou e soube que a mulher lhe tinha posto cornos e foi, então, que se separou dela e logo conheceu a J., mãe de Dona C. A nova mulher, J., concordou em deixar a família e ir com o Senhor José para Moçambique, deixando a família de origem em Portugal.

O filho da primeira mulher, -Artur- foi criado por uma avó. O pai mandava dinheiro mas não quis falar mais nesse assunto. Ele não permitiu mais que se tocasse no assunto desse filho. Depois que o pai morreu, a Creuza encontrou um retrato de um rapaz com um bigodinho. Ficou sabendo pela mãe, dessa história, mas a mãe não permitiu que ela e o irmão o procurassem. Só depois que a mãe morreu, em 1985, é que ela descobriu o nome do rapaz que não usava o nome do pai, atrás do retrato no álbum. Procurou-o e agora são amigos.

Por algo que ela me disse, tornei a salientar o quanto o marido gosta dela. Na saída da sessão ela fez questão de me beijar.

Sessão de 11/05

Creuza faltou à consulta do dia 11/05. Telefonou para o meu telemóvel dizendo que estava com uma diarreia tão forte que se sentia fraca e não podia sair de casa. Telefonei mais tarde, à noite para saber se ela estava melhor, o que ela agradeceu muito pela minha preocupação.

Sessão de 18/05

Hoje dia 18/05, Dona Creuza veio uns cinco minutos depois da hora, diferente das outras vezes em que, ou vem cedo demais, ou falta.

Disse que tinha decidido ir ao neurologista que já a tratara, porque a sua ansiedade chegou a um nível insuportável. Ele então receitou-lhe Inderol 10 mg e Xanax 0,5 mg e mais um sonífero que ela decidiu não tomar porque ela sabe que é perigoso para quem tem apneia noturna. Um certo conhecimento dos remédios, ela me revelou que aprendeu com o pai que era farmacêutico. Ela disse que vai perguntar ao neurologista se pode tomar Kainewer que não tem efeitos secundários, em lugar do sonífero receitado

Falou que um outro médico foi maravilhoso para ela - um otorrino ao qual ela recorreu e que conversou muito com ela e que é muito bonito e elegante. Ela recorreu a ele por causa do um zumbido no ouvido. Ela imagina que esse zumbido tem como causa -ainda- ela ter tirado aquele famoso dente que teria deslocado a articulação toda da boca e que provocaria o zumbido também. Ela contou para ele como tem andado de médico em médico, ele disse que ela tinha que relaxar e parar de pensar tanto em médicos, que se ocupasse com algum trabalho que ela era muito jovem para estar reformada.

Ela gostou muito do que o médico falou. Em seguida, ele fez com ela uma revisão nos médicos todos a que ela tem recorrido, e disse que, para tratar o reumatismo, ela não tinha que ir a um ortopedista e sim a um reumatologista. Que ela não tinha que ir tratar da articulação do queixo, com os médicos dentistas especialistas nisso, pois a radiografia que ela levou dizia que ela não tinha nenhum problema, só

uma pequena artrose. Que esquecesse os médicos, mas que fizesse uma ressonância magnética para ele e que consultasse o reumatologista.

Ela fala muito em dinheiro. Diz tudo o que pagou nos médicos, que esse otorrino sim, valeu o que ela pagou. Fala nos restaurantes em que vai. O último em que foi com o marido, no dia das mães, comeu um cabrito que era pouco e que custou caro e que ela chegou em casa e vomitou. Eu puxei então para o facto de ela ter vomitado o que não lhe agradou, e que ela precisava pensar o que ela estava pondo para fora quando tinha a diarreia.

O assunto foi para a morte do filho. Ela disse que ele nasceu com o cordão umbilical amarrado no pescoço, todo roxo e que ficou 2 semanas na incubadora e que depois ele era muito difícil de se alimentar porque só o leite não se mantinha, ele vomitava. Precisava tomar o leite acrescido de uma substância para ficar pastoso e posteriormente passou a tomar com Cerelac. Que ainda na África ela se dedicava meio dia aos filhos, eles ficavam brincando no quintal perto dela e que o marido nessa época também estava muito presente. Quando veio para Lisboa, para Queluz, ela saía às sete da manhã e voltava às sete e meia da noite. Que eles ficavam sozinhos. Depois me contou que o Nanocas sempre pedia que ela contasse história e ela contava, rezava a Ave Maria de noite com ele e que lia as legendas dos filmes porque ele pedia. Quando adolescente ele convidava amigos, que eles ficavam tocando na garagem, ele sempre estava com amigos. Que ela e o pai deviam ter seguido ele para saber o que ele andava fazendo fora de casa. Que o marido a proibiu de segui-lo.

Eu disse-lhe que, pelo que ela estava me comunicando que ela era uma mãe que gostava muito desse filho e que o superprotegia, diferente do que fazia ao outro. Que não queria dar liberdade a ele nem em vida mesmo quando ele já era um homem

(quando quis segui-lo e o marido não deixou), nem na morte quando ela não pára de pensar que devia ter feito isso e aquilo, que se havia reformado para cuidar mais dele, quando o filho já tinha 21 anos.

Sessão de 25/05

Creuza. chegou contando um episódio vivido com o marido: domingo foram ao *Carrefour* pela manhã. Ela havia posto uma roupa leve e ele começou a querer que ela pusesse uma camisola de lã. Ela disse que não precisava e já se irritou e começou a falar alto que ele tomasse conta da roupa dele, e ela tomaria da própria roupa dela. Ele então deu-lhe um soco na perna e, em seguida um tapa no rosto, dizendo que não aguentava mais etc. Disse-lhe que isso era muito grave e perguntei-lhe se ele já lhe havia batido outras vezes pois, nós, seres humanos e falantes devemos resolver nossos problemas a partir da palavra, pelo diálogo. Então ela contou um outro episódio há três anos atrás.

Disse-me que tem uma agenda onde toma nota de tudo para mostrar ao filho. Dessa vez (no presente episódio) ela falou ao filho “teu pai me bateu, Ricardo”. O Ricardo respondeu que ela tinha que parar com isso de se queixar do pai. Que, se não se dava com ele, devia separar-se. Ele cuidaria da mãe.

Passei a fazer um balanço da relação dela com o marido e mostrei-lhe que ela o rejeitou desde o princípio e disse que inclusive ela havia prejudicado a gestação e o nascimento do filho Nunocas por causa da rejeição da figura desse marido. Disse-lhe que a criança havia nascido doente porque detectou a rejeição no útero da mãe. Que teve problemas alimentares que continuaram pela vida afora. Perguntei-lhe se havia falado ao marido sobre ele ser malaio alguma vez. Ela disse que nunca havia falado.

Mas depois confessou que quando esperava o N. disse-lhe que tinha medo que nascesse parecido com a mãe do marido, com a parte da família dele, que é malaia.

Falei da sua rejeição em termos sexuais e ela concordou. Colocou a culpa na menopausa e eu lhe disse que isso não era motivo para deixar de ter libido. Que quando as mulheres gostam de seu companheiro a libido se mantém. Ela completou dizendo que nem sequer faz um carinho nele, nem beijo. Lembrei-lhe o quanto deve irritá-lo as frequentes doenças dela, as queixas etc.

Dessa vez mostrou mesmo um certo ódio por esse marido. Ao menos colocou em palavras, o sentimento que tem de facto.

Ela contou que disse ao marido (na sequência da agressão física) que talvez já não vá morar na casa que estão a construir, que ele vai e ela fica no apartamento onde moram.

Ele disse que nem precisa esperar tanto, que talvez ele mesmo saia antes. Ela disse que ele anda muito nervoso.

Sessão de 30/06

Hoje foi o dia marcado para terminarmos o tratamento. Dona Creuza me telefona eram quase 16 horas (hora que foi combinada) e ela disse que iria chegar atrasada porque tinha ido tratar de algo relativo á DSE. Chegou meia hora atrasada. Eu abri a porta e ela me fez um elogio. Eu repeti o elogio e disse “porém abandonada”. E salientei que no dia em que nós combinamos terminar, ela se apressava a me abandonar.

Estava muito bem disposta, mais do que nunca. Disse que o marido tinha-a convidado a ir com ele à Baixa e que depois ele a deixaria no consultório, tendo em

vista que ele ia tratar de algo relativo à reforma antecipada dele e que ela podia aproveitar para tratar do assunto dela.

Disse que havia voltado ao neurologista porque tinha as mãos muito tremulas. O neurologista manteve os remédios já prescritos e insistiu com ela que tomasse o calmante específico para dormir. Ela o estava tomando há dois dias e que finalmente havia dormido bem duas noites e se sentia nova como antigamente.

Contou-me também que havia finalmente tido relações sexuais com o marido, depois de muito tempo. Perguntei-lhe como ela havia se sentido, ela respondeu que se sentiu bem.

Disse que o marido estava mais carinhoso do que nunca com ela, que segurava-lhe a mão e que oferecia-lhe dinheiro para ela comprar coisas para ela, levava-a a passear (aliás, como sempre leva) em qualquer lugar que ela quisesse ir. Por exemplo, no final da última semana ele a levou a Fátima e ela atribuiu à santa o facto de ela ter ficado boa do zumbido do ouvido que a infernizava.

Assim mesmo ela ainda repete que foi um erro ter casado com um mestiço. Que tantos rapazes a rodeavam lá em Moçambique e ela só foi se ligar a esse. Contraditoriamente, no mesmo momento, diz que já foi apaixonada por aquele homem (o marido) e lembrou a época em que quis se suicidar porque o marido teve uma outra.

Aparentemente ela deu uma espécie de trégua à sua ansiedade costumeira.

Disse-me que o neurologista havia dito que quem sabe ela estava mais ansiosa porque o neto ia nascer. Eu salientei que, conforme nós havíamos trabalhado esse assunto durante o tratamento, isto não podia ser causa da ansiedade dela, pois esta vinha de longe. Poderia ser, sim, consequência, já que ao vir uma criança ao mundo

ligada a ela, forçosamente reviveria factos passados. Mas agora ela já está conseguindo pensar no neto com mais carinho. Está planeando comprar os móveis de quarto etc.

Disse-lhe no final da sessão que não considerava o caso dela encerrado e que em Outubro, na minha volta, nós nos encontraríamos, para uma reavaliação do seu estado.

Na porta do consultório ela ainda disse que havia falado com o marido que a Dra. Selma havia dito que ela era extremamente ambígua e que ele respondeu que até que enfim alguém tinha falado uma coisa certa sobre ela.

No começo de Outubro, na volta das férias, telefonei-lhe e pergunto-lhe se não quer marcar uma revisão comigo e ela responde que quer sossegar um pouco ficar em casa porque vive de médico em médico e que marcará uma consulta comigo daqui a um mês – “peço mais um mês” disse-me ela. “Enquanto isso vou descansar”. Respondi-lhe que eu esperava poder ajudá-la e ela disse que sabia que sim, agradeceu e ficou de telefonar quando lhe convier.

Creio que esta paciente tem medo de continuar a tocar em zonas recalçadas e não está totalmente convencida dos benefícios da análise. Ela resiste bravamente. Uma vez eu consegui convencê-la de continuar, consegui quebrar a tal resistência e tivemos um seguimento bastante proficuo do tratamento. Agora com a minha ausência prolongada manifesta-se com mais veemência a sua resistência. Eu a abandonei, ela me abandona.

Passado mais ou menos um mês eu telefonei-lhe outra vez. Dessa vez marcou uma consulta comigo.

Sessão de *follow up*.

Veio à consulta. Disse que se sentia bastante melhor, que já não estava tão mal quanto antes. Estava fazendo o curso de decoração que era uma de suas demandas irrealizadas. Antes, como foi registado aqui, pensava sempre que era por culpa do marido que não fazia o curso.

Também estava fazendo hidroginástica e ginástica especial para vencer os problemas reumáticos. Continua com problemas com os dentistas.

Perguntei-lhe pelo neto que vai nascer e ela deu sinais de que continua na mesma em termos de apreensão em relação ao neto se vai nascer com traços malaios ou não.

Falou no marido que é muito bom para ela. Mas isso a incomoda, pois ela não pode dar um espirro que ele corre com uma caixa de lenços, pergunta se ela quer mais alguma coisa. Diz que não o suporta. Lamenta outra vez ter-se casado com ele. Conta um outro episódio de compra de roupa que ela compra e não gosta e que ele se oferece para ir com ela fazer a troca (isto aconteceu nesse mês passado). Ela aceita que ele a acompanhe, mas dá muitas opiniões e não a deixa livre na escolha. Como sempre, joga escravo e senhor com ele, para no final sentir-se vítima. Para me impressionar ela conta que a própria empregada da loja diz que ter um marido assim devia ser difícil.

Afirma que não tem tido mais relações sexuais com ele, que agora tem dormido na sala, inclusive, a propósito do facto de que no sofá dorme melhor por causa dos problemas da coluna. Em seguida explicou que dorme na sala porque agora não quer comprar um colchão novo porque está esperando a mudança para uma casa nova que estão acabando de construir. Há muita ambivalência no discurso dela.

Falou dos objectos que faz no tal curso de decoração. Disse que se gasta muito dinheiro para fazer esse curso porque requer muito material caro. Ela fala sempre em dinheiro e no entanto parece ser uma pessoa que tem uma relativa facilidade de vida em termos financeiros.

Perguntei pelo sentimento que tinha em relação à morte do filho. Lembrei-lhe de que, quando começou o tratamento, não havia feito o luto da morte do filho. Era muito dolorosa a lembrança, muito viva e permanente. Respondeu-me com muita calma, disse que isso já não a incomodava muito que se conformava agora com o que tinha de ser.

No final da sessão perguntou-me o que achava dela, se notava que ela havia melhorado. Achei que um balanço tinha que ser feito, nesse momento, em função de ser a última sessão de uma série.

Disse-lhe que me parecia que ela havia melhorado em alguns aspectos e em outros não. Que finalmente estava desenvolvendo uma actividade que sempre demonstrou desejo de fazer. Que estava se tratando fazendo hidroginástica e mais uma outra forma de ginástica, muito favoráveis a ela, estava tratando positivamente o reumatismo deformante das mãos. Porém, nas relações com o marido continuava numa dependência grande e numa rejeição também grande, acentuando a ambiguidade que já havíamos trabalhado no tratamento. Que eu não acreditava que essa rejeição fosse devida a qualquer questão racial, ser ou não ser malaio, mas que era sobretudo por ela não ter resolvido alguns conflitos básicos, a rejeição era à pessoa dele e não ao traço malaio que levava a culpa de tudo. Disse-lhe também que essa rejeição se devia ao facto de ela ter sempre sonhado estar no lugar da mãe, de ter um marido que fosse igual ao pai. Disse-lhe: o Sr. José não é o seu marido, nunca foi, não

há esperança de o ser um dia. Ela concordou, pareceu-me que lhe veio uma revelação, pois eu nunca tinha abordado tão directamente a questão. Creuza. disse que precisava mesmo de resolver essa questão que era um absurdo viver com aquele homem, o marido, assim. Que ela tinha que resolver esse problema do casamento.

Quase no final ela me deu a notícia que estava finalmente tomando certinho o Premarim (reposição hormonal) e que muitos dos sintomas que tinha antes, haviam desaparecido. Que agora já não tomava calmante e que dormia bem. E que ela achava que o facto de agora tomar o Premarim sempre talvez a ajudasse a voltar a ter desejo sexual. Logo ela mostrou esse lado positivo, ao lado do negativo de não desejar o marido – novamente me pareceu bastante ambíguo, pois querer voltar a ter desejo sexual equivale a querer ter uma reaproximação com esse marido que ela acabou de dizer que se arrepende muito de ter-se casado com ele. Ou quem sabe estaria a começar a elaborar a questão do pai.

Disse-lhe que aquela era a última sessão por conta da psicoterapia tratada na MAC e que eu achava que ela precisava continuar o tratamento, que poderia fazê-lo comigo ou com outro profissional. Mas que, no caso de ela continuar comigo, eu não poderia recebê-la mais sem um pagamento, mesmo que simbólico. Combinou que continuaria depois do Natal. Antes seria difícil, pois estaria muito ocupada.

Apenas no dia 19 de janeiro voltou a telefonar-me. Estava muito feliz. Queria me comunicar o nascimento do neto e disse que o fazia porque sabia que eu me interessava muito por ela e que ela me agradecia muito tudo o que eu havia feito. Voltou a falar por outras palavras o mesmo agradecimento. Eu confirmei dizendo que sim, que me interessava muito em saber dela, que ela havia feito bem em me telefonar, que eu também estava muito contente por ela ter-me comunicado o

nascimento do neto e desejei muitas felicidades para essa criança, o Diogo, e para ela como avó. Não se falou em volta ao tratamento, nem ela, nem eu, pois achei que o momento era de júbilo e de reconhecimento e não devia, naquele exacto momento, cortar esse afecto demonstrado.

Passei um mês no Brasil, entre Fevereiro e Março. Na ida, quando, já no aeroporto eu mostrava o meu passaporte, toca o meu telemóvel. Era ela muito nervosa. Disse-me que estava mal. Perguntei-lhe se havia acontecido alguma coisa, ela disse que não, mas ela se sentia péssima. Disse-lhe que eu sentia muito não poder ajudá-la naquele momento, mas que eu recomendava que ela tomasse os medicamentos e que se não melhorasse que fosse ao psiquiatra de minha confiança, Dr. X., que saberia tirá-la dessa crise e, na minha volta, nós conversaríamos. Garanti-lhe que eu telefonaria no dia tal, mais ou menos um mês depois.

Em seguida, antes de entrar no avião liguei para ela, para reforçar a indicação do psiquiatra de minha preferência: disse-lhe que ela anotasse outra vez o nome dele, e o telefone. Ela anotou. Nessa altura ela estava no comboio, voltando para casa.

Em Março, na minha volta, telefonei-lhe. Ela disse que estava cheia de reumatismo, de mal estar e que viria ter comigo na semana seguinte, se pudesse. Veio no dia marcado e estava com óptima aparência. Disse-lhe isto e ela me respondeu que de facto naquele momento estava bem, quase que por milagre, com bom humor, até. Ela mesmo não sabia porquê. “De certo porque decidi vir a mim” sugeri e ela concordou.

Falou do filho que tem, o Ricardo. Por um lado critica o marido por não fazer um carinho no filho, por outro queixa-se que quando o filho vai almoçar com eles, o marido quer que lhe ponha a mesa “de primeira”, em suas palavras, super bem

arrumada, com os melhores pratos e talheres e toalhas e cristais. E que, se acontece como um dia desses que ela deixou cair comida na toalha, o filho critica a mãe, diz que ela não tem cuidado etc. Chega mesmo a dizer-lhe coisas desagradáveis, inclusive que ela pode não inspirar confiança para deixar o neto a seus cuidados. Eu lhe disse que a mesa bem posta é uma forma do marido acarinhar o filho, é a linguagem dele, ele não sabe ser de outro jeito. Que se respeite sua maneira de ser.

Com relação ao neto, ela está sem emoções. Diferente daquele momento do nascimento. Sugeri-lhe que havia um bloqueio geral nas suas emoções: com o marido, o filho e o neto.

O que a Creuza deseja? Separar-se desse marido e ficar só? Não creio que seja o melhor. Existe, outrossim, uma recomendação de que não se deve tomar decisões definitivas num processo de tratamento.

Conta-me que o marido bateu-lhe. O contexto: ela reclamava que ele não toma banho completo todos os dias. Ele acabou dando-lhe um chute que bateu no fêmur, na junta com as cadeiras, exactamente um dos sítios onde se manifesta o seu reumatismo.

Percebi um alto nível de masoquismo. Ela provoca-o até ele perder a paciência e bater-lhe. Mostrei-lhe que ela realmente não pode concordar com uma situação dessas de ser batida e não fazer nada. Lembrei-lhe que existe uma justiça feminina para queixas desse tipo, que ao menos ela pode mostrar-lhe que ela poderá reagir, buscar ajuda, caso ele repita. Ele, portanto, em hipótese alguma, tem o direito de agir dessa maneira. Mas que ela, igualmente, não tem o direito de provocá-lo a ponto de ele perder a paciência. Que direito tem ela de ficar tomando conta da intimidade do

homem , se ele toma banho completo todos os dias ou se “toma banho a gato”, de vez em quando? Nem sequer ela tem relações íntimas com ele, logo não o provoque.

Ela tem medo dele. Mostrou-se, desta vez, bastante receosa. Veio à consulta sem lhe dizer.

Nesse dia fez uma nova revelação: o marido tem hepatite B, contagiou-se com o filho que morreu. Usavam a mesma gilete.

Diz que por essa razão não tem mais relações com ele, desde que constatou isso. Que o próprio marido reconheceu que não deviam mais ter relações. Isto entra em contradição com o que disse no dia ... que tiveram relações depois de muito tempo e ela até disseque foi bom.

Segundo a teoria dela, a contaminação da hepatite B pode dar-se pela pele, pelo suor. Disse-lhe que a informação que eu tenho é que o contágio dá-se através do sangue ou do espermatozóide e que, nesse caso, há o recurso da protecção pela camisinha.

Mostrou-se desejosa de voltar, mas disse que uma vez por semana era muito cansativo para ela. Disse-lhe que poderíamos ficar com uma consulta quinzenal até ela se sentir melhor e poder vir pelo menos uma vez por semana.

Durante a sessão o marido ligou e ela fingiu que estava em outro lugar, voltando para casa. O marido a segue, preocupa-se com ela.

Depois deste dia, não veio mais, nem telefonou. Achei, na minha intuição que não devia mais telefonar-lhe.

Ela não veio à consulta quinzenal. Telefonou-me depois de algum tempo para dizer que está muito bem que a Dra. Selma disse umas coisas que a fizeram ficar muito bem. Ela ia viajar estava muito entusiasmada.

Penso que este caso não está terminado, a paciente certamente recorrerá ao tratamento outra vez.

CONCLUSÃO

A crise da Creuza começou na perimenopausa com a morte desse filho por quem, naquele momento crucial, ela estava “apaixonada”, lembrando Helen Deutsch: “Esse regressivo hiper-investimento amoroso no filho com forte ênfase sexual é o típico destino da libido após as frustrações do pré-climatério”. Ao faltar o filho, faltou tudo e veio a tona a culpa que sentia em relação à rejeição antes da concepção do mesmo. Veio à tona também toda a intolerância em relação ao objecto (no caso, o marido) considerado no plano do imaginário de “má laia”.

Conforme foi proposto na Introdução, os dados clínicos confirmam, provisoriamente ao menos, as questões teóricas examinadas: temos claramente a histérica vivendo o drama da menopausa ao sentir que perde a feminilidade (deixa de poder ser objecto *a*), feminilidade esta da qual nunca pode usufruir totalmente pela incapacidade de repor o pai na relação com o marido, pela inveja do feminino da mãe, sua rival e seu modelo, essa sim bela e atraente, objecto de amor do pai. O drama que se acentua pela perda irreparável daquele objecto, o filho, que lhe garantia, com seus carinhos, que ela era amada, o filho jovem e belo, louro de olhos claros, como a mãe.

5.3.2 - MARIA DA PENHA: fixação pré-edipiana ao objecto mãe

Esta senhora de 48 anos, apresenta uma aparência doentia: magra e muito pálida, não se maquilha. Veste-se muito modestamente, não mostra nenhum sinal de feminilidade.

Está na perimenopausa. Desde 45 anos não anda bem, faltavam as regras, sentia afrontamentos e o médico de família dizia que não era menopausa. Aos 48 anos agravou-se o seu estado, tendo feito uma hemorragia que durou dois meses. Só então foi encaminhada à clínica de menopausa da Maternidade Alfredo da Costa. Na consulta ginecológica da Maternidade, estando eu presente, foi-lhe oferecido um acompanhamento psicoterápico, de dez sessões e mais duas de *follow up*, o que ela aceitou, como algo de que muito necessitava.

Casada tem 3 filhos, dois casados, só a mais nova Sofia mora em casa. Tem uma neta.

Diz que desde que se casou, o marido sempre a procurou muito pouco. Uma vez por mês, no começo. Perguntei-lhe se ela queria que fosse mais frequente, ela disse que não, mas que estranhava o pouco que ele a procurava, como se fosse um determinismo que os homens procurassem as mulheres com muito mais frequência, independentemente do desejo que as mesmas inspirassem. Mais tarde o marido começou a evitá-la, procurava-a de três em três meses, ela estranhou. Ele não parava em casa, só trabalhava (ele é encarregado/ mestre de obras), até nos fins de semana. Desconfiada de que ele não falasse a verdade, certo dia ela foi conferir e era verdade, ele estava na obra a trabalhar em hora extra. Não se tratava de outra mulher.

Ela coloca este marido como seu maior problema, naturalmente esta é uma queixa ao nível consciente. Ela não o suporta. Diz que a sua avó não aconselhava este casamento. Tem horror ao mau cheiro dele, diz que não se lava como devia. Ela dorme no quarto com a filha solteira.

Fica claro que há uma formação reactiva, no caso ela não suporta o “cheiro do macho” e do desejo.

1ª queixa, portanto: o marido. Entre outras razões porque quando se encontra em casa, ele só fala no trabalho. Perguntei-lhe se ela não falava no seu próprio trabalho. Ela disse que não, pois ela reagia não falando nada, para não ter que o ouvir falar mais.

Na Penha predomina o *Não*:

“Ele manda, eu **não** mando”.

“**Não** fala para **não** ter que ouvir, para **não** incentivá-lo a falar”.

“**Não** ri, para **não** acabar mal” (palavras dela).

Não se queixa quando doente, para que **não** lhe perguntem o que tem.

Retrai-se para ele **não** querer ter relações sexuais. Este seria o lugar onde o sujeito não pode aceder mais.

No trabalho, **não** fala e **não** participa nas brincadeiras com as colegas porque **não** gosta delas.

Quase **não** come, para **não** estar na mesa com o marido. **Não** dorme, sofre de constante insónia ultimamente. Explicando melhor: ela se deita às onze da noite e dorme até uma da madrugada, quando desperta. Daí em diante até de manhã não consegue mais dormir. Vive num *stress* muito profundo.

Começou por dizer que ao chegar à casa: “eu grito e depois fico calada”.

Referindo-se ao marido disse: “Ele manda, eu **não** mando”. E ao cão: “Só falo com o cão porque ele me obedece”. Nisto se reconhece uma pulsão de domínio de que fala Freud, no trabalho de 1905 e que tem como corolário o sadismo.

Depois dessa manifestação tão extensa de negativas, comecei por sublinhar as mesmas, o não. E mais: se o facto de que “ele manda” e de que a Sra. não manda a impede de falar e se fala com o cão, porque este lhe obedece, conclui-se que há em si uma grande vontade de mandar”.

Restava perseguir, a partir da fala desta senhora, o fantasma que preside à negação radical.

Observando outras relações familiares, constatamos que ela mantém uma boa relação com a Sofia, a filha adolescente (16 anos) que mora em casa, “eu cuido da Sofia”. Também com a filha casada Suzana, com o genro, a neta Beatriz e com o filho Nuno também casado e com a nora – há boa relação entre eles. Essa senhora repôs uma figura de mãe em sua vida adulta, certamente na identificação com a única mãe que teve: a avó.

No começo, como foi dito, ela centrou todo o problema no marido, de repente, na altura da terceira sessão falou da família e foi uma revelação porque a mãe a rejeitou, a abandonou de facto, aos oito dias do seu nascimento. Ela foi então entregue e foi criada pela avó paterna com quem teve uma relação muito boa. O pai manteve ligação com a filha indo sempre visitá-la e talvez através dessa identificação ela tenha conseguido um certo equilíbrio que, até mesmo, a faz desejar mandar, por exemplo, e empresta-lhe um certo traço obsessivo anal (a limpeza, preocupação com dinheiro).

A mãe nunca a visitava, nem mesmo quando ela esteve muito doente aos seis anos de idade, sendo que morava bem perto da avó, sendo obrigada a passar pela porta da casa da mesma, diariamente ao se dirigir às compras e ao trabalho.

Os pais tiveram mais dois filhos, uma filha nasceu dezoito meses depois da Penha e o filho nasceu treze anos depois. Ambos criados pela mãe e pelo pai. Só ela foi rejeitada e ainda hoje, velha (oitenta e quatro anos), a mãe não a recebe nem aceita presentes vindos dessa filha. Várias vezes ela tentou, a última vez foi no Natal, quando foi visitar a mãe e esta a recebeu no portão e não a deixou entrar. Recebeu o xaile de lã e dias depois pediu a alguém que o devolvesse à filha porque não precisava daquele objecto. Penha tentava sempre visitar a mãe, tentava seduzi-la e levava mais uma rejeição.

Fiz-lhe ver que a rejeição materna teria sido o primeiro **não** de sua vida e o mais determinante. Esse **não** se prolongava pela vida afora visto que a mãe continuava a rejeitá-la.

Nas suas tentativas de visita à mãe constatamos a compulsão de repetição. O que Freud fala em 1920 acerca da neurose de destino. Ela estaria repetindo o destino. Ela actua num ritual que desemboca em algo que repete a ferida. Nesse caso trata-se da pulsão de morte que opera nesse esforço masoquista por seduzir alguém que de saída ela sabe que lhe dará uma vergastada. Quantas vezes ela fez isto pela vida afora não se sabe. Com relação ao marido, do mesmo modo, ela repete o destino.

Freud no trabalho de 1924, “Aspectos económicos do masoquismo” introduziu o conceito de masoquismo erógeno de que falamos no item 2.1.3 deste trabalho e que fica muito claro no presente caso clínico.

Do pai ela gostava muito. O pai falecera dois anos antes da data deste tratamento (em 1998). Ela conta que o acompanhou, tratou dele até ao fim.

Dona Penha sangra, tem hemorragias. É como se o sintoma falasse de todas as rejeições, mas sobretudo do cordão umbilical que permanece aberto, e por onde se esvai a sua capacidade de desejar e a sua vida.

Com relação ao trabalho também repete o destino. Ela tem escolaridade até o 7º ano, é uma pessoa inteligente. No trabalho, no entanto, haviam-na tirado dos serviços gerais para os quais ela foi contratada e a puseram na limpeza (ela se queixa também deter que limpar o que o marido deixa sujo, lavar a sua roupa que cheira mal). Ela tem aguentado isso há anos, embora revoltada, e toda a sua revolta que está sufocada, recalçada, aparece, então, inscrita no corpo, somatizada.

Na penúltima sessão ela disse que tinha pensado bem e que não tinha condições de fazer o que realmente desejava (no nível da consciência), a saber separar-se do marido cuja presença a incomoda demais. Foi um momento em que a cliente parecia aceitar a sua miséria: “É assim mesmo eu tenho que aguentar até morrer”. Ela analisou a sua impotência, dando ênfase sobretudo à sua situação financeira e chegou a essa conclusão.

Trabalhei muito com ela a questão da rejeição da mãe e apesar de tudo da culpa que a faz preocupar-se com a mãe e tentar ir visitá-la e levar sempre uma grande agressão dessa mãe. Masoquismo. Fiz ver que ela tem que assumir que não suporta essa mãe que a rejeitou, que a verdadeira mãe é a avó.

Duas sessões depois, porém, ela apareceu muito sorridente. Veio com um “presente” para mim. Disse-me que quando veio ter comigo a primeira vez ela estava nas últimas: ela não dormia nunca, deitava às onze da noite e a uma da madrugada,

acordava e permanecia a noite em claro. E que a última noite ela havia dormido inteira. Porquê ? Porque ela “nem se conhecia” no que teve coragem de fazer: ela enfrentou a chefe no trabalho, dialogou: foi lá e disse que ela era uma pessoa que exigia ser tratada como merecia, que tinha sétimo ano e que não tinha sido contratada para fazer limpeza e sim para serviços gerais etc. Ela repetiu várias vezes isto que a feria. Disse ainda que tinha outra proposta de emprego. A chefe ficou impressionada e disse que ia fazer uma proposta melhor, que não queriam que ela saísse, que ela tinha razão nas suas reivindicações, que era mais do que justo o que desejava etc.

Disse-lhe eu, que certamente era uma nova maneira de ser que estava surgindo na Dona Penha, e que ela tivesse certeza de que seria percebida em casa, mesmo que indirectamente. O marido perceberia e haveria repercussões na sua vida em casa. Ela se pôs descrente na repercussão em casa.

Aconteceu o que havia previsto: na sessão seguinte ela me traz uma grande novidade: o marido não entende nada do que ela diz, não entende o que ela quer. Ele diz: “Eu não percebo nada do que essa mulher diz, não percebo” e repete: “ Eu não percebo o que dizes, não percebo”.

Interpretei: “O que a Sra. está me dizendo Dona Penha , é que seu marido não reconhece mais uma nova Penha que está despontando”. Ele não mudou, por isso torna-se difícil compreender o que vem de si”.

Na sessão seguinte aventou uma hipótese sua sobre o seu nascimento e a rejeição da mãe. Acha (por ter captado, por conversas ouvidas) que ela foi uma filha que “obrigou” a mãe a casar-se com o pai. A mãe teria namorado o seu pai, durante algum tempo e depois separou-se dele. Teve outros namorados e finalmente voltou ao antigo namorado e engravidou. Uma outra hipótese é construída pela paciente: ou ... a

mãe já estava grávida do namorado anterior que a abandonou e, para “limpar” o que tinha feito não lhe restou outra alternativa que casar com o que a aceitava. Ou seja, voltou para aquele namorado que lhe dava mais estabilidade.

Pensa ela que talvez a mãe não quisesse, na verdade, casar-se com esse homem que foi nomeado o pai dela e que exerceu a função de pai. Ela teria sido obrigada a casar-se por ter engravidado. Daí ela representar um peso na vida da mãe, representar a negação do desejo de escolha, de ser livre.

Na sessão seguinte a paciente contou-me que o marido passou 2 anos na guerra em Moçambique, lutando dentro do mato mesmo. Isto aconteceu antes de se casarem.

Ao contar isso ela fez um aparte dizendo que lia muito, e que havia lido um artigo de jornal que versava exactamente sobre as sequelas que sofriam os indivíduos que haviam feito a guerra colonial. Trazem muitos traumas, muitos deles têm dificuldades na vida em família. Ela pensa que quem sabe é isso, mas ele não aceita a ideia de se tratar e assim continua insuportável, na opinião dela.

Contou também que, quando a filha mais nova, tinha apenas seis meses e os outros dois eram maiores, ele passou dois anos nos Açores, vindo visitá-los de dois em dois meses, e que nem assim a procurava para ter relações sexuais. Constatado que não há desejo da parte dela em relação ao marido e provavelmente vice versa. O que há é que ela desejaria que o marido tivesse desejo por ela para encobrir a rejeição maior que é sempre a primeira, a da mãe. O desejo do marido funcionaria apenas como uma prótese.

Nesse balanço geral sobre sua vida, também revelou que aquele pai que havia sido o maior esteio de amor na vida dela, teria tido uma falha imperdoável: ele não deixou que ela fizesse o curso de enfermagem que era a sua verdadeira vocação. A

razão que ele dava para ter-lhe recusado esse pedido era, para ela, dolorosa. Era porque os outros irmãos não tinham estudado, logo na lógica dele, ele não podia favorecer a Penha. Após essa decepção com o pai, Penha terá tentado seduzir a mãe, mas inutilmente.

Em todas as sessões a paciente traz sempre o mal-estar que sente em relação ao marido e as dificuldades que tem: o cheiro dele que não suporta, igualmente lhe é insuportável ter que fazer comida e lavar a roupa dele, mas o faz. Apenas já não senta na mesa nas refeições. Tem dificuldades de “arrancar” o dinheiro para a casa, para pagar o colégio da Sofia (que estuda num Liceu privado, mas ela já decidiu mudar para um público, no próximo ano escolar. Outro ponto de atrito é o carro que foi comprado por ele mas ela é quem dirige, já que ele não sabe dirigir e não tem carta de condução.

Sessão de 13/06/00

Penha trouxe a novidade de que o marido está trabalhando agora no Algarve. E ela finalmente sente-se muito aliviada. O trabalho no Algarve foi como um milagre, que teria em parte resolvido um afastamento desejado.

Não tanto, porém, quanto seria desejável: nos fins de semana, quando ele vem para casa, ela se sente muito mal. Ele cria problemas, ou seja os dois criam pequenas divergências, suficientes para ela se sentir péssima. Eles têm uma casinha na “terra”. Surgem mil e uma divergências: ele acha que têm que ir mais tarde, na ida; na volta é ela quem quer voltar mais cedo e ele mais tarde. Ela alega que tem o que fazer em casa.

Ela deu-se conta de que quando a filha (com quem se dá bem) se casar, ela vai ficar muito só, porque não tem amigos. Coloca a culpa no marido – o que é uma clara projecção imaginária – dizendo que no começo do casamento tinha amigos e que deixou de ter por causa do marido. Fiz-lhe ver que se não tem amigos é porque não os cultiva.

A mãe finalmente esteve doente internada e reclamou a ausência da P. Ela retribuiu o telefonema, mas salientou que ela não pode acompanhar a mãe, que ela tem os dois outros filhos, um que mora na terra perto dela, e que não há de ser ela P. que vai sair de Lisboa, deixar o trabalho e a filha Sofia para acudir a mãe.. Lembrou-lhe que a mãe só se recorda dela na doença e por necessidade. A mãe disse-lhe várias vezes que estaria melhor na casa dela, quietinha. Ela disse que não.

Isto representa um progresso, um aproveitamento do aspecto transferencial no sentido positivo, já que ela se sentiu apoiada para ela mesma poder rejeitar quem sempre a rejeitou, colocando seus sentimentos onde deviam ter estado sempre, uma vez que até então Penha sentia-se devedora dessa mãe que a abandonou, e que a tratava muito mal e recusava-se a recebê-la em sua casa.

20/06

A cliente faltou sem aviso

27/06

Faltou porém avisou.

Aproximava-se a décima sessão que era a última do tratamento. Penso que Penha não tolera nenhum tipo de rejeição ou de abandono. Talvez por essa razão tenha decidido abandonar-me, quando se aproximava a última sessão, ou seja, na oitava sessão.

Fica claro o aspecto transferencial outra vez, porém agora trata-se de um tipo de resistência, já que ela não aguenta que “outra mãe” a rejeite. Repetiu-se o trauma, o fantasma da rejeição actuou de tal maneira que ela levou ao pé da letra e no oitavo dia da concepção ela rejeitou a terapeuta que lhe havia restituído alguma luz.

Passei algum tempo fora de Lisboa, o que já havia sido previsto e comunicado à paciente. Ao voltar chamei-a para uma sessão de *follow up* a que teria direito conforme o combinado.

Falamos por telefone. Ela se mostrou animada, disse que estava muito bem e que o marido estava “precisando muito dela”, porque estava doente em casa. Ela disse isso com voz gloriosa, como se tivesse vencido uma batalha. Disse que telefonaria para marcar a sessão tão logo pudesse. Compreendi que ela não viria mais e assim foi.

Conclusão

Se pensarmos a partir da teoria da sexuação na mulher em Freud, veremos que Penha teve uma fase da sexuação obliterada. O primeiro objecto do desejo da mulher sendo a mãe e a própria rejeitando a filha no útero e ostensivamente abandonando-a nas mãos da avó, recém nascida, certamente isso terá uma enorme ressonância na vida dessa pessoa. A avó foi boa mas foi avó e não mãe, resta a essa criança ligar-se ao pai e perpetuar a dupla hiância de um objecto primeiro de amor. Ou seja, ela passa prematuramente ao único objecto do desejo que é o pai, mas a quem deveria ligar-se

depois de uma fase de ligação primeira ao objecto mãe. Esta foi substituída pela avó paterna a quem ama muito. Deve-se a essa clivagem, obliteração mesmo, do primeiro objecto a identificação com o pai e a ausência de feminilidade na sua aparência, uma certa virilização e a ausência de desejo sexual. Por outro lado, deve-se ao amor da avó, sua verdadeira mãe, ela ter podido repor uma faceta de mãe na vida adulta. Ou seja ela teve três filhos, cuidou deles e tem uma relação boa com os mesmos, de acordo com suas palavras.

A necessidade de repor a mãe rejeitante continua, entretanto, pela vida afora sem sucesso. A questão que se põe a propósito de Penha é semelhante ao das crianças adoptadas que, mesmo que tenham tido pais repostos que exerceram as funções substitutivas dos objectos primeiros, nunca se lhes tapa a fenda primeira, o abandono fundamental. Porém é diferente, na medida em que o objecto que a abandonou estava ali ao pé, podia ser visto no seu abandono diário e sádico como se quisesse sublinhar uma rejeição em todos os dias de sua vida.

Como vimos o drama da menopausa precoce se deu em virtude de, nesse ciclo da vida, momento de perdas, na meia idade, ela sentir mais do que nunca o abandono e a conseqüente desnarcização imposta pela mãe no oitavo dia do nascimento. Daí abrir de novo esse “cordão umbilical” imaginário e ela sangrar. Ela sangrava e se culpava; porém, teve forças para sair dessa situação ao se sentir apoiada na transferência.

5.3.3-Maria: uma culpa paralizante

Tem quarenta e nove anos, pessoa de aparência simples. Veste-se simplesmente e não é bonita, mas é agradável, simpática.

É casada pela segunda vez. Teve dois abortos provocados, não quer ter filhos.

Depressão. Dificuldade de dar seguimento às coisas. Sem concentração. Há um ano e meio tem alterações: o período falta. Engordou mais.

Funcionária pública. Escolaridade: fez até o décimo segundo ano. Mostra interesse por política, cinema etc. Tem muita preguiça não lê. Muita insegurança: não se acha inteligente. Irmão, sim, é inteligente.

O significante que predomina nessa mulher é estragar. Ela acha que estraga tudo.

Tem uma culpa colossal com a mãe o que a faz ir todos os dias visitar a mãe e fazer todo o serviço doméstico da mesma. Perguntei-lhe se não era possível juntarem-se ela e o irmão e pagarem uma empregada. Respondeu-me que sim, que daria, mas não sabe porquê se sente nessa obrigação de “limpar-lhe o lixo”.

O pai morreu quando ela tinha 18 anos. Não fumava não bebia, teve cancro no pâncreas. Foi um grande desgosto a morte do pai. Mas quando a mãe ficou doente foi o fim do mundo. Disse que sempre preferiu que a mãe sobrevivesse, se pudesse escolher entre os dois. O que mostra que ela pode fazer o luto do pai, mas o da mãe é complicado.

Casou-se pela primeira vez por uma paixão ao fim de dois anos separaram-se porque não tinham nada em comum. Ela teve paixão pela beleza dele, nada mais.

Depois da separação ficou 5 anos só e depois casou-se com o actual marido que era um amigo outrora, reencontraram-se. Boa relação, gostos comuns.

Sexo actualmente não tanto. Ela cansada, ele cansado. Ela tem preguiça. Não tem muita vontade sexual. Perguntei se o casal conversava sobre isso, ela respondeu que sim.

No meio de uma das primeiras sessões tocou o telefone interno do meu gabinete para avisar que eram quase quatro horas e que a secretária já ia sair. Ela diz “Se calhar eu sou culpada, eu falei demais”.

Eu analisei a transferência, mostrando que ela estava pensando que estragava a nossa relação mas não era isso. Culpa-se sempre: ela estraga.

Comentou o filme *Beleza americana*. Perguntei-lhe o que lhe tocara no filme e ela salientou a cena em que a protagonista “estraga” uma relação sexual porque se recusa a fazer amor no local, porque, como diz ao marido, ali iriam “sujar o sofá forrado de seda italiana”. A protagonista estraga (como a paciente pensa que faz) uma aproximação.

O irmão Toninho sim, é que era bonito e certinho, inteligente. Mas ela não se dava com o irmão. Aos 14 anos passou um ano inteiro sem falar com irmão. Ela não se lembra porquê. Não lembra nada da infância.

Perguntei-lhe (porque o meu inconsciente me ditou essa pergunta) onde ela dormia quando criança. Então ela lembrou-se que ela dormia na sala, mas o irmão tinha um quarto só para ele. Ela se admirou de nunca ter pensado nisso.

Puxei um pouco a lembrança do pai que morreu quando ela tinha 18 anos, pois ela só fala da mãe. Revelou uma grande identificação com o pai. A muito custo

lembrou-se de uma caminhada de mãos dadas com o pai que lhe falava em coisas muito interessantes.

Identificação: o pai a despertou para a política, ela viveu com muito interesse a Revolução dos Cravos, o 25 de Abril. O pai lia jornais e comentava com ela. Ele era comunista, acompanhava notícias sobre a União Soviética com emoção. O pai gostava de cinema, adorava os filmes de Fred Astaire (ela também adora cinema). O grande gozo actual é ir ao cinema com o marido.

A mãe tinha interesses domésticos apenas e o irmão não tinha interesses desse tipo que ela e o pai tinham.

Ela- Maria- pertencia a grupos de jovens, ia a concertos do Zeca Afonso o poeta-músico da Revolução.

Hoje ela é retraída e, ao mesmo tempo, muito simpática. Não gosta de aparecer, talvez por vergonha de ser gorda.

Acho que tenho que trabalhar muito o núcleo edipiano dela. Esse esquecimento radical da infância e das relações com o irmão, do qual já se vê que teve ciúmes e atracção. Hoje dá-se bem com Toninho que está separado da mulher. A filha o rejeita inteiramente. Porém tem boas relações com a tia (Maria).

Ela demonstra estar muito feliz comigo, com o tratamento, quer colaborar. Sente que se está redescobrando.

Maria: tenho com ela um *approach* contratransferencial muito bom. Ela é inteligente e me agrada.

A relação doentia dela com a mãe chega a ponto de prejudicar o casamento, pois todos os momentos livres ela corre para a casa da mãe.

Uma vez em Bruxelas, passando férias com uma amiga, num dia de chuva, decidi telefonar para a mãe. Resultado: ouviu uma lamentação, uma queixa sem fim, que ela estava demorando muito etc. Pontuei aí que ela telefonou naquele dia “querendo” ouvir o que ouviu.

Passei a explorar a relação infantil: pai/mãe e irmão, já que a culpa com a mãe é bastante suspeita.

Minha posição é de procurar de onde vem a desvalorização da pessoa dela, porque a relação de culpa com a mãe, relação doentia e o porquê do bloqueio radical das lembranças da infância.

Na sessão de 22 de março ocorreu-me pontuar a relação dela com Toninho e a associação feita revelou uma grande raiva que até então ela não se permitia expressar. Sempre o sentimento de que ele é melhor.

Por outro lado pontuei também a relação com o pai, já que a mãe é sempre falada e repetida.

Muita afinidade com esse pai, com os gostos etc. Ela desculpa a mãe dizendo que ela é assim porque as mulheres eram limitadas na época, porque Portugal era muito atrasado e ela é uma mulher da província.

Falou de uma reunião com amigos a que o Mário quer ir e ela não, sente-se desanimada.

Na sessão seguinte Maria fala na tal reunião à qual, afinal, foi e que tinha sido muito boa e que ela quis ficar lá mais tempo do que o marido. As pessoas gostaram muito dela. A dona da casa até propôs que se vissem mais vezes que cultivassem a amizade.

Hoje Maria disse-me que às vezes dói lembrar, e que as perguntas que eu faço doem, mas que ela acha positivo tudo isso.

Falou muito do tal “estragar”.

Disse que o marido lembra sempre o que sonha e ela nunca sonha. Expliquei-lhe que ela não se permite recordar os sonhos, mas eles existem.

Acha que estragou no marido a espontaneidade que ele tinha, uma vez que ela costuma chamar-lhe a atenção para certas atitudes no trabalho que não podem ser tão espontâneas. Ela o vê, às vezes triste, já não é o mesmo.

Mostrei-lhe que o que ela fez na verdade, foi um ganho para o Mário, uma opinião sincera, algo de bom que ela ofereceu a ele. Pois ninguém pode ser aberto e espontâneo fora, no trabalho, como é o caso, do mesmo modo que é em casa. Tem que ter cuidado, no trabalho pode isso resultar num mal para ele. Acentuei a importância dessa doação dela ao marido, uma opinião sincera, construtiva, e accentuei que o casamento é feito mesmo de companheirismo, colaboração.

Salientei que ela é muito exigente consigo própria, muito crítica. Disse-lhe que ela tem uma PIDE dentro dela. Ela gostou muito da imagem.

Maria passou 2 semanas de férias fora de Lisboa.

Sessão de 30/05

Volta das férias. Muito bem disposta, esteve no país basco, aproveitou bastante. Teve relações sexuais com o marido. Visitou o museu de *Bilbao*.

Observou as mulheres nos bares à noite em San Sebastián, emancipadas e alegres.

Não telefonou muito para a mãe.

Tem sonhado. Lembrou um sonho: ela viajou com o irmão e lá pelas tantas brigaram e ela ficou totalmente sem rumo, não sabia como se orientar. De nada adiantavam os mapas que tinha. Sentiu o sonho como um pesadelo, pois acordou sentindo-se mal, perdida.

Lembrou que antes de viajar lembrara um outro sonho que era numa praia.

Quanto ao sonho com o irmão pontuei o facto de que ela colocou o irmão no lugar do marido e que isso devia ter alguma ligação com as relações dela com esse irmão, na infância e na adolescência. Relações quem sabe de atracção sexual. Porque ela teria ficado um ano sem falar com ele aos 14 anos? Porque o esquecimento? Algo que a tivesse envergonhado? Achei que talvez eu tivesse avançado muito numa intimidade de que ela não tem condições de falar.

Quanto ao segundo sonho que ela só lembrava de uma praia: sugeri a ligação com a infância da qual as únicas lembranças que tem são de ir passar umas férias na praia com o irmão. Lembra-se da vergonha que sentia do seu fato de banho que era muito feio, desajeitado.

Sessão de 06/06

Hoje fiz uma construção visando ajudar a Maria, a compreender a culpa que alimenta em relação à mãe.

Lembrei que os sentimentos dela em relação ao irmão e ao pai podem ter sido de amor, atracção e ódio e com a mãe também de amor e ódio, uma vez que a mãe deve ter contribuído enormemente para que o irmão fosse privilegiado em relação a ela, Maria.

Lembrei-lhe que ela não tinha um quarto para ela e que dormia no sofá da sala e que nem se dava conta disso, mas por dentro isso corroía as relações dela com a família, em especial com mãe e irmão. Num acto de bloqueio ela não se lembrava desse facto, mas quando eu perguntei onde ela dormia, foi como uma revelação.

Ela então acrescentou à lembrança anteriormente narrada, que, de manhã fechava o sofá, guardava a roupa, e eu acrescentei “e deixava de existir”... Ela ficou tocada com a minha fala, como se eu estivesse dentro dela. Ela não tinha um lugar na casa.

Isso fez com que ela pudesse expressar todo o ressentimento que tem em relação a esse irmão.

Lembrou que quando o irmão se casou, uma tia do Norte ofereceu-lhe e à mulher dele, ou seja, ao casal, uma toalha bordada por ela – um bordado muito especial, ela salientou, do norte do país. Maria não ganhou o mesmo. A mesma tia ofereceu ao Toninho, de outra feita, um queijo da Serra, ela ganhou meio queijo.

Fiz-lhe ver, sem desculpar a tia, que ela Maria talvez se tivesse colocado assim na vida, a valer “meio queijo”.

Nesse momento ela passou a falar nas maldades dela em relação ao irmão.

Toninho é separado da primeira mulher que o deixou por um homem trinta anos mais velho que ela. A filha tem horror ao pai rejeita tudo que ele lhe oferece. Mas se dá bem com a tia Maria.

A Maria revelou então um sentimento que era difícil de reconhecer: ela sentia uma certa revanche em relação ao irmão, ao cultivar o amor da sobrinha. Ela sente como se estivesse roubando-lhe a filha. Ao mesmo tempo sente culpa.

Maria pensou em ter filhos aos vinte anos. Depois não quis mais. Eu associei isso à dificuldade com a mãe. Ela recusa a maternidade.

Ela confessa que a mãe atormentou os melhores dias da vida dela.

No final da sessão Maria me fez confissões de amor. Disse que me acha ótima e que acha uma delícia as imagens que eu uso.

Nas duas últimas sessões antes da minha viagem que foi no meio de julho, sobreveio uma doença grave da mãe que foi internada no Hospital dos Capuchos, nos “cuidados médios”. Tinha inclusive problemas respiratórios.

Maria disse-me que nem se reconhecia mais.

Que a mãe estava hospitalizada, mas que ela estava encarando o facto com tranquilidade.

Ao contrário o irmão estava desesperado e não conseguia sequer dormir.

Fizemos muitas revisões do que Maria sentia antes e ela se declara bastante melhor.

Na última sessão falei-lhe que acho-a realmente melhor e conferi com ela essa melhora, mas chamei-lhe a atenção para o facto de que não tínhamos levantado todos os recalques (não falei assim) pois haviam ficado questões sem resolver com o esquecimento da infância e daquele famoso ano em que ela esteve sem falar com o Toninho.

Hoje vimos que, afinal o Toninho não era tão certinho no essencial quanto ela pensava, que ele tem um mal feitio bastante acentuado, que não tem uma relação estável, como a Maria tem com o marido.

Nesse último dia não resisti e falei um pouco de mim das análises que fiz..

Esta análise assim teria chegado ao fim, como foi proposto no início.

Fiquei, porém de convocá-la para duas sessões de *follow up*.

Na volta de dois meses e meio de ausência, convoquei-a a vir dessa vez em meu consultório em casa.

Ela mostrou-se um pouco desanimada, não tão satisfeita quanto estava quando a deixei.

A mãe voltou para casa, agora menos forte do que era antes de adoecer. Porém se nega a ter uma pessoa para a ajudar. Maria vai todos os dias á casa da mãe e faz o serviço todo da casa. Só consegui que o Toninho a ajudasse nas compras. Assim mesmo foi com esforço que o convenceu de fazer as compras que afinal são dele também pois esse irmão janta todos os dias com a mãe.

A mãe se queixa muito e ela não encontra forças para dizer que não quer continuar a fazer aquele serviço todo, visto que ela faz também o da própria casa. Disse Maria que o marido chegou a dizer para a sogra que não queria ficar viúvo que a mulher está trabalhando demais.

Além disso sente um grande vazio na vida, porque o trabalho de escriturária é enfadonho, as colegas só conversam sobre o *Big Brother* e outras banalidades.

Só as idas ao cinema com o marido a divertem. Falou do filme *Dancing in the dark* de Lars von Trier. Salientou a tristeza do esforço de uma mãe que faz tudo pela filha e no fim acaba condenada como assassina. Eu lhe disse que quem sabe ela estava também se sentindo assim injustiçada, no esforço pela mãe que, ao fim e ao cabo, não é reconhecido.

Lembrei-lhe que ela já tinha sido mais problemática quando achava que estragava tudo, voltamos a examinar brevemente o começo do tratamento.

Mostrei-lhe que agora dependia dela ter forças para impor os seus desejos e também procurar saber quais são esses desejos que se perguntasse todos os dias.

Senti um pouco *boring* essa sessão.

Na saída ela me perguntou quanto devia pagar e eu lhe disse que essa sessão e mais uma pertenciam ainda ao nosso trato da Maternidade Alfredo da Costa e que só depois dessas duas e se ela desejasse continuar, então nós combinaríamos um preço simbólico.

Terça 14/11

Uma falha de minha parte: esqueci de escrever na minha agenda a sessão de hoje. Não a recebi nesse dia.

Quarta 29/11

Hoje foi o primeiro dia depois do esquecimento.

Maria disse que estava mal porque havia brigado muito com o marido no fim de semana. Que tinha feito muita birra e que ele não merecia isso. Ela mesma disse que achava que errava sempre o alvo da agressão dela. Chamei-lhe a atenção para a agressividade que devia ter sentido em relação a mim que esqueci dela na sessão anterior. Sugeri que eu seria um desses alvos que ela desculpava, examinei com ela. Ela concordou que tinha ficado decepcionada, quis por panos quentes e me desculpar.

Procura desculpar sempre a mãe (e a mim). Faça-lhe ver que ela tem medo de expressar a agressividade que sente em relação a essa mãe que pertencia ao pai, pai esse com quem Maria teve uma grande afinidade. A mãe protegia o irmão. Mostrei-

lhe o quanto ela se sentira anulada por aquele irmão que era bonito e considerado certinho em casa e privilegiado, porque tinha um quarto.

Hoje trouxe um segredo da mãe que ficou sabendo: foi com a mãe visitar uma tia de 88 anos com quem a mãe morou algum tempo quando se casou. A tia revelou que a mãe se havia casado com três meses de gravidez. A mãe ficou desconcertada e pediu segredo a Maria. Maria sentiu a mãe mais humana, capaz de cometer um acto que era proibido antes do casamento. A tia disse que tem muitas fotos e que vai mostrá-las, Maria ficou muito curiosa para descobrir, quem sabe mais, sobre a sua infância e sobre o pai e a mãe.

Muita confusão, muitos sentimentos misturados. Ela ora se sente um monstro, porque tem sentimentos ruins em relação à mãe e o irmão, ora porque é má com o Mário, mas sabe que o alvo dela não é o Mário.

Disse que pensou em desistir de vir aqui, mas logo o próprio Mário disse que ela precisava vir e falar tudo, senão ele iria falar comigo.

Mostra como ela desiste facilmente das coisas. Foram ver uma exposição no Museu do Chiado. O trânsito estava interrompido, ela logo pensou em desistir. O Mário deu-lhe uma lição: disse-lhe que ela não tinha que desistir, que se o trânsito estava interrompido que eles fariam outro caminho. Enalteceu o facto de que felizmente ela, Maria, sabia das coisas interessantes que havia para ver, que ele não tem tempo para estar a procura, mas que gosta muito.

No final da sessão combinamos que ela continuaria o tratamento e que pagaria uma quantia simbólica, 2000 escudos (eu me enganei e falei reais). Ficou combinado que ela virá daqui a 15 dias, uma vez que trabalha por turnos e só tem as tardes livres de 15 em 15 dias. Volta dia 13.

Dia 13 não pôde vir, sugeri que viesse a 14.

Sessão de 14/12

Maria veio apenas uma vez mais. Chegou e, pela primeira vez, deitou no sofá por sugestão minha. Pela primeira vez fizeram-se grandes silêncios, difíceis de suportar. Seriam difíceis para ela? Tentei induzir alguns elementos de transferência. Disse-lhe que devia haver nela uma certa ambivalência: querer vir e não querer vir, já que ela havia desmarcado a sessão que teria sido ontem.

Ela não voltou mais, porém telefona-me e sempre reafirma a necessidade de voltar, porém tem dificuldade de ligar-se novamente à terapeuta, uma mãe a mais.

Conclusão

Como se viu Maria precisa estar sempre com a mãe, numa relação simbiótica, para pagar uma “dívida” impossível de pagar.

Como formação defensiva ela precisa dizer à mãe que “nenhum homem a ocupa”. A dívida para com a mãe, o primeiro objecto, quer tapar o desejo da menina, recalcado, porém actuante, pelo pai e pelo irmão. Entretanto o ciúme que tem do irmão, o amor/ódio é paralisante, uma vez que a mãe teve o olhar preferencial para esse irmão pela vida afora e ela ficou eclipsada. Ela não tinha um lugar na casa.

Desenvolveu a pulsão escópica. Ela olhava. Olhava tudo a partir do sofá, seu quarto, seu quinhão da casa.

Toninho, o irmão, era bonito, tinha um quarto só para ele, tinha estojos completos de lápis de cor especiais e ela não (quando criança). Ele suspeitava que ele

gozava muito. Ele mereceu o queijo inteiro, a toalha de renda grande, significantes do ter fálcos que exibiam o seu valor, o ser.

Ela por outro lado valia meio queijo, via a partir do sofá (fechado pela manhã), a vida escorrer sem completude. Buscou a completude, o *falo*, no primeiro namorado, bonito como o irmão, condensação dessa figura parental. Porém verificou que não era o que ela desejava.

No momento da menopausa ela tem a consciência da fragilidade actual de sua mãe que está velha e doente e exige o máximo da filha. Maria não sabe dizer-lhe não. A culpa a paralisa.

Ela se mantém do lado feminino da sexuação, mas tem dificuldade em manter-se como objecto a, para o marido que é uma boa pessoa e parece gostar dela. Ser feminina atrair seria trair a mãe nesse momento de fragilidade, de doença, de final de vida.

5.3.4 – Elisa: as duas mães

Conheci-a na clínica de menopausa, na Maternidade Alfredo da Costa.

Tem 49 anos mas ainda em 2000 fará 50 anos .

Está na pré-menopausa, uma vez que ainda tem o seu período. Preocupa-se com o facto de poder ainda eventualmente engravidar. Diz ter uma vida sexual muito activa, logo não poder arriscar. Exibe sua competência sexual.

É bonita veste-se bem, exuberante e elegante. Às vezes a sinto *over dressed*.

Ela se apresenta como uma pessoa dinâmica .Tem Licenciatura em Letras Alemão–Inglês. Trabalhou 10 anos no serviço público na época do Cavaco Silva –

dos 27 aos 37 anos. Viajou com Cavaco à Guiné. Depois uma colega começou a fazer-lhe a vida difícil e ela saiu de lá e foi para publicidade, para uma das agências mais famosas.

Trabalhou para a TV. Recebia muitos convites.

Foi para a Secretaria de Estado da Comunicação – mas esta acabou. Em 1991. Saiu do Gabinete, mas ficou com muitos amigos.

Foi para o Instituto da Juventude – que pertence à Presidência do Conselho de Ministro, desde 1992.

Foi ao estrangeiro visitar os Centros de Juventude.

1993 – Cavaco preocupado com emprego.

Foi convidada para o Ministério do Emprego.

O Instituto da Juventude é um órgão que tem um pouco de cada Ministério (ela me explicou). Ela foi para o do Emprego.

1998 – Chegou uma Senhora Directora que achou (segundo Elisa) que ela lhe iria fazer sombra e tornou tudo muito complicado para ela.

O projecto acabou. Ela acompanhava os jovens. Orgulhava-se do trabalho que fazia: “eu não lhes dava o peixe, dava-lhes a linha para pescar”.

No local havia muitas guerras, muitos gritos. “Eu não sucumbi”, diz ela. Mas sente-se “um leão na jaula”.

Nunca mais ela fez formação. Continua no tal Instituto da Juventude.

Sente sempre que alguma colega faz a sua vida difícil. Queixa-se de depressão.

Durante foi 22 anos casada com Pedro (três anos mais novo que ela). Ela queria um homem mais forte. Ela se sentia mais forte que ele.

Duas filhas: Vera e Lara. Vera identificava-se com o pai. *QI* alto, precisava de um pulso forte.

A divergência que havia entre eles era acentuada pela filha. Ela diz que lutou pelo amor. Marido era bom pai, mas não ligava mais para ela.

Aos quarenta anos crise do marido. Vera e Lara 16 e 14 anos. Vera rebelde desaparece de casa. Elisa bate nela, porque ela a havia desautorizado. Crise em casa. Pai é contra a atitude da mãe.

Pai sai de casa e vai viver com outra mulher. Seis meses depois, Vera vai morar com o pai.

Vera experimenta droga. Mãe fica em pânico. Depois entra para a moda. Um ano e meio depois foi morar sozinha com o namorado que é ótima pessoa, segundo Elisa.

A segunda filha, mais acomodada, estuda medicina.

Elisa está separada há quatro anos. Por um ano teve um namorado de 60 anos, gerente de um Banco importante.

Por outro lado tem um namorado de 39 anos André francês, que é a “doce loucura” dela.. Ele veio para Portugal para fugir da ex-mulher drogada, para livrar o filho dessa mulher.

Ela tem medo de se afeiçoar a ele porque ele pensa em ir para a Espanha. Confessou que o tinha antes de terminar o casamento.

Quanto à família de origem: é a caçula que nasceu bem depois dos três irmãos, ou seja de duas irmãs e um irmão. O irmão morreu cedo. As irmãs uma tem 63 anos – Hortênsia, a “madrinha”, a outra tem 59. O irmão teria 62, se fosse vivo. A diferença entre ela e os irmãos é de 13, 12 e 9 anos.

Ela achava que as irmãs eram mais bonitas que ela. Mais altas, mais vistosas. Ela me compara à “madrinha”, por ser alta. Tem complexo do nariz. Pensa em operar nariz.

Pais actualmente são bem velhos. Têm recursos financeiros. Moram numa casa grande em Trás-os-Montes, no Morgado.

Vinha eu percebendo que sua estrutura histórica tendia a criar em torno de si, uma aura de poder fálico, mas que se desfazia tão logo houvesse uma pessoa que se colocasse acima dela, mesmo que essa pessoa não tivesse, na opinião dela, o seu saber e a sua experiência e a dinâmica de que se dizia possuidora. Portanto tudo isso me pareceu um escudo narcísico, um anteparo para não sentir o seu real. Imaginário puro.

Sonhou que a carteira com os documentos todos tinha sido roubada.

Eu então interpretei que ela estaria sentindo perder a identidade. Ou seja que estava vivendo uma crise de identidade. Quem é a Elisa? O trabalho, os namorados tudo aquilo me parecia uma máscara, fogos de artifício.

Diz o professor Coimbra de Matos: “A exaltação narcísica é uma compensação/supercompensação do sentimento de inferioridade. Só é megalómano o que padece, ainda que inconscientemente, de micromania. Assim como só se exhibe o que se julga não possuir”³⁵.

Atrás da aparência de sedutora e poderosa está uma pessoa que não consegue fazer o seu *Curriculum* e não consegue tirar Carta de Condução, ou seja, saber-se e conduzir-se e que se sente em depressão.

³⁵ Matos, António Coimbra de. Narcisismo e depressão. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n. 16. Lisboa: Setembro, 1997, p.21.

³⁵ Matos, António Coimbra de. Narcisismo e depressão. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, n. 16. Lisboa: Setembro, 1997, p.21.

Confessou que tem sua “doce loucura”, o André, desde antes do final do casamento. Também andou encontrando o Nicas, uma antiga paixão.

Preparei-a para a nossa separação, uma vez que sairia de férias.

Na volta da minha viagem comuniquei-me com ela e marcamos uma sessão.

Sessão de 19/10

Elisa falou-me da morte de seu pai e de tudo que isso lhe causou e que, embora esperasse, sentiu muito. Mas penso que ela está fazendo um luto normal.

Mas a sessão girou em torno de uma irmã, a mais velha das três que agora tem sessenta e três anos.

Mostrou que essa irmã sempre teve uma relação estranha com ela, Elisa. Hortênsia a “madrinha”- muito mais velha, bonitona, alta, Elisa a sentia como superior a ela. Em todos os lugares onde ia essa irmã dominava os olhares e os homens se sentiam atraídos por ela. Diz Elisa que todos os homens mais bonitos da festa se atiravam a ela. A outra irmã também lhe parecia ser mais bonita que ela.

Ela, a caçula, a menor em tudo. Daí a necessidade de sobressair de ultrapassar essa carga das irmãs. Ela se refugiou no estudo. Enquanto as outras não estudaram, ela foi sempre excelente aluna.

O pai era muito bom. A mãe ...dona de casa. Fiquei sabendo na sessão seguinte que a mãe não era carinhosa, era meio distante e o pior é que a havia destinado a “ser companheira dela”, mãe. Para isso pretendia que ela não estudasse ficasse em casa, aprendesse apenas as prendas domésticas. O pai que era inteligente a salvou, dizendo que a deixasse estudar.

A madrinha, a irmã mais velha, quis sempre ser a segunda mãe de Elisa. Porém uma mãe com traços de perversão. Essa “mãe” pretende ter uma vida sexual através de Elisa.

Há cerca de vinte e cinco anos atrás, Hortênsia a chamou para morarem juntas em Lisboa, primeiro numa espécie de pensão, depois passaram a viver num apartamento que pertencia ao pai. Elisa já jovem foi apresentada pela irmã a um homem o Nicas – forte machão - com quem acabou por ter uma relação bastante atribulada. Elisa tinha paixão por ele, mas sentia que ele não era um homem com quem se casaria. Ele não lhe dava segurança. Ele queria sempre fazer amor com ela, ela queria, mas lhe oferecia resistência, no começo, porque era ainda medrosa, provinciana. Um belo dia ela chegou em casa e viu o paletó dele no sofá e procurou-o e não o encontrou.

Em resumo, ele estava no quarto da irmã e com ela, a madrinha, a portas fechadas. Disseram que estavam escondidos para dar-lhe um susto. Mas Elisa percebeu que eles deviam tiveram relações sexuais e isto a deixou profundamente decepcionada com ele e com a irmã. Ela vai deixando de encontrar com ele, desinveste este objecto que a ameaçava.

Um belo dia é a irmã, outra vez, quem a apresenta ao Pedro, o que veio a casar-se com Elisa e com quem viveu vinte anos e teve as duas filhas. Foi ele quem a deixou, no final desses vinte anos. Ela o sentia fraco, não era como o Nicas.

A irmã (a madrinha), depois que ela se casou, foi perdendo o rumo, pois não podia mais “criá-la”, tê-la sob suas ordens, acabou por se casar com um homem de quem não gostava. Dominou-o completamente, massacrrou-o, principalmente após a reforma. Este adoeceu e acabou por falecer. É viúva e não tem nenhuma actividade,

nem teve mais relações amorosas depois da morte do marido. Ela é do tipo que atrai os homens, apenas. Parece haver nela uma forte homossexualidade latente.

Do ponto de vista antropológico, ela se enquadraria no sector das bruxas, mulheres cuja libido insatisfeita as transforma em objectos malignos para os próximos.

Elisa se sente sempre na obrigação de convidá-la para passeios, festas, mas não tem vontade de fazê-lo, uma vez que se ela for, acaba por ser inconveniente, revelar publicamente coisas íntimas dela, de Elisa.

Diz que já conseguiu fazer o *Curriculum*, mas não conseguiu tirar a carta de condução.

Pensei que deve ser difícil para ela “conduzir-se”. Sugeri levemente, sem insistir no assunto – que, tendo sido conduzida por aquela “madrinha” e, posteriormente pelo marido, agora que está só, é difícil conduzir-se. Na verdade sempre foi. Pelo que sinto havia um acordo perverso entre as irmãs.

Sessão de 26/10

Elisa falou muito na família na mãe de quem ela não recebia carinho, das irmãs que deixaram a casa para estudar, sendo muito mais velhas que ela, portanto ela passou a ter contacto com elas nas férias, quando voltavam para casa.

Falou do irmão, Ilídio que era meio perdido, deixou Portugal e foi para o Brasil já jovem e nunca voltou. Morreu lá. A mãe escrevia sempre para ele, mas quem redigia as cartas era ela, menina ainda, deixava de ir brincar para ficar um tempo enorme a escrever o que lhe ditava a mãe.

Sessão de 9/11

Dia 2 não veio por ter ido à terra Morgado no Trás os Montes, visitar a mãe viúva. A mãe foi levada do lar onde mora para a casa. Ali ficaram as três. A Fernandinha irmã casada do Porto, não foi, mas ficou sentindo-se culpada, tanto que telefonava e procurava vitimar-se: “Estou mal etc.”

A sessão girou em torno da madrinha que afinal foi com ela e que quis dominá-la o tempo todo reclamando quando ela se ausentava para ir ao cemitério (ela disse que sentia-se bem de ir lá todos os dias).

Na casa onde morou desde menina, Elisa ficou no quarto onde sempre viveu. Ali sonhou um dia que o quarto estava completamente vazio e que o pai a ajudava em alguma tarefa que ela não lembra qual. Aqui fica muito clara a relação edipiana. O pai morto – em sonho ela pode tê-lo no quarto vazio. Ela e o pai. Nesse momento ela se sentia muito só. Depois da morte do pai passou um tempo sem procurar os amigos. Mas agora na volta de Morgado sentiu que estava em condições de relacionar-se. Talvez depois de ter estado “sozinha” com o pai em sonho e no cemitério, onde disse ter ido diariamente.

A madrinha conseguiu enfurecê-la (a ponto de ela dar dois gritos com ela) de tanto que repetia coisas, procurando desviar-lhe a atenção da televisão falando coisas banais, sem interesse.

Finalmente no autocarro de volta, havia um homem com o qual as duas conversaram e que a madrinha destinou a ser namorado de Elisa, uma vez que o francês jovem não é aprovado pela madrinha, não foi “engatado” por ela.

Elisa deu uma indicação de que ela deseja comandar terapia: fala sem parar o tempo todo, sempre me mostra uma imagem sua bem benevolente e, hoje, abriu um

livro desses de auto-ajuda. Eu disse-lhe que aquilo eram coisas superficiais, que se aplicam a todas as pessoas que igualmente buscam a superficialidade. O que importa é ela saber o porquê dessa relação doentia entre ela e a irmã, suas razões mais profundas.

No final ela disse com os olhos vermelhos que gostava muito da irmã, que eu não pensasse que o que ela falou era um desamor.

Fiquei sabendo hoje que a irmã do Porto é muito bem casada e que tem dois filhos, uma moça casada que já tem filhos e um rapaz de 33 anos que vive na casa materna sem contribuir em nada e que já teve um caso amoroso, mas que no momento nem pensa em sair de lá.

A respeito da irmã de Elisa, a madrinha, podemos conferir o que diz Françoise Dolto: fala de uma supercompensação de uma homossexualidade anal ou oral recalcada – “por ocasião das dificuldades que essas mães suscitam na evolução adolescente de suas filhas ou filhos crescidos”. Essas mulheres recorrem a todo tipo de médicos e até a quiromantes etc para mitigar a sua insatisfação.

Penso que há uma homossexualidade recalcada nessa irmã que “acendia” os homens, tinha muitos admiradores, e que, porém, não se casou com um homem que ela amasse, ao contrário, casou-se com o primeiro que lhe propôs casamento depois que Elisa se casou, como que por despeito. Ela tiranizou este homem até a sua morte. Ficou viúva e não se casou mais. E, tenta sempre, como se viu, controlar a vida amorosa de Elisa.

16/11

Hoje Elisa começou a sessão a falar do tal homem que conheceu no autocarro e que a irmã Hortênsia fazia gosto que ela cultivasse. Disse que ele lhe telefona sempre e que agrada-lhe muito a conversa com ele. Colocou uns senões no André. Que ele é muito carinhoso, muito isso e aquilo, mas que tem alguma coisa de diferença de mentalidade. Que ele não deixou que o filho a abraçasse numa das vezes em que foi lá. E que das duas uma : ou ele não quer que o menino se prenda demais a ela ou ele tem uma objectividade que não agrada muito a Elisa.

Sinto que ela me mostra dela mesma sempre uma face boa, justa, carinhosa, sem defeitos. Avalia bem o que se passa. Essa mulher é bonita inteligente, tem uma actividade interessante, tem um namorado, tem um pretendente com quem fala ao telefone, tem muitos amigos, sente-se só, o que prova que trata-se de uma lacuna da ordem do desejo e é inconsciente.

Motivos conscientes que ela oferece como explicação por estar só:

1º - o André não vai ficar sempre em Portugal. Por uma diferença de mentalidades, também ela não o sente como o marido que vá ficar com ela com quem ela vá envelhecer, no modelo do pai e da mãe que foram sempre muito unidos.

2º - Ela se preocupa muito em ter a mãe em casa. Sente-se muito culpada por a mãe estar longe.

3º - para tampar essa “solidão” tem um hábito de querer dormir com a mãe, ou com a filha (Lara); perguntei-lhe como era quando era casada, ela disse que não era assim que ela ia à cama das filhas e ficava um pouco com cada uma até adormecerem. Mas quando já adulta casada quando ia a casa dos pais gostava de deitar com eles e partilhar aquela coisa gostosa da família de sentir-se ali.

Elisa faltou à última sessão marcada e desmarcou outra por ter ido a Trás os Montes visitar a mãe. Depois faltou sempre até desistir, sem ter realmente reflectido sobre o tratamento, sobre a sua saída.

Reflexões sobre o caso

Depois da última sessão em que eu senti que ela se mostrava muito cordata, com ideias muito sensatas, procurei entender o que estava acontecendo, uma vez que ela não estava bem, não conseguia se sentir bem com o namorado no sentido de fazer projectos de vida com ele, sentia-o também um pouco diferente dela, como pertencente à cultura francesa, certas atitudes dele com o filho, não lhe agradavam. Um amigo de Elisa disse-lhe que ela é muito exigente com os homens. Eu diria que há uma impossibilidade de ter uma relação boa, a impossibilidade da histórica.

Por um lado houve em sua vida um homem cobiçado que pertencera a outra – ou seja à mãe que era a dona dele. A mãe rival – que actualmente, porém, é uma pessoa frágil, que tem que ser protegida e que lhe causa culpa.

O sonho que teve quando passou uns dias na casa dos pais foi exactamente com o pai. No sonho Elisa realiza o desejo: estava sozinha no quarto que era dela, não havia nada no quarto, nem objectos, nem móveis. Havia apenas o pai que a ajudava.

Por outro lado ela tem uma outra mãe: a madrinha a irmã mais velha. Ela seria a mãe não ocupada por homem algum, que se ocupa da Elisa, que lhe cobra uma fidelidade nunca alcançada, porque o desejo dela é inafiançável. Com essa mãe também Elisa mantém uma culpa. Quer estar com ela, mas quando está é para se aborrecer.

Agora eu perguntaria: como se satisfazer com um homem, tendo que lutar com esses fantasmas de dupla mãe?

Como disse antes, Elisa sempre fala que quer dormir na mesma cama que a mãe quando ela vier passar um tempo na casa dela. Ou que gosta de dormir com a filha Lara que é uma jovem.

O querer dormir com... me pareceu que sugere um vazio que nunca conseguiu preencher. Algo que tem a ver com uma libido insatisfeita. Tentou preencher no casamento, mas o marido foi desvalorizado por ela, a ponto de sair de casa e ir procurar outra mulher.

Agora numa fase pré-menopausa, ela tenta um homem bem mais novo que ela (no modelo avatar de um filho, que já vimos) e outro bem mais velho. O velho a decepcionou. Não era como o pai, ou seja, não encontrou nele o pai que procurava. O novo é belo, é um docinho, ela gosta de vê-lo dormindo, acordado, mas falta alguma coisa. E, finalmente, ainda há um com quem ela só fala ao telefone e que parece estar mais dentro da sua cultura e maneira de pensar (é o que a madrinha arranjou). Mas não tem uma relação concreta – só “pela voz” o que é uma pulsão parcial – um objecto *a*.

Por um lado há uma “madrinha” com um fantasma de homossexualidade, da qual ela tira uma enorme “vantagem”, ou, melhor dizendo, gozo disso. Esse é um fenómeno tipicamente histérico. Dissocia-se a responsabilidade da escolha de objecto. Sempre alguém que decide, não ela.

Fantasma da dissociação levado a um ponto alto – a propósito da histeria. A madrinha faz conter nela muitos aspectos dela própria, também ela se aproveita da

madrinha para se libertar e se solta da responsabilidade própria. “Foi minha madrinha que disse” que devo desejar esse ou aquele.

Sempre fala por interposta pessoa. Ela tem uma transferência sobre a irmã. Aceitar o que a madrinha sugere é um tipo de regressão. Pois ela tem segredos que não pode confessar à madrinha. O desejo do pai a faz ficar paralisada. Se não fosse isso ela poderia cobrar da madrinha o facto de esta ter tido relações sexuais com o Nicas namorado que era dela, Elisa.

Na pré-menopausa investe, por último, em dois tipos de avatares do pai: o amante mais jovem e o mais velho. Nenhum dos dois a satisfaz porque não foram “provados” nem aprovados pela madrinha, o duplo de mãe, a perversa.

Entre as duas mães, uma ocupou o pai real, outra compartilha os seus amantes. Elisa não cresce emocionalmente, pois vive mergulhada nesse narcisismo primário, ou segundo Lacan, no registo do imaginário.

Tenta sempre a conquista do lado masculino do grafo da sexuação: ter o falo. Sem prescindir da mascarada do feminino. Mas mesmo para consegui-lo é preciso crescer. A conquista do falo tem sido através do trabalho, da fama e da parceria com um Outro importante (Cavaco, por exemplo). Ela esbarra sempre em outras mulheres que fazem abortar seus planos, colocam-se acima dela: a madrinha, as colegas de trabalho que poderosamente a derrubam - observe-se a repetição.

Encontrei-a muito tempo depois de ela ter abandonado o tratamento. Estava muito gorda, menos atrente e disse-me que precisava muito voltar a se tratar. Disse ainda que o seu “docinho”, o André tinha mesmo ido para a Espanha.

6 – CONCLUSÕES

O desenvolvimento desse trabalho veio indicando parcialmente as conclusões a que pudemos chegar de forma absolutamente provisória, já que nessa área de conhecimento e de prática qualquer trabalho será sempre uma etapa de um *work in progress* que se faz e refaz todos os dias, na clínica, na pesquisa e formação pessoal, nas supervisões, nos seminários, congressos etc, onde trocamos as últimas aquisições do saber.

Nosso ponto de partida foi o trabalho de Helen Deutsch cuja perspectiva nos remete a uma crise do meio da vida da mulher, crise esta que a faz balançar em sua estrutura. Também Christine Laznik e Madeleine Gueydan partem desse pressuposto. Vimos que, entretanto, muitos autores não concordam com o “pessimismo” de Deutsch. Também nosso trabalho vai na contra corrente culturalista e das feministas, em especial, que pensam que a menopausa é um bom momento para finalmente a mulher poder deixar de forçar a natureza para ter que seduzir sempre. O que buscamos foram as invariantes numa estrutura do ser feminino.

Na hipótese do trabalho nos propusemos a sublinhar um aspecto que muitos psicanalistas abordam, porém, que nos pareceu ser crucial, central para encontrar a chave do mal estar da mulher na menopausa: o objecto mãe ressignificado no triângulo edipiano, no meio da vida.

Observando o andamento do trabalho, tendo em vista as renúncias que a que a mulher está sujeita nesse momento, fomos levados a procurar as diversas saídas possíveis da mulher na menopausa. Essas saídas, embora distintas entre si todas levaram a corroborar esse elemento estrutural do feminino, a figura imaginária da

mãe, o gozo e o fascínio que provém dessa relação prematura (recalcado) que impede muitas vezes que o sujeito se lance em busca do desejo pela culpa.

A saída com a identificação à mãe, tendo como objecto de amor o pai em seus avatares, um filho, um amigo do filho, um rapaz jovem - é uma das saídas que foi possível observar em casos clínicos, bem como na literatura e até mesmo tem aparecido nos *media*, em novelas de televisão.

Uma segunda possibilidade apontada seria a identificação ao pai tendo como objecto de amor a mãe em seus avatares, uma mulher, uma jovem. Examinamos o caso Simone de Beauvoir – Sylvie. Aqui como foi examinado, há um remanejamento da posição do sujeito com a passagem para o lado masculino do grafo da sexuação. Como se viu Beauvoir passou a se sentir bem quando desistiu de querer seduzir o homem, o que a deixava inquieta pelas perdas no corpo, verificadas nessa etapa da vida. A relação com a jovem foi como se ela pudesse recuperar uma boa relação mãe/filha, em que ela poderia ocupar os dois postos, ora mãe, ora filha e ainda realizar a relação incestuosa imaginária proibida, sendo sua amante como afirmou.

A ressignificação da fase pré-edípica, fixação à mãe como objecto de amor/ódio, com muita culpa e sofrimento. O masoquismo aqui triunfa como gozo (que precisa ser trabalhado em análise) e leva ao desinteresse sexual e ao desinvestimento total no parceiro/a (caso Penha).

A passagem da mulher para o lado masculino do grafo da sexuação (Lacan) é também uma saída com o investimento libidinal numa profissão, por exemplo; finalmente é possível ainda o investimento do excesso de libido numa actividade sublimatória conservando-se a mulher no seu lado feminino. O exemplo de Sonia Delaunay é eloquente.

Em todas as saídas apontamos a necessidade do luto da mãe, esse Outro que se faz imaginariamente absoluto numa fase pré-edipiana e que permanece recalçado como obstáculo. Reaparece na ressignificação do triângulo edipiano nessa “última saída do Édipo” da mulher em menopausa.

As saídas apontadas não são as únicas evidentemente. Outras poderão ser possíveis, sem ou com sintoma. De qualquer forma, seria desejável que houvesse uma integração entre ginecologistas e psicanalistas para que fosse oferecido à mulher não só uma terapia hormonal substitutiva que é importantíssima, mas também o exame dos fantasmas que se tornam inquietantes e que não permitem um acesso às realizações a que todo ser humano tem direito em todos os momentos da vida.

Creio que o que realizamos em um semestre na Maternidade Alfredo da Costa no consultório das ginecologistas Ana Fatela e Amália foi uma experiência de valor para ambos clientes e terapeutas.

Termino oferecendo à meditação um poema de Teresa Rita Lopes em seu último livro (até o presente momento): *A fimbria da fala*

Reencontro

Minha boa amiga
minha velha
aqui estamos

Reconheço
teu sorriso
teu contacto
doce
minha mãe

minha irmã

minha mão

Isto é: minhas mãos

descansai

as duas

no meu colo

Aqui

sempre voltamos

de todas as jornadas

(...)

6 - BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ASSOUN, Paul-Laurent *Freud e a mulher*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993
- BOURGUIGNON, Silas Cabral. Função materna e delinquência. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, edição de 26 de Janeiro, 2001.
- AULAGNIER-SPAIRANI, P. et al. *Le désir et la perversion*. Paris: Seuil, 1967.
- AULAGNIER, Piera. La 'filiación' persecutoria. *Revista de Psicoanálisis* 4, tomo XXXVII. Asociación Psicoanalítica Argentina. Julio-Agosto, Buenos Aires: 1980: 641-652.
- BENEDEK, T.: (1948) Climacterium: A Develomental Phase. In *Psychoanalytic Investigations*. New York: Quadrangle, 1973, p. 322-345. 1ª publicação *Psychoanalytic Quarterly*, XIX (1950).
- _____. Sexual functions in Women & their Disturbances. In: *American Handbook of Psychiatry*, ed. Silvano Arieti. New York, Basic Books Inc, 1974. Vol.I: 569-591.
- BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- CHEMAMA, Roland dir. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Dictionnaire des signifiants, concepts et mathèmes de la psychanalyse. Paris, Larousse, 1993.
- DE NEUTER, Patrick. A sexualidade das mulheres à prova de sua maternidade. *Psicanálise e clínica de bebês*. Curitiba: Associação Psicanalítica de Curitiba, ano IV, n.4, Dezembro 2000: 109-124.
- DELANÖE, D. Variations transculturelles sur la ménopause. In *Traité de gynécologie obstétrique psychosomatique*; org. Silvain MIMOUN. Paris, Médecine-science Flammarion, 1999: 283-287. Apud Laznik 2002:
- DEUTSCH, Helen. *La psychologie des femmes*. Étude psychanalytique. Paris: Presses Universitaires de France, 1959, Tome II.
- _____. *La psychanalyse des névroses*. Études de clinique psychanalytique. Trad. Georgette Rintzler. Paris: Payot, 1970.
- DEVEREUX, G. The psychology of feminine genital bleeding: An analysis of Mohave Indian puberty and menstrual rites. In: *Int. J. Psycho-Anal*, 1950, vol. XXI, part IV:237-257. Apud Laznik, 2002, p.
- DIAS, Carlos Amaral,. *Freud para além de Freud*. Colaboração de Lubélia Magalhães. Lisboa: Fim de Século, 2000.
- _____. O negativo ou o retorno a Freud. Lisboa: Fim de Século, 1999.
- DIAS, Amaral. *Para uma Psicanálise da relação*. Porto: Afrontamento, 1988.
- _____. *(A) Re-Pensar*. Colectânea psicanalítica. Porto: Afrontamento, 1995.
- DOLTO, Françoise. *A sexualidade feminina*. Trad. R.Cortes de Lacerda. São Paulo: Martins Fontes. 1982.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto alegre: Artes Médicas, 1989.

- FÉDIDA, Pierre. "Modalités de la communication dans le transfert et moments critiques du contre-transfert". *Communication et représentation*. Nouvelles sémiologies en psychopathologies. Dir. Pierre Fédida. Paris: Presses Universitaires de France, 1986.
- FÉDIDA, Pierre. "Théorie des lieux dans la psychanalyse sur la transformabilité métapsychologique du modèle". Actualité de modèles freudiens. Langage, image, pensée. Colloques de la *Revue Internationale de Psychopathologie*. Dir. Pierre Fédida et Daniel Widlocher. Paris: PUF, 1995.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. directa del alemán Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948, Vol. I e II.
- _____. "O inconsciente, os sonhos e a vida pulsional". *Textos essenciais da Psicanálise I*. Seleção e introdução de Anna Freud. Trad. Inês Busse. Nota introdutória à edição portuguesa, revisão e notas de José Gabriel Pereira Bastos. Lisboa: Europa-América, 1995. 2 ed.
- _____. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". *Textos essenciais da Psicanálise II*. Seleção e introdução de Anna Freud. Trad. Inês Busse. Lisboa: Europa-América, 1989.
- FREUD, Sigmund. "A estrutura da personalidade psíquica e a psicopatologia". *Textos essenciais da Psicanálise III*. Sel. e introdução de Ana Freud. Trad. Inês Busse. Lisboa: Europa América, 1989.
- _____. *Edição eletrônica da Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. James Strachey dir., Jaime Salomão dir. ed. bras., Eduardo Salomão dir ed. Eletrônica. Trad. José Luis Meuer et al. Rio de Janeiro: Imago, s/d.
- FUENTES, Carlos. *Aura*. Trad. Olga Savary. Porto Alegre: 1981.
- GREER, Germaine. *Mulher: maturidade e mudança*. Trad. Analaura Faria de Antezana et al.. São Paulo, Augustus, 1994.
- GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Metapsicologia freudiana I: Sobre as afasias (1891) e O Projeto de 1895*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- _____. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- HERITIER, F. *Masculino-feminino, o pensamento da diferença*. Trad. Cristina Furtado Coelho. Lisboa: Piaget, 1998.
- _____. *La femme d'âge mûr dans les sociétés traditionnelles*. *Journées de techniques avancées en gynécologie, obstétrique et périnatologie. Ménopause. Sida, grossesse et société*. Paris: Arnette, 1990: 157-162.
- HILST, Hilda. *A obscena Senhora D*. São Paulo: Globo, 2001
- JULIEN, Philippe. *O retorno a Freud de Jacques Lacan: A aplicação ao espelho*. Trad. Ângela Jesuino, Francisco Franke Settineri. Supervisão Alduísio Moreira de Souza.. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- KAUFMAN, Pierre ed. *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Trad. Vera Ribeiro, Maria Luiza X. A. Borges. Supervisão ed. pelo psiquiatra e psicanalista Marco António Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- KEHL, Rita (1998). *Deslocamentos do feminino*. A mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

- LACAN, Jacques. *Écrits I*. Paris: Seuil, 1966.
- _____. *Écrits II*. Paris: Seuil, 1971.
- LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre V: les formations de l'inconscient*. Paris: Seuil, 1998.
- _____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Trad. António Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *O seminário, livro 8: a transferência*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____. *Le séminaire, livre XX: Encore*. Paris: Seuil, 1975.
- _____. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- _____. *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.
- LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Trad. Brigitte Cardoso e Cunha *et al.* Lisboa: Assírio e Alvim, 1987.
- _____. *A família*. Trad. Brigitte Cardoso e Cunha *et al.* Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- LAZNIK, M. Chritine (2002). *Sexualité féminine à la ménopause. La féminité revisitée*. Thèse. Université de Paris XIII.
- _____. La voix comme premier objet de la pulsion orale. Langages du très jeune enfant, *Revue Psychanalyse et enfance du Centre Alfred Binet*. France: Monde Interne, 2000: 101-117.
- _____. Du bon usage du Viagra dans la crise du couple au milieu de la vie. *Masculin-Féminin, Le bulletin freudien*, 37/38. Belgique: 2001:107-110.
- LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, J. B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Sous la direction de Daniel Lagache. Paris: PUF, 1967.
- LALANDE, André. *Vocabulaire de la Philosophie*. Paris: PUF, 1962.
- MANN, Thomas. *O cisne negro*. Trad. Domingos Monteiro. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.
- MANNONI, Maud. *Elas não sabem o que dizem*. Virginia Woolf, as mulheres e a psicanálise. Trad. Lucy Guimarães. Rev. técnica Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- MARRACINI, Eliane M. *Mulher: significados no meio da vida*. Dissertação de Mestrado em psicologia clínica. São Paulo: PUC/SP, 1999.
- _____. Menopausa: contexto, significados e atendimento psicológico. *Revista Medicina climatérica*. São Paulo: 2000.
- _____. *Encontro de mulheres – uma experiência criativa no meio da vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- _____. “Paroles de femmes entre elles”. Conferência apresentada no Congrès de l'Association Fredienne Internationale, *La demande de l'analyse à la ménopause*. Paris: 2002.
- MARISCAL, Diana Lidia. S2: função da verdade. *Letra Freudiana - Ano XI: 10/11/12*. Pulsão e gozo. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, s/d.
- PICKMANN, Claude-Noële. “Une solidarité d'obstacle”. Paris: 2000. (Manuscrito)

- _____. La féminité à l'heure de l'émancipation. Communication donné au Coloque d'Espace analytique "Le féminin: une question pour la psychanalyse". Paris: 1999, à paraître dans *Revue internationale de clinique lacanienne*, n° 5..
- PINES, Dinorah. Pregnancy, miscarriage and abortion. A Psychoanalytic Perspective. *The International Journal of Psycho-Analysis*,. Further Rome Congress Papers. Published in conjunction with *The International Review of Psycho-Analysis*. London: Routledge, 1990. Vol 71, part 2: 301-307.
- POMMIER, Gérard. *A excessão feminina*. Os impasses do gozo. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- RENIK, Owen. An Exemple of Disavowal Involving Menstrual Cycle. *The Psychoanalytic Quaterly*, v. III, 4. New York, 1984: 523-532
- ROAZEN, Paul. In Helen Deutsch. *Psychoanalysis of the sexual functions of women*. New York: Brunner/Mazel, Inc., 1991.
- RODRIGUES, Selma Calasans. Canto/contracanto: a paródia. *Revista de Humanidades e Culturas*. Dossier línguas e culturas. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2001-2002: 238-246.
- ROUDINESCO, Elisabeth et PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Trad. Vera Ribeiro *et al*. Versão português de Portugal Isabel St. Aubym. Revisão científica Carlos Amaral Dias e Eugênia Carvalho. Lisboa: Inquérito, 2000.
- STRYCKMAN, Nicole. O desejo de filho no homem e na mulher. *Psicanálise e clínica de bebês*. Curitiba: Associação Psicanalítica de Curitiba, ano IV, n.4, Dezembro 2000: 91- 108.
- TOLIPAN, Elizabeth. Os paradoxo do prazer. *Letra Freudiana* - Ano XI: 10/11/12. Pulsão e gozo. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, s/d: 210-216.
- ZVEIG, Stefan. *Vinte e quatro horas na vida de uma mulher e outras novelas*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Record, 1999.